



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR EM ESTUDOS
ÉTNICOS E AFRICANOS**

Dissertação de Mestrado

A Trama Racial na Mídia Policial Baiana

Alex Lima Vasques

**SALVADOR-BA
2023**

Alex Lima Vasques

A Trama Racial na Mídia Policial Baiana

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos Étnicos e Africanos.

Orientador: Prof. Dr. Jesiel Oliveira

Coorientador: Prof. Dr. Osmundo Pinho

SALVADOR-BA
2023

Biblioteca CEAO - UFBA

V335 Vasques, Alex Lima .

A Trama racial na mídia policialesca baiana / Alex Lima Vasques. - 2023.
146 f.

Orientador : Profº Drº Jesiel Oliveira.

Coorientador: Profº Drº Osmundo Pinho.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Estudos Afro-Orientais, 2023.

1. Mídia. 2. Segurança pública. 3. Imagem corporal. I. Oliveira, Jesiel. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Centro de Estudos Afro - Orientais. III. Título.

CDD - 306.27

ALEX LIMA VASQUES

A Trama Racial na Mídia Policial Baiana

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos Étnicos e Africanos.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jesiel Ferreira de Oliveira Filho

Prof. Dr. Osmundo Santos de Araújo Pinho

Prof. Dr^a. Sara da Nova Quadro Cortes

**Salvador
2023**

AGRADECIMENTOS

À minha coroa, Sônia Beatriz Montezano Vasques, mulher a quem devo muito do que sou, aquela que me acompanha desde os meus primeiros passos. Mainha, a senhora é a melhor mãe do mundo. Á minha filha Inaê Abayomi, presente das águas que veio para iluminar, encher de amor, alegria, felicidade e me fez sentir/perceber que o meu maior propósito no Ayiê é ser Pai. Filha papai te ama, ama, ama, muitíssimo. A sua chegada transformou a minha vida, agradeço por ter me escolhido para ser seu pai. A Joyce Souza Lopes, mãe de Inaê, companheira leal em tantos momentos, pessoa que agradeço que as encruzilhadas da vida terem a colocado nos meus caminhos, a qual tenho carinho, admiração e respeito inestimável, sempre seremos família.

Okê Arô Babá mi! À meu pai Oxóssi por guiar e permitir cada passo dado. À Ori por me permitir ser muito abençoado diariamente. A orixá gbogbo pelas bênçãos, pelos caminhos abertos, pelo cuidado e pelo axé. Citando meus irmãos do Afrocidade **“A nossa história começou foi lá na África”**.

À Zilma Montezano Vasques (In memoriam), Voinha, um dos seus sonhos era ver seu neto formado, ultrapassei os limites e a senhora pode vibrar com seu neto se tornando mestre. À tia Carmem, sempre serei grato pelo amor e cuidado. À tia Nani, pela força e ousadia, aos minhas primas e meus primos Camila, Otila, Taís, Arriê, Daniel, Yluaê e Thiago. À tio Tarcicio, tio Jeff (In memoriam), tio Paulo (In memoriam) e meu avô Degues (In memoriam). Á vó Olga (In memoriam), por ser a fortaleza dos Lima, a tia Creusa, pelo acolhimento e Andreia e Ailton, por todo carinho e afeto, e em nome das quatro agradeço a toda família Lima.

À minha família de santo, peço agô as minhas agbas para chegar miudinho, Mojubá Iyá Jikwê, Mojubá Iyá Feromi, Mojubá Iya Silewá, Mojubá Iyá Nitinha de Iroco, essas grandes mulheres foram responsáveis por erguer a casa de Xangô que completará 93 anos de existência em setembro de 2023. À família do Ilê Axé Obá Kossô Omi, a bênção para quem é de a bênção, Mussalejí Babá, em nome do nosso grande sacerdote Babá Jorge de Olwayiê, minha navalha, agradeço a toda Egbe por cada aprendizado, cada troca, por zelar com todo esforço pela casa do Rei.

As minhas amigas e meus amigos, como retrata a música de Emicida “Quem tem um/a amigo/a, tem tudo”, Aline Nzinga, Keline Carvalho, Oyá Iyalê, Gabriella Pitta, Adaayo (Gabriely Varela), Luana Alcântara, Maria Hortência, Mariana Lopes, Nyamewaa

Rá Nija, Daline Mendes, Leandro Santos, Jeferson Conceição, Denis Michel de Souza, Igi Kolê (José Renato), Alan Valadares, Diego Antunes, Ricardo Coutinho, Renata Nascimento, Amanda Lima, Esaú Menezes, Silas Menezes, Nando CDD, Andinho e toda família CDD, Eric Mazzone, Sarah Nascimento, Italo Menezes, Kleiton Alder, Valdivio Pinto (Pardal) e toda família de Camaçacity, em especial a geral que cola na Praça Abrantes, ou melhor, a Praça que sempre teve a digital do parceiro “FUFA” in memoriam. Um salve para Gabriel, Eduardo, José, Danilo, Bela, Renata, Pedro, Orion, Vitor, Pipo e toda família do Cotê.

Ao Programa Direito e Relações Raciais – PDRR, aos professores Samuel Vida, Tatiana Gomes, Mauricio Azevedo, Ivana Freitas, Barbara Carine, Laís Avelar, as/aos amigas/os que levo do programa para a vida, Marcele Oliveira, Emanuele Celina, Anderson Oliveira, Islana Soares, Igor Oliveira, Yasmim Oliveira, André Santos e Alan Nascimento em nome de que comprimentos as/os outras/os colegas. O PDRR é um quilombo acadêmico necessário em um espaço que permanece conservador e elitista, como é a Faculdade de Direito da UFBA. O programa é um espaço de potência, de aquilombamento de ideias insurgentes na busca de pensar caminhos de fortalecimento dos laços fraternos entre pessoas negras.

Ao Rap umas das escolas mais potentes de formação política e cidadã, horas escutando Racionais MC’S, Fação Central, 509 E, Quilombo Vivo, Velório Negro, Um Konto, Contenção 33, Nova Era, Dark, Ravi, Double Deck, Representa Clan, Ao Quadrado, Expresso Rima, GOG, MV BILL, Quinto Andar, Comando Selva 22, MV Hemp, Muleka 13, Dropê, Dj Naldinho, Rapin Hood, Sabotage, SNJ, Negra Li, Kmila CDD, Xis, Mano Oxi, Familia Ugang, entre outras/os mestres da cultura periférica.

Ao Representa Clan, aos brabos que pude compartilhar vivências nas ruas em que as palavras não alcançam, muitas trocas, aprendizados, ensinamentos, ação e intervenção que marcam do movimento Hip Hop de Camaçari, baiano e a nível nacional. Com meus irmãos, Uri Menezes, José Macedo, Renan Kbeça, Ricky Cabral, Rodrigo Estevão, Rodrigo Oream, Tiago (Chal), Thiago (Panqueca), Lone, desenvolvemos projetos tão valiosos quanto o “Roda Gigante”, o “Hip Hop Escola” e “Hip Hop Comunidade”, posso arriscar dizer que salvamos vida.

Aos movimentos sociais, movimentos negros, a organização Reaja ou Será Morta/o, aos terreiros de Candomblé, aos blocos afros, as escolas de samba, a capoeira, a todas as organizações políticas e/ou culturais que se respeitam e honram as/os que vieram antes. Aos meus orientadores, Prof. Dr. Jesiel Oliveira e Prof. Dr. Osmundo Pinho, pela paciência,

orientação cuidadosa, compreensão e estímulo a criatividade no fazer acadêmico.

Ao Pós - Afro pela abertura acadêmica que permitiu esta pesquisa com DNA crítico ser realizada. Aos meus colegas de turma, Amanda Medeiros, Tayran Vasconcelos, Emilly Chaves, Victoria Maldonado, Uilson Viana e Giovanna De Carli.

RESUMO

O presente trabalho navega no campo dos programas policiaiscos com o objetivo de analisar criticamente a veiculação da imagem das pessoas negras expostas nestes programas. No primeiro momento trago a discussão acerca do contexto social e histórico das origens dos programas policiaiscos no mundo e no Brasil, após este momento estabeleço o recorte temporal e olhar que será dado tendo em vista a amplitude da temática. No segundo momento estipulo o caminho necessário para compreender as representações sociais da corporalidade negra na mídia baiana, mais especificamente nos programas policiaiscos, como também discuto a criminalização, a construção de estereótipos e as resistências envolvidas nestas circunstâncias. Neste ponto, a “Roma Negra” ou a “Cidade-Túmulo” (BORGES, 2012) se impõe como território, espaço/tempo fundamental para interpretar o conjunto de fios que tecem a *Trama Racial*, a qual os programas policiaiscos estão imersos. O próximo passo foi problematizar a política de segurança pública do Estado da Bahia enquanto máquina de moer gente preta, a partir de estratégias de resistências do povo negro e de tragédias envolvendo violência e derramamento de sangue preto. Na parte final do trabalho faço um mergulho nas evidências percebidas no campo, o primeiro passo foi uma análise quantitativa apreendida de dados primários catalogados no desenvolvimento da pesquisa e o segundo passo foi à análise qualitativa, a qual emergiu do diálogo que transitou do “Ípadê discursivo a Etnografia da Trama”. Finalmente faço as considerações finais ao refletir que mais que demonstrar respostas conclusivas, o resultado da pesquisa é levantar novas perguntas e apresentar olhares originais e caminhos possíveis para discussão no campo-tema.

Palavras-Chave: Trama Racial, Programas Policiaiscos, Mortificação da Imagem, Genocídio do Povo Negro.

ABSTRACT

The present work navigates in the field of police programs with the objective of critically analyzing the propagation of the image of black people exposed in these programs. In the first moment I bring the discussion about the social and historical context of the origins of police programs in the world and in Brazil, after this moment I establish the temporal cut and look that will be given in view of the breadth of the theme. In the second moment, I stipulate the path necessary to understand the social representations of black corporality in the Bahian media, more specifically in police programs, as well as discussing criminalization, the construction of stereotypes and the resistance involved in these circumstances. At this point, the “Black Rome” or the “Tomb-City” (BORGES, 2012) imposes itself as a territory, a fundamental space/time to interpret the set of threads that weave the Racial Weave, in which police programs are immersed. The next step was to problematize the public security policy of the State of Bahia as a machine for grinding black people, based on strategies of resistance by black people and tragedies involving violence and black bloodshed. In the final part of the work I delve into the evidence perceived in the field, the first step was a quantitative analysis apprehended from primary data cataloged in the development of the research and the second step was the qualitative analysis, which emerged from the dialogue that transited from the “discursive Ipadê the Ethnography of the Plot”. Finally, I make final remarks by reflecting that more than demonstrating conclusive answers, the result of the research is to raise new questions and present original views and possible paths for discussion in the field-theme.

Keywords: Racial Plot, Police Programs, Mortification of the Image, Genocide of Black People.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Caminhada realizada pela Associação de Moradores de Cajazeiras 9, em parceria com o Instituto Malê de Acesso à Justiça.....55
- Figura 2** - Audiência pública realizada pela Associação de Moradores de Cajazeiras 9 em parceria com o IMAJ, a qual teve as presenças dos moradores da comunidade, diversas organizações dos movimentos sociais, além da Defensoria Pública, poderes legislativo municipal.....56
- Figura 3** - Card elaborado pela Organização Reaja ou Será Morta que faz uma crítica dilacerante a política lombrosiana do baralho do crime, assim como a figura nefasta do ex secretário de segurança publicado Estado da Bahia.59

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 - Gêneros das Pessoas Expostas	79
Gráfico 2 - Geração das pessoas expostas no Se Liga Bocão.....	80
Gráfico 3 - Raça/Cor das pessoas expostas	81
Gráfico 4 - Raça + Gêneros das pessoas expostas.....	82
Gráfico 5 - Participação de Agentes da Polícia	84
Gráfico 6 - Localização em que os programas foram gravados	87

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 CAPÍTULO 1 - “SALCITY: A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CADAVER”	24
2.1 “Salvador tá escaldado”, a “Roma Negra” como caminho necessário da Trama	25
2.2 Corpo negro “Na Mira” do “Bocão”: Resistências, criminalização e estereotipia na mídia	32
3 ESQUARTEJAMENTO, VIOLÊNCIA SEXUAL E LETALIDADE: RETRATOS DA POLÍTICA DE SSP DO ESTADO DA BAHIA	52
3.1 O “abraço comunitário” como uma das estratégias de resistência na escravolândia	52
3.2 “Menos escola, mais viatura. Pra dar tema, lbope a Bocão”	60
4 OS DADOS FALAM POR SI: TV VIOLENTA E DERRAMA SANGUE	73
5 - DO IPADÊ DISCURSIVO À ETNOGRAFIA DA TRAMA	93
5.1 Caminhos metodológicos	93
5.2 SE LIGA BOCÃO - Episódio nº 1: Vulgarizando a mulher negra	95
5.3 SE LIGA BOCÃO – Episódio Nº 2: Homofobia e racismo contra travesti preta.....	99
5.4 SE LIGA BOCÃO – Episódio Nº 3: Kisuki de Maria Joana.....	110
5.5 SE LIGA BOCÃO – Episódio Nº 4: Condenação pronunciada ao vivo pelo “Juízo da TV”	117
5.6 SE LIGA BOCÃO – Episódio Nº 5: Homofobia, humilhação, sensacionalismo elementos que alimentam a reportagem.	120
5.7 SE LIGA BOCÃO - Episódio nº 6: Causar dor para lucrar e lucrar com a dor causada a uma idosa.....	12031
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS	144

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge com a intenção de analisar criticamente a veiculação da imagem das pessoas negras expostas no programas policiaisco¹ “Se Liga Bocão” na Bahia no período de 2013 a 2014. Ocorre que, o Movimento Negro na Bahia questionou de forma contundente as ilegalidades reproduzidas nestes programas resultando no ajuizamento da Ação Civil Pública (ACP) contra o programa vinculado a TV ARATU, o “Na Mira”. A ACP foi ajuizada em 07 de abril de 2009, pela promotora Isabel Adelaide Moura, da vara Criminal e pelo promotor Almiro Sena, da Vara de Cidadania do Ministério Público da Bahia (MP). A ACP foi fundamentada na sistemática veiculação de imagens que incentivam a tortura e desrespeitam os direitos e garantias fundamentais, tendo solicitado à justiça a imediata suspensão da veiculação do programa, também pelo fato de que eram nele diariamente apresentadas cenas de extrema violência, bem como reportagens que constrangem e humilham pessoas negras.

Mais especificamente, o repertório discursivo e visual enquadrado pelo “Na Mira” e outros programas policiaiscos, inclui farta exibição de cadáveres banhados em sangue, relatos minuciosamente dramatizados sobre bárbaros assassinatos, imagens de pessoas feridas, torturadas, em situação de extrema exclusão social e/ou sofrimentos psíquico, ou seja, promovendo assim a banalização ou a espetacularização da violência em pleno horário do almoço, acessível à espectadoras/es televisivos de todas as faixas etárias. Nas palavras da promotora Isabel Adelaide Moura e do promotor Almiro Sena, veiculadas no site do Ministério Público do Estado da Bahia (MP)² e amplamente divulgadas por outros portais:

[...] ao realizar a execração pública, inclusive com xingamentos, de pessoas suspeitas, processadas ou condenadas pela prática de algum crime, o programa fomenta a discriminação desses e de todos que se encontrem em situação semelhante, **mormente a população afrodescendente moradora de bairros periféricos, por ser essa a que é, quase exclusivamente, mostrada diariamente.** Dessa exposição pública, decorre absurda violação da Constituição Federal no que concerne ao princípio que assinala que “ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado da sentença penal condenatória”. Isso, salientam os promotores, sem mencionar que, socialmente, a pessoa, ainda que posteriormente absolvida, já está antecipadamente condenada e com razoável parcela da sua vida prejudicada. (MP-BA, 2009, grifo nosso).

¹Os programas policiaiscos, também chamados de telejornais com temática policial, são os que tem como principal fonte de informação a ação das Polícias e trabalham prioritariamente com temas voltados a violência, criminalidade e segurança pública (SILVA,2011). Segundo Rodrigo Silva (2011), além de apresentar um maior nível de envolvimento dos seus apresentadores nas matérias veiculadas. O discurso empregado por eles apresenta uma autonomia diferenciada quando comparado ao discurso observado nos demais telejornais.

²Disponível no link: <https://www.mpba.mp.br/noticia/25095>.

Também fruto da pressão do Movimento Negro baiano em fevereiro de 2009, os diretores da TV Aratu (SBT) e TV Itapoan (REDE RECORD), já tinham sido convocados pelo MP para que realizassem os enquadramentos necessários dos programas “Que Venha o Povo (TV ARATU) e “Se Liga Bocão” (TV ITAPOAN) com a finalidade de que coibir ilegalidades e para pressionar os programas a respeitar a Constituição Federal, as leis e os Direitos Humanos consagrados internacionalmente. Deste modo, após o juiz da 4ª vara Cível da subseção judiciária de Salvador, Manuel Bahia, deferir o pedido de suspensão da veiculação do programa “Na Mira” com multa de R\$10.000,00 por descumprimento da decisão, a direção da TV ARATU procurou o Ministério Público do Estado da Bahia para firmar um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) com propósito de adequar o programa as exigências propostas pelo MP na Ação Civil Pública. Em vista disso, o MP afirmou que os programas “Que Venha o Povo” e “Se Liga Bocão”, também estavam sendo monitorados e seriam convocados a assinar o TAC, porém desde o início do diálogo com o MP, foram notadas melhorias.

Dando um passo atrás para dar dois à frente, me parece interessante trazer de forma sucinta elementos acerca das origens deste fenômeno. As raízes dos programas policiais podem ser atribuídas ao jornalismo popular e/ou sensacionalista. Segundo Amaral (2006, p. 21), o jornalismo sensacionalista é caracterizado por “superposição do interesse público; exploração do sofrimento humano; simplificação; deformação; banalização da violência; da sexualidade e do consumo; ridicularização das pessoas humildes; mau gosto; ocultação de fatos públicos relevantes; fragmentação e descontextualização do fato; denunciamento; prejulgamento.” O autor Agrimani (1995, p.20) nos lembra que o sensacionalismo é uma prática mundial através de exemplos do jornalismo impresso na França e Estados Unidos. Na França comumente os veículos noticiaram parricídios, crianças violentadas e cadáveres cortados em pedaços, nos E. U. A. havia a disputa por audiência entre o New York World e o Morning Journal que seguiam a mesma linha dos veículos franceses. Para o autor, o jornalismo estadunidense foi responsável por influenciar o crescimento deste tipo jornalístico no mundo. Também vale ressaltar que essa forma de fazer jornalismo surgiu no jornal impresso, depois expandiu para a rádio, televisão e internet. Levando em consideração que o foco do nosso trabalho é a televisão, Silva (2012) traz apontamentos importantes neste campo:

Os meios de comunicação atuam como instrumentos de representação da sociedade. A televisão, especialmente, até mesmo por se fazer tão presente no dia a dia dos brasileiros, pode ser considerada como uma das instituições sociais de maior influência no processo de formação das pessoas. No caso

específico dos programas de telejornalismo, a violência é limitada quase que única e exclusivamente aos acontecimentos empíricos. Há a intenção explícita de espetacularizá-la, promovendo uma correspondência com a autêntica violência do cotidiano, a partir da descrição de alguns episódios da vida social de uma população. (SILVA, 2012, p. 98, grifo nosso).

Conceber os meios de comunicação como instrumentos que representam a sociedade é fundamental para os desdobramentos deste trabalho porque justamente vamos lidar com as formas que os programas de telejornalismo representam determinada corporalidade específica, vale dizer, os corpos negros. Além disso, mesmo considerando o crescimento relevante da internet enquanto mecanismo de informação para a população 8 anos depois da conclusão da tese do autor, inclusive ultrapassando a televisão em algumas faixas etárias, segundo pesquisa realizada pela Câmara dos Deputados³, a afirmação do papel formador da televisão é uma realidade ainda inquestionável, podemos citar a influência por vezes definidora da Rede Globo nas eleições. Sodré (2010) também nos traz dados interessantes de que em 2008 eram 57,5 milhões de domicílio com televisão, em que pese que no mesmo ano houve mais vendas de computadores do que televisões, considerando ainda que o internauta brasileiro é o campeão de tempo nas redes em todo mundo. O autor ainda traz uma discussão muito interessante acerca do conceito da televisão, para Sodré (2010, p. 10):

Apesar da multiplicação dos canais, graças à tecnologia do cabo, a mais profunda natureza da TV requer o silêncio do ouvinte, do telespectador, condenado pelo estatuto da moderna produção monopolística a uma relação social que o define como mero usuário: desde bens de consumo materiais e culturais até mesmo a palavra irresponsável de outro, confundido com o código da ordem produtiva. O estilo da imagem televisiva é o da notificação, remota e unilateral. A ela corresponde um verdadeiro poder notificador, articulado com outras formas monopolísticas da sociedade moderna.

Nesta perspectiva, o intelectual traz uma discussão profunda que vou colocar agora e pretendo retomar ao longo do trabalho. Ocorre que, Sodré (2010) toca na raiz da questão, o formato em que foi elaborada a televisão e sua relação autoritária entre emissor e destinatário. É uma abordagem muito rica porque transcende a discussão do conteúdo que é exibido e também faz pensar sobre a essência relacional da comunicação. Ou seja, para haver comunicação existe a necessidade de troca entre no mínimo duas partes. A coroa grita do seu quarto “Alex”, ao me chamar, quando escuto respondo “tô aqui mainha”, ela responde “venha cá”, trago este exemplo simples para caricaturar a essência relacional que enxergo na comunicação. Posteriormente retornarei para Muniz, agora julgo importante também expor o

³ Disponível no link: <https://www.correiadopovo.com.br/jornalcomtecnologia/pesquisa-aponta-que-79-dos-brasileiros-se-informam-pelo-whatsapp-1.385866> (acessado no dia 27/08/2020).

pensamento de Hall (2016, p. 10) no que ele veio a chamar de *politics of the image*, uma “política da imagem”, o autor se perguntou:

Como as imagens que vemos constantemente a nossa volta nos ajudam a entender como funciona o mundo em que vivemos. Como essas imagens apresentam realidade, valores, identidades, e o que podem acarretar, isto é, quem ganha e quem perde com elas, quem ascende, quem descende, quem é incluído e quem é excluído, como fica a situação particular dos negros nesse processo.

Quando encontrei com a obra ao iniciar a leitura, ocorreu de imediato uma identificação, afinal partes destas perguntas que Hall (2016) se fez décadas atrás, são as mesmas que me faço ao construir este trabalho: Quem ganha em e quem perde com a exibição diária das imagens veiculadas pelos programas policiaiscos? Como pessoas negras são exibidas nestes programas?

Para Hall (2016, p.11) “Absorvemos corriqueiramente uma série de imagens a nossa volta, ‘como peixes na água’, imagens estas que são objetos de disputa do mundo representado – a política da imagem, a disputa do sentido”. Dando prosseguimento, segundo o autor:

(...) a mídia produz amplos efeitos na sociedade, relacionados a um determinado tipo de poder que se exerce no processo de administração da visibilidade pública midiático-imagética. Com isso, sua crítica o leva à busca pela emancipação, por meio do questionamento da imagem. (HALL, 2016, p.11)

É interessante colocar em diálogo a visão de Silva (2012), que define a televisão como uma das principais instituições sociais pelo seu alcance e influência, com o ponto de vista de Muniz Sodré, o qual argumenta que em sua origem a TV é opressora e detêm o monopólio da fala e com o pensamento de Hall que não trata especificamente da TV, mas de todo complexo midiático defendendo que a mídia exerce um poder de controle, bem como retirando o véu da imparcialidade das imagens ao colocar que o seu sentido é disputado. Primeiro porque as ideias destes autores vão contribuir com o desenvolvimento da pesquisa e visto que os argumentos não se excluem.

Retornando o foco, para uma perspectiva histórica dos programas policiaiscos, no Brasil, o telejornalismo sensacionalista com editorial policial ganhou força no início dos anos 90, tendo sido o programa “Aqui Agora” (SBT) um marco de audiência que influenciou no surgimento de muitos outros programas, como: a) Cidade Alerta (Record), b) Na Rota do Crime (Manchete), c) Repórter Cidadão (Rede TV), entre outros programas. Entretanto, Silva (2012) afirma que o estilo popular de telejornalismo esteve presente desde o surgimento da

televisão no Brasil, ou seja, programas que tinham foco na violência produzida nas cidades, o cotidiano de pessoas comuns, como por exemplo, os programas: a) O crime e a Lei (SBT), b) O Povo na TV (Excelsior, Tupi, TVS, Bandeirantes, SBT). Além disso, o autor também cita dois programas que foram importantes para garantir o espaço para o telejornalismo policiaisco na programação da televisão brasileira, foram eles, o “Documento Especial” produzido em 1989 pela Rede Manchete e a primeira versão do “Linha Direta”, resposta da Rede Globo em 1990.

Ademais, para além do foco na violência produzida cotidianamente nas grandes cidades, o jornalismo sensacionalista tem uma abordagem específica quando se trata de linguagem. Este gênero jornalístico prioriza o emprego de uma linguagem coloquial admitindo inclusive gírias com a finalidade de construir uma relação de proximidade entre o objeto veiculado e quem o assiste. Também faz a opção por um jornalismo parcial que fura o cerco da suposta “imparcialidade” estabelecida pelo jornalismo informativo, neste caso as/os âncoras normalmente se engajam mediante opiniões explícitas sobre o que está sendo noticiado, vamos ver mais na frente que esta é uma característica muito presente nos programas estudados nesta pesquisa.

Neste ponto é fundamental colocar que os grandes veículos de comunicação são comandados por poucas famílias brancas, as quais têm um lado muito “claro” e se distanciam em muito da “imparcialidade” pregada. O mito da “imparcialidade” do jornalismo praticado pela chamada “Grande Mídia” não se sustenta em nenhuma hipótese, um exemplo disso é interferência destes grupos na política partidária institucional e nas eleições. Quem nunca ouviu falar sobre a interferência da Globo nas eleições de 1988? A influência destes veículos nos processos eleitorais chegou ao ponto de o jornalista Paulo Henrique Amorim denominar a mídia de PIG (Partido da Imprensa Golpista), também tecem duras críticas à concentração do poder e riqueza do império midiático na mão de poucas famílias e a necessidade de democratização deste setor, os jornalistas Luis Nassif, Luiz Azenha e Altamiro Borges.

Ademais, a ruptura com a norma culta tem a intenção de construir envolvimento entre o telespectador e os personagens da reportagem, bem como produzir narrativas que abalem e tenham impactos emocionais nas pessoas (SILVA, 2012). É relevante situar que o crescimento deste tipo jornalístico se correlaciona com aspectos econômicos, pois se deu em um momento em que as camadas mais pobres tinham mais grana e a possibilidade de adquirir o aparelho televisor. Também houve o movimento das camadas mais abastadas de migrar para os canais fechados, com isso as redes de tv aberta passaram a disputar a audiência crescente das camadas mais pobres e fizeram importantes alterações nas suas programações.

Um dos programas com maior repercussão do gênero foi o Cidade Alerta, que entrou no ar em 1995 e teve êxito até 2004 com grande audiência. Entretanto saiu do ar depois de uma notificação feita pela Secretária Nacional de Justiça sobre as imagens violentas exibidas. Esse efeito provocou a nacionalização pela Rede Record em 2007 do programa da subseção da Bahia, Balanço Geral, apresentado por Raimundo Varela, mantendo a forma e conteúdo do Cidade Alerta (FERREIRA, 2011). Para Ferreira (2011, p. 15):

A situação dos programas policiais só se modificou a partir de 2007, com a Classificação Indicativa, legislação que classifica os horários nos quais os programas televisivos podem ser exibidos de acordo com faixa etária das crianças e adolescentes. O fenômeno, no entanto, migrou para as emissoras afiliadas e proliferou em inúmeras cidades brasileiras, com programas como Ronda Geral, da TV Tribuna (Record) e Sem Meias Palavras, da TV Jornal (SBT), ambas em Pernambuco; Chumbo Grosso, da TV Goiás (Band), em Goiás; e Comando Policial, da TV Alamanda (SBT), do Pará.

Todavia, o Cidade Alerta retornou à grade da Rede Record e está sendo exibido atualmente. Na Bahia o Balanço Geral começou a perder espaço para o Se Liga Bocão veiculado até então pela rival da Record, a TV Aratu (SBT) e apresentado por José Eduardo. Entretanto, após desentendimento em 2007, o apresentador saiu da TV Aratu e levou o programa para a TV Itapoan (Rede Record), o qual passou a ser vinculado antes do Balanço Geral. Considerando isso, a TV Aratu fez mais dois investimentos em programas com viés policial, foram eles o Que Venha o Povo e o Na Mira, apresentados no início respectivamente por Casemiro Neto e Uziel Bueno.

O fato é que o fenômeno do jornalismo policiaisco é antigo, tendo suas origens no jornalismo impresso e rádio, está presente na grande maioria dos estados brasileiros e também se trata de um acontecimento mundial, como já falamos anteriormente. Para Ferreira (2011, p. 17), pela amplitude do alcance e pelo poder de representação da realidade da televisão, “aquilo que é dito e reforçado na tela pode não ser palpável ou sólido, mas tem efeitos concretos no dia a dia das pessoas e na forma como enxergamos o mundo. Por esses motivos, qualificar o conteúdo dos media consiste em algo tão necessário à consolidação das democracias modernas”. Ou talvez, para dialogar com Muniz Sodré se faça necessário construir outras formas de comunicação que originalmente potencialize o diálogo entre as partes de forma horizontal e sem monopólios.

Dessa forma, ao desenhar o estado da arte do campo percebi que a circunstância de encontrar cerca de duas dezenas de pesquisas que surgiram a partir de 2005, ou seja, em aproximadamente dezesseis anos, é o demonstrativo do quanto ainda são incipientes os

esforços acadêmicos no campo. Por um lado, significa que ainda existem muitas inovações científicas a serem desenvolvidas, por outro lado os esforços da academia, antenados aos questionamentos do movimento negro e de setores da sociedade civil também consubstanciam a relevância acadêmica e social para os desdobramentos do nosso trabalho.

Depois, percebi que as abordagens partem de uma diversidade de olhares disciplinares ao objeto, artigos científicos, livros, monografias, dissertações e teses, construídas nas áreas do saber da comunicação, direito, serviço social e sociologia. Dessa forma, por nosso trabalho ser oriundo de um Programa Multidisciplinar, poderá contribuir com um olhar que dialogue entre as visões disciplinares das áreas do saber, todavia me esforçarei para transbordar as molduras disciplinares construindo uma abordagem multi e/ou transdisciplinar.

Outro aspecto percebido nos esforços intelectuais feitos no campo foi que as pesquisas tratam principalmente de violência e violações de direitos, quando se propõe a discutir a corporalidade exposta em questão, são trazidas principalmente questões geracionais e em menor incidência aspectos de gênero. Portanto, as pesquisas quando tratam de raça sempre o fazem de forma colateral, ou seja, nenhuma das pesquisas trouxe o corpo negro como elemento central ou a raça como principal operador para discutir os desdobramentos do trabalho. Este é um elemento importante porque garante a nossa pesquisa uma contribuição inédita e faz um convite à reflexão, por que mesmo que na grande maioria das reportagens destes programas, os corpos expostos sejam negros, a discussão sobre raça é feita de forma periférica ou inexistente?

O livro “A construção da violência na televisão baiana”, resultado do relatório organizado pela CIPÓ - Comunicação Interativa, Intervenções e pelo Centro de Comunicação, Democracia e Cidadania (CCDC), vinculado a Faculdade de Comunicação da UFBA em 2011 foi um dos principais esforços empreendidos para estudar programas policiais na Bahia. O relatório estudou o “Se Liga Bocão” e o “Na Mira” no ano de 2010. Segundo Ferreira, et al. (2011, p. 26):

No presente trabalho, chegou-se a uma interpretação acerca da forma como os programas Se Liga Bocão e Na Mira constroem a sua relação como telespectador. Essa estratégia discursiva resulta em uma personagem que se constitui enquanto uma estratégia de interação/aproximação com a audiência. Como poderá ser visto na análise, é a partir dessa personagem que as violações são justificadas e até mesmo incentivadas pelos apresentadores e pela estrutura enunciativa dos programas.

O trabalho supracitado está focado principalmente em identificar as violências a direitos, no âmbito processual, dos direitos humanos, direitos civis, políticos e sociais, além

de ter como resultado a constatação de que os referidos programas descumpriram o TAC firmado entre o MP/BA e as emissoras. Além disso, na análise de conteúdo identificou-se que a prioridade nos dois programas é com publicidade, ocupando 44,48% da programação do Bocão e 32% do Na Mira, inclusive os dois programas ultrapassaram o limite de 20% da programação para publicidade estabelecido pela legislação. Em segundo lugar, os programas priorizam a cobertura de assassinatos e ações policiais, os quais totalizam 13,58% da programação do Bocão e 21,06% do Na Mira. A obra afirma que:

Foi possível perceber que todos os enquadramentos favorecem o posicionamento das corporações policiais, com repórteres e apresentadores apoiando e justificando as atividades exibidas. Em várias coberturas o enfoque foi dado às ações policiais em tempo real. Em algumas, inclusive, à reportagem chegava primeiro do que a viatura. Tal fato evidencia que muitas vezes os dois programas já sabiam, com antecedência, das ações. (FERREIRA et. al., 2011, p. 33, grifos nossos).

A realidade descrita acima é muito semelhante em outros estados da federação, a dissertação de mestrado “Enquadramento noticioso: As juventudes nos telejornais da Grande Vitória”, desenvolvida por Barcellos (2020), demonstra um pouco da realidade do telejornalismo no Espírito Santo com foco no aspecto geracional. A autora faz uma análise de como as juventudes são representadas socialmente nos programas, Balanço Geral, Ronda Geral, Tribuna Notícias e ES. Além disso, identifica o perfil dos jovens que são noticiados e qual o perfil das reportagens, com isso em 85% das reportagens analisadas pela autora, as/os sujeitas/os em questão são negras/os. Deste modo, o conteúdo dessas reportagens são policiais, estas/es jovens negras/os aparecem no geral como suspeitos de cometer ato ilícito ou algum tipo de violência o que para Barcellos (2020) “elimina as outras possibilidades dessas juventudes aparecem para a sociedade. O telejornalismo representa grande influência no imaginário das pessoas. Os jovens negros sendo relacionados às violências contribui para que essa população seja julgada e estigmatizada” (p.79). Ainda sobre esse aspecto a autora afirma:

Mesmo com anos de discussões acerca do racismo e preconceito, os avanços são poucos, e chegam a passos lentos no jornalismo. O telejornalismo continua a falar da juventude negra como sinônimo de violência, sem se envolver com os fatos e discutir políticas públicas para esses jovens. (BARCELLOS, 2020, p.77).

A pesquisa de Barcellos (2020), pelo enfoque quantitativo e perspectiva metodológica de análise de conteúdo, levanta problemas interessantes para serem discutidos. Por que as/os jovens negras/os estão associadas/os a reportagens sobre violência? Por que essa associação é naturalizada e há pouco ou quase nenhum questionamento da sociedade? Por que ações

sociais transformadoras que tem jovens negros como protagonistas destes processos são pouco divulgadas? Considerando que os programas policiais existem na maior parte do país, possuem audiência, bem como são programas economicamente importantes para as emissoras, como essa hiper visibilização negativa se articula ou não com a atrocidade da mortandade de jovens negros no país? O trabalho de Barcellos levanta importante constatação do enquadramento racial da notícia e deixa aberto o caminho para que outras pesquisas possam aprofundar a temática.

A obra “A construção da violência na TV baiana” faz importantes diagnósticos: a) os programas Na Mira e Se Liga Bocão descumpriram o TAC; b) o principal sujeito exposto nas reportagens destes programas são homens negros; c) o principal conteúdo veiculado com exceção da publicidade são sobre casos policiais e assassinatos; d) o enfoque dado as notícias sempre privilegiam o ponto de vista das instituições policiais. Estes diagnósticos geram interrogações às quais não foram respondidas no relatório, com isso as mesmas perguntas que foram feitas a dissertação supracitada podem ser suscitadas em relação ao livro. Por que homens negros são os principais sujeitos expostos em reportagens que tratam de assassinatos e casos policiais? Como as representações sociais do corpo negro nestes programas contribuem para aprofundar as desigualdades raciais? Quais pressupostos ideológicos fundamentam a seletividade dos corpos prioritariamente selecionados para serem expostos nestes programas? Qual papel os grandes veículos de comunicação cumprem no processo de genocídio do negro brasileiro? Logo, pela centralidade na veiculação das imagens dos corpos negros, por a categoria raça ser a operadora primordial da pesquisa, pelas lacunas sintomáticas da discussão racial no campo, se impõe ao nosso trabalho um mergulho em boa parte das perguntas levantadas acima.

Partindo desse pressuposto, o recorte empreendido na pesquisa foi construído com base na ebulição política em torno dos questionamentos feitos pelo movimento negro, pelas organizações da sociedade civil e intelectuais, sobre o desrespeito sistemático aos Direitos Humanos cometidos pelos programas de “Se Liga Bocão”⁴, “Na Mira”⁵, “Que Venha o Povo” e “Bahia Urgente”, que resultou na Ação Civil Pública movida pelo Ministério Público do Estado da Bahia (MP) contra o programa “Na Mira”. Isto posto, me proponho a analisar programas exibidos após o marco temporal com vistas também a discutir a repercussão das denúncias de violações a dignidade da pessoa humana nestes programas protagonizadas pelo movimento negro.

⁴ Programa de telejornalismo da TV Itapoan, afiliada da Rede Record.

⁵ Programa de telejornalismo da TV Aratu, afiliada a SBT.

Após a assinatura do TAC pelas emissoras de televisão com o MP, elas precisaram assegurar algumas garantias constitucionais, por essa razão um dos propósitos da pesquisa é a investigação científica dos programas policiais para perceber se violências, violações aos direitos da dignidade da pessoa humana, bem como aos direitos fundamentais consagrados pela Constituição Federal se perpetuaram. Caso essas violências tenham se perpetuado, partiremos para outra etapa do trabalho que é a de compreender como estas ocorrem e quais pressupostos fundamentam estes possíveis abusos.

Nesta perspectiva, se faz necessário um breve relato dos programas policiais de maiores audiência, os quais foram alvo de monitoramento do Ministério Público e serão alvo também das análises desta pesquisa. O “Se Liga Bocão” surgiu em 2007 na TV ARATU, entretanto depois do desentendimento do apresentador José Eduardo com a emissora, o Programa migrou para a concorrente TV ITAPOAN em 2008 e teve seu encerramento no final do ano de 2014. Durante o período de exibição foi o líder de audiência da Record Bahia, tendo muitas vezes se aproximado da afiliada da Rede Globo na Bahia, TV Bahia, e até superado em determinados momentos, segundo matéria⁶ divulgada pelo A Tarde em março de 2014. A média de audiência do Programa girou em torno de 10 pontos, o que em Salvador significa cerca de 100 mil domicílios conectados, cada ponto de ibope em Salvador equivale a 10 mil residências assistindo. Outra matéria⁷, desta vez do UOL, divulgada em agosto de 2014, corrobora com o dado trazido pelo A Tarde e afirma que entre os dias 11 e 18 de agosto de 2014, o Se Liga Bocão teve a média de 10 pontos, contra 16 da TV Bahia/Globo, 6 da Tv Aratu/SBT e 2 da Band Bahia. Esse resultado foi comemorado, pois o Programa vinha perdendo espaço para os concorrentes da TV Aratu, os Programas “Na Mira” e “Que Venha o Povo”.

Segundo matéria⁸ do site de notícias Subúrbio News, “Se Liga Bocão” veio perdendo espaço entre 2012 e 2014, chegando a ficar em terceiro lugar da audiência em muitos momentos. Diante Disso, o diretor executivo da Rede Record Bahia, Fábio Tucilho, em pronunciamento oficial⁹, afirmou que as motivações que levaram a emissora a dar um fim na exibição foi a necessidade de renovar e se enquadrar nas diretrizes nacionais da emissora.

⁶ Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/cultura/televisao/noticias/programa-local-dispara-ibope-da-record-na-bahia-1577217>, acessado em 30 de março de 2021.

⁷ Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/noticias/2014/08/24/record-bahia-comemora-audiencia-do-se-liga-bocao-78845.php>, acessado em 30 de março de 2021.

⁸ Disponível em: <https://www.suburbionews.com.br/balanco-geral-com-ze-eduardo-lidera-ibope-no-segundo-trimestre-e-esta-invicto-contr-a-globo-na-bahia-em-2017/>, acessado em 30 de março de 2021.

⁹ Disponível em: <https://www.bnews.com.br/noticias/principal/geral/95556.diretor-da-record-explica-fim-do-se-liga-bocao-momento-de-se-renovar.html>

Todavia, o desgaste causado pelas críticas feitas ao Programa e as baixas audiências possivelmente influenciaram a decisão da Emissora.

O apresentador José Eduardo, como apontado na pesquisa de 2011 do CCDC¹⁰, assume o *ethos* do “pastor”, sempre se colocando como o bom moço detentor de uma moral inabalável que quer ajudar todos, sobretudo os telespectadores, os acusados e suspeitos que aparecem em seu programa (FERREIRA et al., 2011). De forma contraditória, apesar do Programa chegar ao seu fim possivelmente por conta do desgaste e de não atingir mais os picos de audiência, ele foi responsável pela ascensão do âncora José Eduardo, o que provavelmente também tem relação com o perfil de “pastor” assumido pelo apresentador. Após o seu término, Zé Eduardo assumiu a apresentação do “Balanço Geral”, linha de frente da emissora e exibido nacionalmente.

Um pouco mais de dois anos depois de assumir o Balanço Geral em dezembro de 2014, o apresentador Zé Eduardo, conseguiu liderar o ranking de IBOPE no primeiro trimestre de 2017, superando a sua principal rival TV Bahia/Globo, com média de 16,2 e picos de 25 pontos, contra 16,1 da TV Bahia/Globo, no horário das 12h às 15h, segundo matéria¹¹ publicada pelo site da TV História. Além disso, o Programa ostenta a melhor audiência de todas as praças da Rede Record no país e continua como líder absoluto, registrando em janeiro 14 pontos contra 8 da TV Bahia/Globo, como afirma matéria¹² veiculada pelo site Bahia-BA. Os números de audiência e o perfil de pastor utilizado por Bocão também rendeu a ventilação do seu nome como um dos possíveis candidatos à prefeitura de Salvador em 2020, o que não se materializou, como ocorreu por diversas vezes com seu antecessor Raimundo Varela.

O programa “Na Mira” surgiu em 2008 na TV Aratu, para substituir o “Se Liga Bocão”, que migrou para a concorrente Rede Record. O primeiro apresentador foi Uziel Bueno, substituído por Analice Salles em 2010, quando foi candidato a deputado estadual pelo PTN obtendo 27.791 votos. Ficou como suplente da coligação, tendo assumido a titularidade da cadeira de parlamentar à nível estadual entre dezembro de 2012 e julho de 2013. Além disso, foi candidato a deputado estadual outras vezes, a vereador de Salvador também e foi candidato à câmara dos vereadores de Salvador novamente em 2020, apesar de

¹⁰ Centro de Comunicação, Democracia e Cidadania órgão complementar a Faculdade de Comunicação (FACOM) da UFBA, trabalha como um observatório de mídia acadêmico, realizando um trabalho de monitoramento da cobertura da mídia baiana sobre o tema da violência.

¹¹ Disponível em: <https://tvhistoria.com.br/balanco-geral-lidera-ibope-no-primeiro-trimestre-de-2017-na-bahia/>, acessado em 31 de março de 2021.

¹² Disponível em: <https://bahia.ba/entretenimento/lider-absoluto-ze-eduardo-aumenta-audiencia-da-record-contra-tv-bahia/>, acessado no dia 31 de março de 2021.

não ter sido eleito, teve a quantidade expressiva de 4.882 votos. A apresentadora, apelidada de “Lôra do povo”, ficou no Programa até 2013, quando também migrou para a Rede Record, por sua vez Silvio Mendes assumiu o programa até o seu fim em agosto de 2015. O Apresentador Uziel, quando estava no Na Mira, foi identificado pela pesquisa do CCDC (2011) com um *ethos* de justiceiro, que de forma violenta e destemida faz justiça com as próprias mãos. Segundo a pesquisa, perfil similar manteve a apresentadora Analice, a “justiceira” que convoca o povo para lutar contra o crime e os bandidos (FERREIRA et al., 2011).

Feito este breve histórico dos dois programas policiaiscos com maior audiência na Bahia, cabe colocar que não está sendo fácil a imersão no campo de pesquisa. Nos deparamos com algumas dificuldades, principalmente no aspecto de acessar o conteúdo, ora porque as emissoras não têm interesse em disponibilizar este conteúdo, ora porque o conteúdo não está disponível na internet através de outros canais. Somente o “Se Liga Bocão” tem recortes disponíveis no site da Record, ainda assim são reportagens de seis a oito minutos em média, as quais foram veiculadas entre meados de 2013 e 2014. Além disso, existem alguns poucos recortes na plataforma do Youtube de ambos os programas.

Cabe mencionar que estas dificuldades impuseram limitações importantes no que tange o desenvolvimento do trabalho, ao recortar parte do programa a emissora somente disponibiliza o que lhe é de interesse, com isso analisar o discurso destes recortes se torna mais desafiador pelo fato de provavelmente a emissora ter cortado as partes mais impróprias do programa do ponto de vista de infrações legais, violências e violações discursivas. Além disso, me limita também no aspecto temporal por conta de ter conteúdo disponível somente entre os anos de 2013 e 2014, bem como se tem obstáculos na possibilidade de construir uma análise comparativa entre os programas.

Entretanto, apesar das dificuldades, o campo também proporciona um material riquíssimo para ser analisado, no total são 239 reportagens disponibilizadas entre o lapso temporal de 21 de outubro de 2013 a 28 de novembro de 2014. As reportagens têm em média seis minutos de duração, o que totaliza cerca de 24h30min de reportagens para serem transcritas, assistidas, re-assistidas e analisadas. Um trabalho imenso que não seria possível realizar por completo em uma pesquisa de mestrado, reclamando previsível seguimento numa pesquisa de doutorado. Neste sentido, um primeiro passo fundamental dentro deste universo foi fazer um levantamento que teve como base os títulos das reportagens com a finalidade de categorizá-las quanto ao crime imputado as/os sujeitas/os que estão sendo custodiados. A classificação que também pode ser descrita como por tipo penal, ou seja, por condutas típicas

tuteladas pelo Código Penal, é costumeira nos relatórios e levantamentos realizados sobre o sistema carcerário, com isso optamos por utilizá-la.

Trocando em miúdos, condutas tipificadas no Código Penal são ordens que o Estado impõe a/o sujeita/o com a justificativa do controle social e que se a/o sujeita/o não cumprir pode ser alvo de uma sanção penal, como por exemplo reclusão (prisão) e/ou multa. O levantamento foi realizado ainda pela equipe de iniciação científica coordenada pela prof. Máira Kubik e pelo prof. Samuel Vida, tendo como discentes, os integrantes Alex Lima Vasques, André Santos e Islana Soares, bem como se fez necessário atualiza-lo já no percurso deste trabalho. Depois, já no âmbito da pesquisa do mestrado, fiz o fichamento catalográfico de 239 programas, como também fiz a análise de conteúdo e tabulação dos dados, com perguntas como: qual é a cor da/o sujeita/o exposta/o? Gênero? Idade? Quantos programas são gravados em repartições públicas? Em quantos programas autoridades policiais estão presentes? Quais bairros foram gravados a reportagem? Quais cidades? A narrativa policial é defendida? Neste ponto, no levantamento inicial constituímos cinco categorias para enquadrar as reportagens: a) crimes contra o patrimônio, b) crimes contra a dignidade sexual, c) crimes contra a pessoa, d) crimes relacionados a Tráfico ou porte de drogas ilícitas, e) crime de porte ou uso ilegal de armas. Além disso, algumas reportagens tratavam de mais de um delito e também não tratavam de delitos de forma direta, com isso constitui também mais a categoria: f) não são delitos.

Para enfrentar as limitações impostas pelo campo, foi necessário pensar em critérios que nos permitissem construir um recorte para assegurar a viabilidade do trabalho, tendo em vista que dentro do período disponível para a pesquisa acadêmica no mestrado não seria possível fazer uma análise qualitativa de todas as reportagens. Assim, em um primeiro momento fiz a análise quantitativa do conteúdo das 239 reportagens, porém escolhi a opção de analisar qualitativamente principalmente as reportagens referentes às condutas delitivas que são tuteladas pela Lei 11.343/06, conhecida como “Lei de drogas”, pelo fato de 28% do total de 726.712 pessoas em situação de cárcere terem sido presas por tráfico de drogas (INFOPEN, 2016) e grande parte das execuções feita pelas corporações policiais serem justificados na política de “Guerra às drogas”. Da mesma forma que, por compreender que o discurso construído em torno da “Guerra às drogas” tem o interesse central de controle da população negra, ou seja, a “Guerra às drogas” é a “Guerra aos negros”, como demonstrei no artigo “A questão racial da Guerra às Drogas” publicado em 2019 na terceira edição da revista Sisterwood.

Entretanto, fui orientado que essa escolha poderia impactar negativamente a potência e profundidade do trabalho, tendo em vista que reportagens de outras categorias poderiam me trazer reflexões importantes e achados científicos necessários para o desenvolvimento da pesquisa. Levando isso em consideração, na medida em que for viável, vou adentrar reportagens de outras searas de forma subsidiária, com vistas a asseverar a profundidade do mergulho. Aproveito para evidenciar alguns dados sobre o sistema carcerário no país, a fim de justificar novamente a importância do desenvolvimento desta pesquisa, considerando o discurso punitivista reproduzido pelos programas e o problema do superencarceramento.

Ocorre que o discurso punitivista e o culto ao encarceramento propagandeados nas falas da/o apresentador/a e da/o repórter; a criminalização as pessoas expostas na reportagem; e a condenação antecipada reproduzidas pelos programas de telejornalismo policiais são elementos que colaboram para multiplicar a quantidade de pessoas encarceradas. Além disso, servem para blindar a realidade do encarceramento em massa da comunidade negra, como também blindar o sistema carcerário das denúncias sobre ilegalidades e condições desumanas em que estão expostas as pessoas em situação de cárcere.

O Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias do Sistema de Informações Estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro (INFOPEN), realizado em 2016 pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), afirma que existem 368.049 vagas disponíveis e um déficit 358.663, ou seja, a maior parte das unidades prisionais estão superlotadas. Diante disso, o Brasil figura como a terceira maior população carcerária do mundo, sendo 95% de homens e 5% de mulheres, destes 40% está preso de forma provisória, mesmo considerando que para decretar a prisão preventiva são indispensáveis requisitos, como: a) amparar a ordem pública; b) a ordem econômica; c) garantir a aplicação da lei ou; d) desenrolar do processo penal. Além disso, é preciso que sejam preenchidos os requisitos básicos de: 1) indício suficiente de autoria e 2) prova da existência do crime, segundo art. 312 do Código de Processo Penal (CPP).

Por este ângulo, a flagrante ilegalidade do contingente de presos que estão provisoriamente privados de liberdade à espera do julgamento torna regra um procedimento que deve ser exceção. Os mais de 290.000 custodiados preventivamente representam uma inconstitucionalidade quanto ao cumprimento do *Periculum In Mora*¹³ (perigo da demora), pois não é razoável que uma pessoa encarcerada cumpra sua pena sem que tenha sido julgado e tenha o direito ao contraditório e ampla defesa. Esse fenômeno acaba por caracterizar uma

¹³ Expressão em latim que traduzida para o português significa perigo da demora, é utilizado no direito no Brasil para proteger o bem tutelado de grave risco ou dano pela lentidão processual.

das anomalias do sistema carcerário brasileiro, em que quase metade dos presidiários estão presos de forma preventiva, ou seja, se pode definir como uma antecipação da punibilidade. Isto tem tudo a ver com os programas policialescos, porque em grande parte as pessoas custodiadas são julgadas e condenadas ao vivo, tendo os seus direitos constitucionais ao contraditório e ampla defesa negados. Na maioria dos casos, as pessoas expostas nos programas policialescos são encarceradas de forma preventiva ou têm a sua condenação confirmada pelo judiciário em uma disputa processual extremamente desigual em que o veredicto foi dado pela grande mídia antes de o inquérito ou o processo serem iniciados.

Ademais, quando a conversa é sobre a raça/cor das pessoas em situação de cárcere, visualiza-se que, no Brasil, 64% das pessoas encarceradas são negras, no estado da Bahia 89% das pessoas em situação de cárcere são negras, o que coloca o estado baiano como o terceiro com maior quantidade de negros presos, perdendo somente para o Acre (95%) e o Amapá (91%). Se a gente avaliar também a inserção na educação formal, 75% dos presos no país não passaram do ensino médio e menos de 1% tem graduação no ensino superior. Quando a conversa é sobre gênero e tipo penal dos crimes tentados ou consumados, a situação é alarmante, no caso das mulheres encarceradas, 62% foram presas por tráfico de drogas, outro elemento que corrobora com o recorte feito neste trabalho (IFOPEN, 2016).

Nesta altura, é perceptível a articulação entre violência, mídia, racismo e sistema penal, conceitos chaves do desenvolvimento desta pesquisa. Trocar essa ideia partindo da análise de alguns dados do sistema penal é fundamental para refletir acerca do cenário em que os programas policialescos se constituem e mais do que isso, nos serve também para discutir se os pressupostos que produzem superencarceramento da terceira maior população carcerária do mundo, tendo o racismo como ponta de lança do sistema penal (FLAUZINA, 2006), são os mesmos que alimentam os programas policialescos. Nas palavras assertivas de Flauzina (2006) “Na América Latina, especificamente, o entendimento tem sido de que os sistemas penais operando à margem da legalidade, sem qualquer tipo de censura mais consequente, têm a morte como seu principal produto”.

Durante a dissertação de mestrado de Ana Flauzina, a autora demonstra como a sistemática penal desde o Brasil Colônia é determinada pelo racismo, sendo a sua função precípua o controle e o extermínio das/os negras/os. A partir de uma dissecação minuciosa do que a professora chama de “Sistema Colonial-Mercantilista”, “Imperial-Escravista”, “Republicano-Positivista” e do tangenciamento do “Sistema Neoliberal”, a intelectual apresenta elementos que comprovam o aprofundamento do projeto de *genocídio do negro brasileiro* (NASCIMENTO, 1979) com as transformações ocorridas no sistema penal

brasileiro historicamente. O trabalho de Flauzina tem como objeto o sistema penal, partindo da argumentação central de que o racismo é o pressuposto que constitui a formação do Estado Nacional. Segundo Flauzina (2006, p.29), “defendemos que o racismo é o fundamento que justifica a existência de sistemas penais de caráter genocida em nossa região”.

2 CAPÍTULO 1 - “SALCITY: A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CADAVER”

2.1 “Salvador tá escaldado”, a “Roma Negra” como caminho necessário da Trama

A seguir, contextualizo parte do percurso a partir de narrativa focada nos territórios negros de Salvador e Região Metropolitana de Salvador (RMS), tendo em vista que é o território em que a imensa maioria das reportagens do Programa “Se Liga Bocão” são gravadas, como também pretendo buscar uma inspiração comunitária e local. O intelectual Queiroz (2021) argumenta no seu artigo “Constitucionalismo Negro: elementos da teoria e história constitucional a partir da Revolução Haitiana” como medo e silencia articularam produções normativas e estratégias narrativas da supremacia branca, com isso “o medo branco da onda negras”, jogo de palavras feito pelo autor com o título da obra de Celia Maria de Azevedo (1987), tenciona a supremacia branca a construir dispositivos de controle as cidades negras, como também foi estruturante nos debates constitucionais. Dessa forma, o autor exemplifica uma destas situações com base na citação de Chalhoub (1987):

Ao tratar do Rio de Janeiro no século XIX, o historiador discorre sobre o medo branco da cidade negra, que era alimentado “de vez em quando por notícias de haitianos passeando pelas ruas da Corte, por revoltas urbanas em outros lugares, ou pelos rumores de uma conspiração internacional para subverter as sociedades escravistas”. Assim, o temor branco da rede horizontal e densa constituída por negros e negras na cidade do Rio, a qual conferia sentido às vidas de escravos e libertos e instituía locais sociais onde a cidade branca não podia penetrar, inspirava uma articulação de dispositivos penais e retóricos que estabeleciam as figuras negras como suspeitas. E é esse mesmo medo que, já na República, fundamentará a truculência e a intolerância em relação à cidade negra, expressas nas políticas higienistas, na perseguição dos capoeiras, na demolição dos cortiços e na repressão da vadiagem (CHALHOUB, 1988, p.104, grifo nosso).

Queiroz (2021) também traz se apropriando de forma certa de Reis (2016) e Brito (2016) o aparato jurídico que foi constituído pela supremacia branca por conta do medo profundo fruto da Revolta dos Malês:

Como apontam os historiadores João José Reis e Luciana da Cruz Brito, em Salvador, **logo após a Revolta dos Malês, que produziu um longo e profundo medo na Bahia, foram criadas normas provinciais que procuravam controlar o trânsito e a liberdade da população negra na cidade, na tentativa de “civilizar” o perímetro urbano.** Assim, por exemplo, foi criada a Lei Provincial n. 9 de 1835, que proibia africanos de possuírem imóveis; estabelecia que os africanos libertos fossem, no devido tempo, deportados de volta à África, fixava o pagamento de um imposto anual de 10 mil réis apenas aos africanos; e penalizava com deportação sumária aqueles meramente suspeitos de planejar revoltas, mesmo que não tivessem sido incriminados em inquérito policial. O medo, portanto, estava no cerne do projeto do estado-nação brasileiro e era operacionalizado por meio de dispositivos jurídicos, nos quais a África e a negritude se apresentavam como um risco à “civilização” e à homogeneidade perseguidas pela branquidade (QUEIROZ, 2021, p. 103)

Em diálogo com as visões de Brito (2016), Chalhoub (1988), Queiroz (2021) e Reis (2016), se pode sugerir que há uma continuidade colonial na produção do aparelho jurídico normativo feito pela supremacia branca para controlar as cidades negras, desde há época imperial e que tem o sistema penal como ponta de lança (FLAUZINA, 2006). Todavia conversa com diversos campos do direito, como direitos reais quando proibem que africanos tenham imóveis e o direito tributário ao estabelecer o imposto anual de 10 mil réis. Assim, o medo das revoltas negras principalmente da possibilidade de os povos negros erguerem um projeto de nação que teve um dos seus embriões mais potentes no Quilombo de Palmares e nos quilombos organizados por todo país, o desejo de embranquecer o Brasil e acabar com as/os negras/os, fez com que a supremacia branca arquitetasse uma rede complexa de poderes com tentáculos que extrapolam o Estado, para controlar e matar povos negros e originários. Ou seja, o movimento contínuo da supremacia branca de tecer essa rede de tentáculos que tem no Estado neocolonial sua força motriz e se articula com teias que o transbordam, a exemplo da grande mídia, que denomino como *Trama Racial*.

Para colaborar com essa perspectiva uso as palavras potentes de Queiroz (2021, p. 104):

Como apontado em outro momento, o Haiti, as insurgências do Atlântico Negro e as insurreições locais ecoaram fortemente sobre a gênese do estado brasileiro, definindo espaços de disputa, estabelecendo discursos possíveis e armando o campo para o entrelaçamento entre direito, raça e nação (Queiroz, 2017). **A articulação entre medo da cidadania negra, o uso racializado do silêncio ao tratar dos direitos dos negros e a definição do direito à imagem da branquidade continuam a ser ecos daquele momento definidor do sistema jurídico brasileiro.**

Em outros termos, “A marcha fúnebre prossegue¹⁴” e o Brasil é “A fantástica Fábrica de Cadáver¹⁵” de pretas/os e indígenas, vide o caso de Genivaldo de Jesus Santos¹⁶, de 38 anos, que foi executado cruelmente pela Polícia Rodoviária Federal (PRF) em uma espécie de câmara de gás móvel que a viatura da PRF se tornou. A execução foi feita com requintes de crueldade, os policiais não consideraram o aviso de familiares sobre as doenças psicológicas da vítima, não escutaram as suplicas da população que gritou para que eles parassem com a tortura e asfixiaram Genivaldo na mala da viatura com spray de pimenta e gás lacrimogênio.

¹⁴ Título de CD e música do grupo de rap Fação Central.

¹⁵ Título de CD do rapper Eduardo Tadeo.

¹⁶ Disponível no link <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/05/27/caso-genivaldo-entenda-ordem-dos-fatos-que-levaram-homem-a-morte-em-abordagem-da-prf.ghtml>, acessado em 06 de junho de 2022.

Ou a recente “Chacina da Vila Cruzeiro¹⁷”, Complexo da Penha, no Rio de Janeiro, onde as forças policiais executaram cerca de 26 pessoas na segunda chacina mais sangrentas do RJ, a justificativa da operação foi feita em cima do discurso de “Guerra às Drogas” e combate ao tráfico de drogas. Vale ressaltar que o discurso presidente Bolsonaro que tem forte ligação com a milícia comemorando a ação na Vila Cruzeiro foi similar ao discurso do governador da Bahia “Rui Corta¹⁸” na “Chacina do Cabula”.

Não obstante, é importante dialogar sobre a travessia estética-política-epistêmica do trabalho. Utilizo a literatura preta marginal do Rap e da poesia e intelectuais que estão fora do circuito clássico como referências fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa com intuito de propor um deslocamento da geopolítica do conhecimento (QUIJANO, 2005) do eixo sul do país, bem como da cultura acadêmica hegemônica de utilizar somente referências bibliográficas tidas como “clássicas”. Portanto, tomarei a ousadia de ao longo do trabalho através das citações de músicas, construir um catálogo de bandas de Rap da cena baiana e nacional que vão enriquecer e muito o trampo. a nossa pretensão é partir da análise e da vivência local para discutir o global. Dando prosseguimento, tenho feito um esforço para que as discussões das relações raciais na contemporaneidade ocorram de forma georeferenciada, ou seja, centradas na cidade de Salvador que nos servirá como caminho necessário para discutir os conflitos raciais no Brasil e no mundo. Também se faz importante colocar que Salvador não está isolada da conjuntura estadual, nacional e internacional, em outras palavras colocar Salvador no centro das discussões desta pesquisa não quer dizer abdicar de correlacionar a nossa realidade com outras realidades a níveis, regional, nacional e global.

Vale dizer ainda que o percurso desta pesquisa é construído por uma narrativa localizada e identificada racialmente com intuito de afirmar o direito epistêmico das comunidades afrodiáspóricas no Brasil. Isto significa dizer que faço a opção de anunciar o meu posicionamento acadêmico ao mesmo tempo em que critico a perspectiva monoepistêmica e universalista do ocidente que hegemoniza o ambiente acadêmico no país. Neste ponto que ao conectar a cientificidade com a identidade política, a opção descolonial revela a identidade escondida sob a pretensão de teorias universais. Ou seja, a teoria descolonial arranca o véu de teorias que se propõe universalizantes ao situar quem as produziu, o tempo e espaço em que foram produzidas para afirmar que essas teorias são

¹⁷ Disponível no link <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/05/26/numero-mortos-operacao-policia-na-vila-cruzeiro-rj.htm>, acessado em 06 de junho de 2022.

¹⁸ Apelido atribuído ao governador por militantes do movimento negro por conta da matança de gente preta que a Bahia tem vivenciado no último período. O “corte” é a forma que a juventude negra chama a polícia baiana que entra nas periferias com sede de tirar vidas. Portanto, como promotor de uma política de segurança pública que mata, executa, violenta e garante impunidade. Nada mais justo do que o título atribuído ao chefe do executivo.

somente mais uma forma, das diversas formas possíveis de perceber o mundo. Marcos Queiroz (2021) expõe o silenciamento sobre o papel substancial da Revolução do Haiti conduzido pela narrativa hegemônica sobre a modernidade e o próprio iluminismo ao afirmar:

Neste sentido, o **Haiti está mais no centro do espírito moderno que as próprias constituições dos “países centrais”**, as quais representam um regresso ao fechamento identitário e limitador das pretensões de liberdade e igualdade universal, que passam a ser restringidas por barreiras territoriais, étnicas, linguísticas e nacionais. **Assim, no contexto da Era das Revoluções, a Revolução Haitiana e suas constituições podem nos dizer mais sobre os anseios utópicos engendrados pela modernidade do que os demais movimentos revolucionários da virada do século XVIII para o XIX** (QUEIROZ, 2021, p.106, grifo nosso).

Aliás, o autor conclui o texto com a pergunta auspiciosa “quão negro e africano é o iluminismo?” (QUEIROZ, 2021, p.107).

Assim, toda teoria é marcada pelas condições sociais, geográficas, temporais, econômicas e psicológicas em que foram produzidas. O fazer científico é um saber localizado (HARAWAY, 1995) no tempo e espaço, diversas verdades científicas descobertas em uma época com pretensões universalistas foram desmistificadas tempos depois. O próprio paradigma etiológico da criminologia que defendia a inferioridade racial e a propensão à criminalidade de não brancos por conta das características fenotípicas já foi considerado uma criação científica, sendo Cesare Lombroso o seu principal enunciador. No campo das ciências naturais, conhecidas como ciências mais duras, o físico Isaac Newton afirmou que a luz era formada por corpúsculos e essa verdade científica foi aceita por cerca de um século, entretanto o experimento da dupla fenda feito em 1802 por Thomas Young foi decisivo para definir luz como onda, tese de Christiaan Huygens. Mais à frente, em 1905, Einstein provou que a luz tinha duplo comportamento, pode se comportar como onda ou como partícula, já em 1927, Davisson e Germer comprovaram o mesmo a partir de um estudo feito com elétrons.

Essa digressão nos serve para evidenciar que as verdades científicas podem se modificar de acordo com o tempo e espaço, com isso é fundamental investigar as circunstâncias em que o saber é produzido. De modo correlacionável, tem-se em questão a universalização de uma forma hegemônica de pensar fundamentada no grego, no latim e nas seis línguas europeias e imperiais da modernidade; ou seja, modernidade/colonialidade (MIGNOLO, 2008). Neste sentido, a proposta estético/política/epistêmica referenciada geograficamente traduz a referência espacial central a “cidade negra” da Grande Salvador¹⁹

¹⁹ Grande Salvador se refere a abordagem que considera territorialmente Salvador em conjunto com as cidades da região metropolitana (Camaçari, Lauro de Freitas, Simões Filho e etc).

enquanto local que abri os caminhos e produz pontes para as discussões teóricas, metodológicas e epistêmicas.

Em outras palavras, é essencial fazer as análises dos discursos do campo partindo do lugar em que os programas foram produzidos, bem como o espaço em que esta pesquisa é realizada. Também é fundamental a localização política racializada, para garantir formas de conhecer que venham emergir de cosmo sentidos que bebem na fonte da comunidade negra. A partir disso, busco relacionar referências bibliográficas, empíricas, fílmicas, musicais e orais centradas em Salvador enquanto cidade negra que faz parte do circuito e trânsito intercultural do Atlântico Negro (GILROY, 2001). O intuito da nossa pesquisa é insurgir contra a hegemonia da produção científica notadamente do eixo sul/sudeste a nível nacional, com vistas a construir um deslocamento que possibilite edificar o trabalho ancorado em uma ótica nordestina/baiana/soteropolitana. Como versa o grupo de rap Nova Era: “*É Nova Era quebrando as algemas. É muito louco, mas disposto, salve, salve pros guerreiro. E Bahia, Nordeste, Salvador, Cangaceiro. A rua se conhece, nunca esquece, persiste. É forte, sem sorte, na fé, na vida ou na morte. Esquece o crime, sem mudar de time, sempre favela*”.

Traço o mesmo caminho político que os rappers do Grupo Nova Era, o qual podemos chamar de *locus de enunciação*, ou seja se afirmar enquanto nordestino/baiano/soteropolitana/cangaceiro/favelado é um posicionamento político. Como também o caminho de analisar as reportagens do campo a partir do contexto racial em que a produção destes programas está inserida é um posicionamento político, afinal tenho o interesse em compreender: quais os pressupostos que fundamentam a criação e exibição de tais programas? Quais os papéis que estes programas jogam na guerra racial?

Isto posto, para analisar criticamente as imagens de corpos negros veiculadas nestes programas de forma profunda, faço as seguintes indagações: a) por que estas reportagens se constituem do binômio violência e assistencialismo; b) como ostentam grandes audiências, sendo boa parte destas da comunidade negra e de camadas populares; c) por que mesmo com diversas denúncias das ilegalidades cometidas continuam a ser exibidos nas redes de TV?

Assim, se faz necessário situarmos o contexto sócio racial em que o Programa está sendo produzido e reproduzido. Na sua maioria, as coberturas são feitas em Salvador e na Região Metropolitana de Salvador (RMS), com isso é extremamente importante navegar na realidade em que o programa se propõe a espetacularizar, banalizar e ridicularizar. A cidade de Salvador está entre as quatro maiores do país em população, com 2.857.329 habitantes, atrás somente de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Em Salvador, a cada dez pessoas, oito são negras (pretas ou pardas), ou seja, 82,1% da população, o que a torna a capital com o

maior contingente de pessoas negras. Segundo Mãe Aninha, Salvador é a “Roma Negra²⁰” e possivelmente seja a cidade mais negra fora do continente Africano. Para Mãe Aninha, Salvador é a “Roma Negra” por ser o centro do culto aos Orixás, fazendo uma relação à cidade de Roma que era o centro do culto do catolicismo. Como todas as grandes cidades do país, do ponto de vista geográfico, Salvador também é segregada racialmente.

O Mapa da Distribuição Espacial da População segundo Cor e Raça – Pretos e Pardos (2010), construído pelo IBGE em parceria com a SEPPIR, identificou que as/os moradoras/es dos bairros periféricos são majoritariamente negras/os enquanto nos bairros mais centrais, com pessoas de maior poder aquisitivo, a maioria das/os moradoras/es são brancas/os. Segundo o produto fruto da parceria técnica entre os órgãos supracitados, Ilha de Maré é o bairro com a maior quantidade de negros em Salvador (92,99%), seguido por Fazenda Coutos (90,57%), também com grande contingente tem o Rio Sena (90,3%), Liberdade (85,41%), Curuzu (86,39%). Nos bairros centrais a quantidade de negros não chega a 50%, mesmo Salvador tendo a população de mais de 80% de negros, localidades tidas como elitizadas apresentam porcentagens desproporcionais, como Corredor da Vitória (36,42%), Graça (37,82%), Itagira (34,49%) e Caminho das Árvores (38,03%).

A segregação racial da moradia foi construída culturalmente ao longo da história da cidade, diferente das leis do Jim Crow²¹, não está positivada no ordenamento jurídico estatal, por esse fator dentre outros elementos não se trata de uma segregação configurada ao modo estadunidense. Nos E.U.A muito dificilmente pessoas negras entravam em lugares de brancos, bem como os brancos em relação aos lugares de negros. Neste sentido, a segregação racial na quarta maior cidade do país permite em certa medida os sujeitos “fora do lugar” (LOPES, 2016), quero dizer que nas favelas, território negro, será possível encontrar pessoas brancas residindo, como também nos bairros mais ricos onde os brancos moram existe a possibilidade de se encontrar casas de pessoas negras. Neste panorama, levando em consideração que os programas policiaiscos que são pesquisados neste trabalho são majoritariamente gravados em Salvador e na RMS, buscarei uma narrativa focada nos territórios negros de Salvador, baseado em uma perspectiva comunitária e local.

Neste ponto, pretendo discutir as hierarquias raciais à luz da importância que o conceito de raça tem para compreender as complexidades das relações de poder nas periferias

²⁰ Frase alcunhada por Mãe Aninha, fundadora do Ilê Axé Opo Afonjá nos anos 1940, em depoimento a antropóloga cultural Ruth Landes, segundo o antropólogo Vivaldo da Costa Lima.

²¹ De fato, o modelo norte-americano exibiu um padrão de relações violento, conflitivo, segregacionista, vulgarmente conhecido como "Jim Crow", sancionado por regras precisas de filiação grupal, baseadas em arraoados biológicos que definiam as "raças" (GUIMARÃES, 1995, p. 27).

de Salvador e RMS contemporaneamente, com foco nas problemáticas da violência e da criminalização. Ao buscar desnudar a realidade sócio racial destes espaços é possível que possa identificar que alguns dos pressupostos ideológicos que os pavimentam sejam os mesmos a que servem os programas policiaiscos. O artigo “A espacialização da morte e padrões mórbidos de governança espacial: homicídios de jovens em Salvador 2010-2015”²² assevera a distribuição geográfica desigual das mortes violentas em Salvador.

O artigo aponta, de forma incisiva, que há uma distribuição desigual de mortes por homicídio doloso no espaço urbano da cidade de Salvador no período analisado (2010-2015). O fato de as áreas urbanas mais pobres estarem marcadas pelas mortes violentas, estatísticas que sustentam a espacialização da morte na terceira maior capital do país. Ao constatar a distribuição desigual de mortes violentas, considerando os territórios e as circunscrições onde se efetiva a política pública de segurança (Áreas Integradas de Segurança Pública) é possível afirmar, como assevera Jaime Amparo Alves (2011) que a distribuição espacial e a dinâmica de mortalidade se constitui em uma necropolítica estatal de gestão do espaço urbano e controle da população, seja por omissão, seja por cumplicidade com os padrões mórbidos de relações raciais no Brasil. (CALAZANS et al., 2016. p. 25).

Assim, a pesquisa supracitada constata que as Áreas Integradas de Segurança Pública (AISP), divisão realizada pela Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia que integra um conjunto de bairros, localizadas nas regiões mais negras da cidade, tem o índices de homicídios altíssimos e o alvo preferencial é o homem negro, principalmente os jovens que entre 2010 e 2015 foram em média 76,9% dos que morreram. Em contraposição as AISP's 14 e 16, que englobam respectivamente Vitória, Barra, Graça e Pituba, Itagira, Caminho das Árvores, registram as menores taxas de morte, com mais de 90% de diferença em relação a AISP 5, que engloba Periperi e região. O resultado da pesquisa reafirma a trama racial em curso operada pelo Estado neocolonial, o sistema precisa garantir a circunscrição da morte e da violência aos espaços da comunidade negra, como mais uma técnica de controle e extermínio. A ostensividade da ação sanguinária da Polícia Militar nos bairros negros e diametralmente diferente da ação da mesma Polícia para garantir segurança aos bairros brancos e proteger suas propriedades. Como ratifica Flauzina Como ratifica Flauzina (2006, p. 89-90, grifo nosso).

[...] desde uma imagem que vem sendo historicamente construída como caricatura do mal, a negritude aparece como o emblema por excelência, **o alvo mesmo a ser removido do convívio social sadio, que deve ser preservado a qualquer custo.**

²² DE CALAZANS, Márcia Esteves et al. A espacialização da morte e padrões mórbidos de governança espacial: homicídios de jovens em Salvador 2010-2015. **Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades**, n. 238, p. 568-594, 2016.

Assim, se os corpos negros nunca saíram da mira preferencial do sistema, dentro de um processo de marginalização de amplos contingentes, ocupam, como sinalizamos, o primeiro lugar no cardápio indigesto do neoliberalismo.

2.2 Corpo negro “Na Mira” do “Bocão”: Resistências, criminalização e estereotipia na mídia

Discutir o papel da mídia, em especial os telejornais policiais, nos desdobramentos do projeto de genocídio do negro brasileiro na atualidade com ênfase na experiência baiana nos faz evidenciar alguns dos dispositivos raciais de morte, controle e encarceramento, bem como a “trama racial” que permeia o Estado, porém o extrapola, nos seus diversos tentáculos. De acordo com Flauzina (2006, p. 90, grifo nosso):

Dentro dessa empreitada a mídia ocupa inegavelmente um papel de destaque, sendo considerada por muitos como uma verdadeira **agência executiva do sistema penal** sempre pronta a dar suporte às suas principais investidas. É por meio desses aparatos que movimentam somas robustas nos fluxos de capital da globalização que se dá a vital dissimulação da seletividade no sacrifício público de réus brancos bem sucedidos, visando blindar o sistema de uma acusação categórica quanto a sua atuação discriminatória.

Logo, para compreender como se opera a criminalização e a produção das representações sociais dos corpos negros nos meios de comunicação, se faz necessário tangenciar a discussão da articulação entre os poderes do supostamente Estado Democrático de Direito com a mídia (especialmente os programas policiais) e outros agentes para a guerra racial. Digo supostamente democrático porque em verdade este Estado nunca foi completamente democrático, sendo para a comunidade negra e povos originários um Estado de exceção que se atualizou com novas roupagens, porém opera ainda com as mesmas premissas coloniais. Nesta perspectiva, o conceito de “Racistocracia” elaborado pelo grande intelectual Vida (2021) nos ajuda a elucidar como a supremacia branca cuidou para que negras/os e povos originários não tivessem acesso aos direitos fundamentais:

Seguindo a agenda das elites, o Estado buscou “criar” a nação, a partir da escolha do homem branco como o protótipo do cidadão, excluindo negros e indígenas do acesso aos direitos básicos, e definiu a branquitude como perfil para o exercício do poder político, monopolizando a representação das funções do Legislativo, Executivo e Judiciário. Fundavam-se as bases para a Racistocracia como estrutura político-jurídico-institucional que vertebra a organização e o funcionamento do Estado e da Democracia à Brasileira. (VIDA, 2021).

O Episódio 1 foi exibido no episódio do dia 11 de julho de 2014, intitulada “Mulher escondia drogas no corpo para entregar ao companheiro no presídio”. Inicialmente o título já mostra para que veio, a estratégia da narrativa audiovisual pretende dar ênfase as partes

íntimas do corpo feminino. O que me faz pensar, qual o corpo feminino é hipersexualizado? Pega a visão, que o começo da reportagem dá maiores demonstrações destes indícios:

Câmera: *[Foco em um Ford Fiesta de cor branca, depois se locomove para dar um zoom na mulher exposta].*

Voz off: *Olha, nossa equipe acompanha o flagrante, 11ª delegacia, trabalho dos agentes penitenciários, conseguiram localizar drogas no ânus dessa mulher.*

Marcelo Castro: *Segura aí um pouquinho. Como é seu nome? (2x)*

Câmera: *[Foco no rosto da mulher exposta]*

Voz de mulher anônima (até então): *Fale meu amor, não vai mudar nada.*

Mulher exposta: *Taís Araújo*

Descrição da imagem: *Taís Araújo vem sendo conduzida de cabeça baixa, com camisa verde e calça jeans. Ela é negra, tem o cabelo longo, escuro, cacheado e fez clareamento nas pontas, além de ter uma tatuagem no braço direito.*

Durante a reportagem, o repórter Marcelo Castro enfatiza que a droga foi encontrada no ânus da custodiada e o câmera Rildo Paraíso faz questão de mostrar o rosto de Taís Araújo. Além disso, o repórter se esforça para divulgar a identidade dela ao perguntar de forma reiterada seu nome, a ponto de a agente penitenciária pressioná-la para que fale. Este trecho da reportagem deixa a resposta ao questionamento feito acima ainda mais óbvia, não é verdade? A fala do repórter evidencia a hipersexualização e ao mesmo tempo a vulgarização do corpo, bem como a exposição negativa da imagem. O ânus da custodiada se torna a válvula propulsora que irá conduzir o repertório discursivo, além disso a Emissora tem a certeza de impunidade às condutas ilegais de descumprimento dos direitos de intimidade, privacidade e imagem²³ positivados na Constituição Federal (CF).

Quando o repórter entra na delegacia, ele se preocupa em alertar o câmera para não filmar o rosto das/os policiais, ou seja, o direito a imagem das/os policiais é resguardado pela Emissora, porém o direito da custodiada não. É interessante refletir sobre isso porque não se pode falar em ignorância dos profissionais que estavam conduzindo a reportagem, eles tinham total ciência dos direitos fundamentais que precisam ser garantindo, contudo a presunção de impunidade possibilita que os mesmos possam agir como aplicadores das leis que selecionam quem deve ter os seus direitos resguardados. Neste ponto, o repórter pressionou e a agente penitenciária divulgou a identidade civil da apreendida, mesmo ela tendo se negado a falar, assim como a emissora optou por divulgar a sua imagem, sem a mínima preocupação com a

²³ Expresso no art. 5, X, da Constituição Federal.

sua autorização. Estes são sinais suficientes para identificar que o corpo em jogo é negro, pois é o corpo desumanizado, que tem seus direitos constitucionais relativizados, uma vez que pessoas negras não gozam de cidadania plena, e pior, lutam ainda para garantir o direito à vida.

Caso fosse um corpo branco em questão, muito provavelmente a abordagem seria outra, tais atos ilegais realizados pelo repórter e pelo âncora não existiriam pelo fato de o branco representar a imagem a ser preservada, pelo fato de o branco ser o padrão normativo do homem civilizado, do sujeito de direitos, do cidadão de bem. Não obstante, em documento entregue em 20 de novembro de 1995, ao então presidente Fernando Henrique Cardoso, intitulado “Por uma política de combate ao racismo e à desigualdade racial”, as organizações do movimento negro que subscrevem fazem uma análise crítica do racismo na mídia brasileira e afirmam que as representações sociais das/dos negras/os nos meios de comunicação são relegadas ao negra/o-delinquente, negra/o-subserviente, negra/o-exótica/o, entre outras:

A força do estereótipo, deve-se também à ação dos meios de comunicação, enquanto veículos de representação de negros e brancos, que desprezam totalmente o princípio constitucional do respeito aos valores éticos da pessoa humana. Apoiada basicamente em estereótipos, tal representação prima pela reafirmação cotidiana de preconceitos e mensagens racistas junto às crianças e ao grande público, conforme demonstram estudiosos do tema. A acanhada mudança de imagem negra na TV, esboçada nos últimos anos, apenas confirma a regra que assegura aos brancos a pluralidade de papéis, ao passo que aos negros e negras reserva a encenação do exótico, da delinquência, da subalternidade, da subserviência e da resignação frente ao racismo. (CONCEIÇÃO, 2005, p. 130).

Neste momento, diversos segmentos ligados à militância, comunidade artística, academia e intelectualidade se articularam para pressionar os meios de comunicação a incorporar pessoas negras e representações sociais que não reforcem estereótipos da/o negra/o (CONCEIÇÃO, 2005). Segundo Conceição (2005, p.131):

Essas ações remontam à criação do Teatro Experimental do Negro em 1944, passando pelo Cinema Novo e o Tropicalismo, e chegando, nos anos 90, a iniciativa da atriz Zezé Motta, que fundou uma organização não governamental – o Cidan, Centro de Documentação e Informação do Artista Negro – que cadastra e disponibiliza atores afro-brasileiros para o cinema, teatro, televisão e agências publicitárias.

Vale ressaltar que essas iniciativas continuam presentes com objetivo de problematizar as representações sociais da/o negra/o na mídia brasileira, já falei aqui da ação que partiu dos movimentos negros baianos e envolveu o Ministério Público da Bahia para retirar o “Na Mira” do ar. A organização Reaja ou Será Morta/o, o Conselho de Desenvolvimento da

Comunidade Negra (CDCN), o Instituto de Mídia Étnica, entre outras organizações, se movimentaram para questionar o conteúdo veiculado pelos programas “Na Mira”, “Se Liga Bocão” e “Que venha o Povo” que reproduziam diariamente o racismo e corriqueiramente faziam apologia a tortura. Fruto da mobilização do movimento negro e outros segmentos dos movimentos sociais parceiros, o MP foi pressionado a se posicionar e ajuizar a Ação Civil Pública (ACP). Em carta²⁴ a jornalista Márcia Guena afirma que o programa “Se Liga Bocão” é racista até o último minuto, como também denuncia cenas de tortura que foram exibidas no dia 10 de março de 2009. Segundo Guena (2009):

Um jovem era queimado com uma faca quente, enquanto o apresentador, Zé Eduardo, dizia que aquilo serviria de exemplo para aqueles que usam droga ou não respeitam os pais. Uma ação pública contra o programa “Se Liga bocão”, assinada por pessoas e entidades de direitos humanos, se faz mais do que urgente (Guena, 2009, online).

Segundo matéria²⁵ veiculada, a promotora Isabel Adelaide e o promotor Almiro Sena e argumentam que:

(...) o “Na Mira”, parece se inserir no rol dos programas jornalísticos de apelo popular, em que são apresentados graves problemas enfrentados pela população mais carente, acabando por se tornar uma espécie de “ouvidor” da sociedade, mas isso “é só aparência”. Este programa, além de não prestar qualquer serviço dessa natureza, utiliza-se covardemente da justificativa de servir ao interesse público para fazer exatamente o oposto. **Ou será que humilhar, xingar, ridicularizar e expor indevidamente, e da pior forma possível, a imagem de pessoas pobres ou paupérrimas presas nas delegacias de polícia é atender ao interesse público?**

Acrescento a fala dos integrantes do Ministério Público da Bahia que a imensa maioria das pessoas pobres ou paupérrimas citadas por eles é negra. Ademais, o assistencialismo e a promoção da escuta ativa das reivindicações populares são estratégias para aproximar estes programas do “objeto” alvo da sua sanha, com isso ao tempo em que os programas policiaiscos representam as pessoas pobres e negras como uma doença incurável da civilização somente resolvida com cadeia ou execução, também se utiliza desta doença para alimentar a busca por audiência que gera marketing, publicidade e continuidade. A esquizofrenia jornalística destes programas aproveita a vulnerabilização socioeconômica, o auto ódio, a presunção da impunidade e ausência de direitos materiais da comunidade negra para encher o bolso das emissoras ao custo das vidas de pessoas negras, em outras palavras a

²⁴ Disponível no link: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/mp-entra-com-acao-contra-programa-que-defende-tortura/>, acesso em 10 de junho de 2022.

²⁵ Ver nota de rodapé, nº27.

nossa desgraça é lucrativa. A música de Lazzo Matumbi e do professor Jorge Portugal, intitulada “14 de maio” faz uma crítica contundente a abolição inconclusa, a invisibilidade e ausência de direitos básicos das pessoas negras, bem como as mandigas de (re)existência para sobreviver ao plano de aniquilamento implementado pelo Estado neocolonial:

No dia 14 de maio, eu saí por aí. **Não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir.** Levando a senzala na alma, eu subi a favela. Pensando em um dia descer, mas eu nunca descí. Zanzei zonzó em todas as zonas da grande agonia. Um dia com fome, no outro sem o que comer. **Sem nome, sem identidade, sem fotografia.** O mundo me olhava, mas ninguém queria me ver. No dia 14 de maio, ninguém me deu bola. **Eu tive que ser bom de bola pra sobreviver. Nenhuma lição, não havia lugar na escola. Pensaram que poderiam me fazer perder. Mas minha alma resiste, meu corpo é de luta.** Eu sei o que é bom, e o que é bom também deve ser meu. A coisa mais certa tem que ser a coisa mais justa. **Eu sou o que sou, pois agora eu sei quem sou eu** (grifo nosso).

Dando prosseguimento também cito a campanha que fiz parte promovida pelo Programa Direito e Relações Raciais (PDRR) em articulação com segmentos do movimento negro, denominada “Desligue o Racismo, assumo o controle” em 2014, a qual surgiu em questionamento à minissérie da Rede Globo “Sexo e as Negas”, dirigida por Miguel Falabela e realizou atos públicos na frente da Tv Bahia e no SESC, denunciando o caráter racista e sexista da minissérie. Segundo matéria jornalística veiculada no site do Conselho Regional de Serviço Social da Bahia – CRESS/BA²⁶, a organização do ato manifestou que “a discussão e o combate ao histórico processo de estereotipação e cristalização da mulher negra como objeto sexual é uma pauta fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária”. A movimentação encabeçada pelo PDRR dialoga diretamente com o recorte da reportagem¹ e toda a sua narrativa audiovisual, por coincidência ou não os dois programas foram gravados em 2014 e se assemelham em reproduzir a representação social da mulher negra no lugar da vulgaridade e disponibilidade sexual.

Além disso, a Rede Globo se propôs a transmitir a novela “Segundo Sol” que tinha a Bahia como principal referência, todavia para organizações do movimento negro, novamente a emissora insistiu em constituir uma narrativa estereotipada da baianidade com um elenco com poucas pessoas negras. Do ponto de vista composição racial do elenco, a novela se parecia mais com países da Europa, os questionamentos resultaram em uma Ação Civil Pública²⁷ ajuizada pela União de Negros pela Igualdade (UNEGRO) contra a Rede Globo no dia 10 de maio de 2018, a qual cobrou maior representatividade de pessoas negras no elenco da novela. A pressão do movimento negro também influenciou o Ministério Público do

²⁶ Acessada em 06 de janeiro de 2021, disponível no link: <https://www.cress-ba.org.br/detalhes/1/44>

²⁷ Acessada em 29 de junho de 2022, disponível no link: <https://esquerdaonline.com.br/2018/05/12/unegro-aciona-globo-por-ausencia-de-atores-negros-na-novela-das-nove/>

Trabalho que fez recomendação²⁸ para que a empresa possa sanar a ausência de pessoas negras na telenovela, assim como possa elaborar um plano de ação que garanta inclusão, remuneração, igualdade de oportunidades as/aos artistas negras/os e um levantamento de pessoas negras em todas as produções da emissora. O pós-doutor Joel Zito Araújo se posicionou nas redes sociais afirmando que nunca pensou que o seu filme após tanto tempo de lançamento ainda estivesse extremamente atual.

Neste contexto, houve muitos questionamentos a novela “Nos tempos do Imperador”, também da Rede Globo de Televisão. Segundo Maíra Azevedo²⁹, ativista do movimento negro e influenciadora digital conhecida como Tia Má:

Durante o período escravagista, mesmo os negros alforriados, não podiam circular livremente pelas ruas. É um homem preto jamais poderia estar sentado sozinho com uma mulher branca no meio da rua, ele seria preso, decapitado. Ainda lembra que a sociedade precisa avançar e mostrar a história com vários olhares, nossas lutas e colaborar para que as pessoas tenham um olhar mais consciente sobre a história do Brasil. Ainda hoje, pessoas pretas seguem ganhando menos, tem menos oportunidades, estão na base da pirâmide social e nos subempregos.

Também se manifestou acerca do desserviço prestado pela novela, a editora do site Mundo Negro, Silvia Nascimento³⁰ ao afirmar que:

Novelas de época deveriam vir com um alerta de gatilho. A escravidão negra no Brasil, a mais longa da história, não é ficção. Não tem como ver cenas que envolvem abusos de donos contra negros escravizados, açoites, grillhões, assassinatos e não imaginar que um ancestral nosso, não tão distante, tinham esse cenário de terror como parte do seu cotidiano. Ressalta ainda que a novela tentará humanizar o Imperador que não aboliu os escravizados, inclusive pela fala da autora, a gente percebe que os avanços sócios educacionais serão mais relevantes na trama do que a desumanização e abuso dos africanos sequestrados e seus descendentes.

Ademais, após processo judicial que durou 15 anos a Rede Record foi condenada por praticar racismo religioso, através da exibição de programas como, “Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios”. A ação foi movida pelo Instituto Nacional de Tradição e Cultura Afro-Brasileira (ITECAB), pelo Centro de Estudo das Relações de Trabalho e da Desigualdade (CEERT) e pelo Ministério Público, pela qual após condenação se chegou ao acordo do pagamento da indenização de R\$ 600.000,00 (seiscentos mil reais) para as entidades, bem como a exibição de quatro programas de 20 min produzidos pelas entidades, inclusive retratando a história da Ação Civil Pública.

²⁸ Acessada em 29 de junho de 2022, disponível no link: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-05/mpt-notifica-globo-por-falta-de-negros-em-novela-e-recomenda-mudancas>

²⁹ Acessada em 29 de junho de 2022, disponível no link: <https://guianegro.com.br/novela-nos-tempos-do-imperador-deturpa-a-historia-e-causa-ira-de-ativistas-negros/>

³⁰ Ver nota de rodapé 32.

No campo do cinema, é impossível não citar o documentário riquíssimo de Joel Zito Araújo, denominado “A negação do Brasil”, lançado em 2000, o qual faz uma profunda discussão sobre as representações sociais estereotipadas da/o negra/o na televisão brasileira, a partir de narrativas trazidas em grande parte pelas/os próprias/os artistas que atuam nesta área, entre elas Zezé Mota e Ruth Cardoso. Além disso, este trabalho se junta aos esforços desenvolvidos nesta área, para construir uma análise crítica da relação entre mídia e racismo tomando como campo de estudo o telejornalismo policiaisco.

Nesta perspectiva, o Episódio 2 do Programa “Se Liga Bocão”, intitulado “Travesti diz que traficante não é vagabundo”, veiculado no dia 25 de março de 2014, no discurso do repórter o racismo e a discriminação sexual se articulam para submeter à sujeita de direitos exposta a situações extremamente violentas e vexatórias. Em resumo, segundo informações do Programa e da polícia, três pessoas negras foram presas em flagrante portando drogas e armas. Ocorre que, novamente como pudemos demonstrar no episódio anterior, a escolha do título é um demonstrativo da estratégia narrativa que o Programa utilizará ao longo da reportagem. A opção de escolher um título que coloque em evidência a condição de travesti de uma das pessoas custodiadas, em conjunto com a afirmação de que na visão dela traficantes não são vagabundos, sugere a opção de ser travesti como condicionante para a realização da conduta ilegal pela qual está sendo presa. Pode parecer enfadonho, todavia, é preciso perguntar: qual a relação entre a escolha de ser travesti e os supostos crimes cometidos? Por que a identidade de travesti negra, a torna uma criminosa em potencial? Ser travesti negra ainda a torna mais vulnerável? Vamos mergulhar um pouco mais na reportagem, a partir de trechos da transcrição:

Marcelo Castro: *Olha só, o flagrante da RONDESP - RMS, no comando do coronel Sérgio Freire, olha só, olha só...*

Câmera: *[foco nos três custodiados]*

Descrição da Imagem (Lázaro Ramos): *Homem negro, magro, cabelo preto curto, está com a camisa pendurada no ombro esquerdo e com bermuda.*

Descrição da Imagem (Antônio Pitanga): *Homem negro, acima do peso, cabelo preto curto, camisa lilás com desenho do mar com um coqueiro, ao que parece ser uma ilha e bermuda.*

Descrição da Imagem (Natasha Vogue): *Travesti negra, pele escura, cabelo preto longo com mechas loiras nas pontas, utilizando anéis na mão, pulseira, colar, duas tatuagens, vestida com um top preto e um shortinho jeans e com as unhas pintadas de vermelho.*

Marcelo Castro: *O resultado de uma grande operação no Parque Continental, município de Simões Filho, dois homens presos e ao lado aqui João que é conhecido também como Ruth Cardoso, né isso?*

Câmera: *[foco nos dois custodiados que até o momento não foram nomeados, mas sim categorizados como homem e por fim se deu ênfase a Natasha Vogue que para o repórter não entrou no rol dos homens e em nenhuma outra categorização]*

O início da matéria corrobora com a estratégia assumida pela Emissora desde a escolha do título, verifiquem que ao passar a suposta informação das pessoas suspeitas, o repórter Marcelo Castro identifica duas pessoas que ele enquadra na categoria de homens, porém faz a opção de construir a narrativa focada em Ruth. O começo do diálogo é marcado pela violência que parte do repórter, mesmo tendo a informação do nome social, faz questão de identificá-la pelo seu nome de registro. O trecho abaixo confirma a assertiva feita acima, vejamos:

Marcelo Castro: *Ao lado aqui a Natasha. Natasha você caiu em 2007 acusada de tráfico, o seu nome mesmo qual é?*

Natasha Vogue: *Natasha Vogue*

Câmera: *[Foco no rosto de Natasha Vogue].*

Descrição da imagem: *O enquadramento da imagem possibilita o telespectador ver dos seios a cabeça de Natasha Vogue, atrás também é possível observar um muro branco, protegido por arame farpado, escrito com tinta Polícia Militar da Bahia, abaixo COPPM, CPRMS, CIPT-RONDESP-RMS.*

Marcelo Castro: *Natasha?*

Natasha Vogue: *Vogue.*

Marcelo Castro: *Vogue?*

Natasha Vogue: *É sim, de verdade.*

Marcelo Castro: *É o nome oficial?*

Natasha Vogue: *Até a morte.*

Marcelo Castro: *Até a morte esse nome?*

Natasha Vogue: *É sim.*

Marcelo Castro: *Mas seu nome oficial é João, não é isso?*

Natasha Vogue: *Ah você não sabe, precisa repetir é?*

Marcelo Castro: *Não tô perguntando a você?*

Natasha Vogue: *Precisa repetir é?*

Marcelo Castro: *Quantos anos?*

Uma observação interessante sobre a reportagem é a hipótese de que o nome social da custodiada tenha sido escolhido como referência à outra travesti relevante no cenário

lgbtqiap+. A travesti “Natasha Vogue” é uma performista que se apresentou na Parada Gay no ano de 2004 e em boates como a Ice Kiss, tendo iniciado sua carreira na boate Tropical em 1994, segundo a tese de doutorado de Fernando Antônio de Paula Passos (2018). Pode-se dizer que “Natasha Vogue” é uma figura importante no cenário lgbtqiap+, pela sua trajetória artística e política, sendo inclusive sujeita de pesquisa da tese “*What a drag! Etnografia, performance e transformismo*”, desenvolvida por Passos (2018) no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas.

Retornando a discussão do Episódio 2, o repórter Marcelo Castro é extremamente violento, para ele não foi suficiente no início da reportagem chamar Natasha pelo seu nome de registro, mesmo com a demonstração do seu incômodo ao afirmar incisivamente que seu nome é “Natasha Vogue, até a morte”. Contudo, mesmo resistindo à violência com uma resposta firme, o repórter continua por não respeitar a posição da travesti e faz uma pergunta retórica sobre o seu nome oficial ser o seu nome de registro. A violência cometida por Marcelo Castro ao fazer questão de não respeitar o nome social da apreendida, passa pelo lugar da discriminação ao dissidente, pela ignorância e pela presunção da impunidade. Marcelo Castro, no seu lugar de branco, portanto respaldado pelos valores da branquitude, tem a certeza que seus atos cruéis cometidos a uma travesti negra sairão impunes.

O movimento de Trans construiu e constrói diversas ações políticas para garantir o direito à vida, à identidade, e que o nome social seja respeitado pelas instituições e pela sociedade. Segundo publicação da ONG Transgender Europe divulgada em 2016³¹, o Brasil é o país que mais mata pessoas trans em número absolutos, foram notificados 868 assassinatos entre janeiro de 2006 e julho de 2016.

O Brasil tem cerca de três vezes mais assassinatos de pessoas trans que o segundo colocado, México (259) e cerca de oito vezes mais que o terceiro e quarto colocados no ranking, respectivamente E.U.A (146), Colômbia e Venezuela que empatam em quarto lugar (109). Além disso, também é apontada a dificuldade de consolidação desses dados, pois muitos casos não são notificados pelas autoridades, o que nos faz refletir sobre a possibilidade deste universo ser ainda maior. Em um país marcado pela colonização violenta, o qual pode ser considerado máquina de moer gente preta como evidenciam os dados do Mapa da Violência e que mais mata travesti no mundo segundo relatório supracitado, obviamente a grande maioria das travestis mortas são negras. O racismo, o sexismo, a lgbtqiap+fobia e a

³¹ EUROPA, TRANSGÊNERO. Relatório anual da TMM de 2016. **TvT Pulpication Series**, v. 14, 2016.

cultura da violência são cimentos que pavimentam a naturalidade da exibição de reportagens violentas como a citada anteriormente.

Para dialogar com os argumentos acima, trazemos mais um trecho da reportagem:

Marcelo Castro: *Natasha Vogue, e porque você escolheu esse nome Natasha? Fantasia foi?*

Descrição da imagem: *Natasha dá um olhar de desprezo para Marcelo Castro.*

BG: *Natasha diz que estava no lugar errado, na hora errada.*

Marcelo Castro: *Já vai se estressar com o repórter né?*

Natasha Vogue: *Pergunta idiota, tolerância zero.*

Marcelo Castro: *Tô perguntando a você, porque escolheu esse nome Natasha. É o quê que você tinha?*

CÂMERA: *[Enquadramento no repórter Marcelo Castro e na custodiada Natasha Vogue]*

Natasha Vogue: *Eu gosto Natasha.*

Marcelo Castro: *Gosta?*

Natasha Vogue: *É.*

O repórter Marcelo Castro é cruel com Natasha quando pergunta pejorativamente se a escolha do seu nome social foi por fantasia ou se ela tinha algum problema psicológico. Na pergunta ultrajante feita pelo repórter, “É o quê que você tinha?” se expressa a incompreensão ao diferente, além de um certo desdém às condições psicológicas de Natasha. Estes tipos de questionamentos são ancorados na cultura patriarcal heteronormativa que impõe um padrão de controle e é extremamente perversa com tudo que desvie da norma. Entretanto, mesmo sendo colocada em um cenário de vulnerabilização acentuada, Natasha não aceita ser destrutada, com isso resiste e revida da forma possível ao ponto de afirmar que o repórter está fazendo uma pergunta idiota.

A violência racial no tratamento atribuído pelo repórter às pessoas custodiadas é um dos elementos que conecta as duas reportagens citadas, porém o foco do *Episódio 1: “Vulgarizando Mulher Negra”* é a objetificação e hipersexualização do corpo feminino, o ânus que aguenta esconder 100g de maconha; no *“Episódio 2: Homofobia e racismo contra travesti negra”* o foco da narrativa é a própria condição de travesti de uma das custodiadas que será explorada como algo pitoresco, esquisito e insano. Dessa forma, se percebe o tratamento vexatório, as ilegalidades, o lugar subalternizado das pessoas negras e as violências cometidas são elementos que conectam estes programas, porém as categorias de

gênero e sexualidade são acionadas para dar tratamento específico às duas pessoas. O cruzamento entre racismo e sexismo é um instrumento importante para analisar consequências desta articulação sendo operadas nos corpos, conforme assinala o professor Jesiel de Oliveira (2010, p.143):

O estudo crítico das interconjugações entre racismo e sexismo — tema que se mostra cada vez mais relevante para a construção de propostas e de alianças político-identitárias emancipadoras — remete a uma problematização dos fundamentos das regras discriminatórias instituídas pelos poderes falocráticos e eurocêtricos que configuraram colonialmente o mundo moderno.

Assim, as categorias raça e sexo são elementos constitutivos da própria construção da nacionalidade e da ideia de paraíso racial, paridas com base nas brutais violências coloniais. O pensamento da harmonia entre as raças surgiu nos anos 20 do século XIX, tendo cumprido papel importante em edificar a ideologia que garantiu viabilidade a política de mestiçagem como um empreendimento vitorioso das elites para a nação ao tempo em que também serviu como mecanismo eficiente para disfarçar e tornar invisível as hierarquias raciais. Novamente nos utilizamos dos argumentos do nobre professor Oliveira (2010, p. 145) para fundamentar a reflexão: “Projetadas no âmbito do imaginário sensualista que, desde os tempos da casa-grande e da senzala, transpassa e pesponta a dinâmica identitária brasileira, as forças cruzadas da racialização e da sexualidade mobilizam sentidos seminais”.

Vejamos mais um trecho do Episódio 1, em que supostamente foram encontradas drogas escondidas no corpo da suspeita:

Marcelo Castro: *89, tem 25 anos. A droga seria entregue a quem? [o repórter insiste em instigar a custodiada a falar] Mostra para a gente aqui, o trabalho dos agentes penitenciários. Vamos entrar aqui, o trabalho da nossa equipe. O flagrante aqui com exclusividade na 11ª delegacia, no bairro de Tancredo Neves.*

Câmera: *Filma os documentos e o produto que supostamente foram apreendidos com Caroline, depois filma a entrada da delegacia, onde o repórter está localizado e nesse instante é o primeiro momento em que filma o rosto do repórter.*

Descrição da imagem: *Homem branco, cabelo preto, baixo, vestido com camisa social azul, relógio e corrente dourada no pulso esquerdo.*

Marcelo Castro: *Olha só, ela tava com isso no ânus foi?*

Jurema: *No ânus.*

Marcelo Castro: *É mermu? [entonação sarcástica].*

Câmera: *Filma o produto supostamente encontrado no corpo de Taís Araújo.*

A estratégia imagética da câmera de hipervisibilizar uma mulher negra em uma situação vexatória, de dificuldade, supostamente em conflito com as leis penais, algemada,

tendo como um dos principais objetivos mostrar o seu rosto enquanto é acusada de transportar drogas no ânus, mensagem enfatizada pela reportagem, evidencia o nível da desumanização do corpo negro. Nós negras/os ainda não alcançamos o direito à cidadania, não somos sujeito de direito algum e muito menos alvo de garantias constitucionais. Dessa forma, ao argumentar que o direito é atravessado por relações raciais desiguais em todas as suas estruturas, o professor Vida (2021) aprofunda a discussão utilizando o exemplo de medidas do denominado pacote anticrime que podem contribuir para “legalizar ações abusivas e violadoras de direitos”, com isso:

Utilizamos, inclusive, este exemplo para demonstrar como não há e nunca houve no Brasil um direito neutro quanto às relações raciais. **Toda estrutura jurídica brasileira, em maior ou menor escala, está transversalmente estruturada por uma lógica de supremacia racial branca.** (...) E não é somente a ação policial, é também a existência, por exemplo, de uma norma que concede, ao delinquente portador de diploma universitário, o direito a uma prisão especial. O que justifica isso numa sociedade em que, até recentemente, negros quase nunca entravam na universidade? Isso é uma forma, ainda que não explícita, de estabelecer um tratamento racial diferenciado. (VIDA, 2021, grifo nosso).

A possibilidade de inocência, de mal entendido, da mulher ter sido obrigada, do agente penitenciário ter forjado a situação por ter recebido uma negativa na tentativa de explorar o corpo de Taís Araújo, não foram cogitadas porque se trata de um corpo negro. Além disso, a reportagem também reforça as representações sociais do corpo da mulher negra hipersexualizado, agressivo e propenso à criminalidade. O constrangimento de ter sua imagem veiculada em um programa de televisão na rede aberta sendo acusada de “transportar 100g de maconha no cu” pode ter desgraçado com a subjetividade daquela mulher, ao ponto de matá-la socialmente, de nunca mais recuperar a sua imagem diante da sua comunidade, família, amigas/os, vizinhança. E os familiares de Taís Araújo? Taís Araújo tem filhos? E a Mãe? Pai? Irmã? Irmãos? Qual o alcance do suplício vivido por Taís Araújo durante a reportagem exibida no Programa? E o direito a construir outras memórias e vivências para uma jovem, mulher negra, como Taís Araújo? A possibilidade da imagem de Taís Araújo ser vez ou outra representada como aquela que passou no Bocão por ter “levado maconha no cu” é grande.

A participação do âncora ao final e o fato de parte da reportagem ter sido filmada dentro da delegacia sem nenhum questionamento nos traz sinais importantes da relação entre os sujeitos e poderes estabelecidos. O alô que Bocão manda para Paulo Sergio representando toda a categoria dos agentes penitenciários; a afirmação de que as revistas são criteriosas e que os agentes penitenciários, como a polícia, executam um belo trabalho, denotam a aproximação entre o âncora, o Programa e os agentes penitenciários. Somados ao relatório

elaborado pelo CCDC, o qual constatou que todas as reportagens dos dois Programas estudados beneficiam a narrativa das corporações policiais.

Ao analisarmos a quantidade de apresentadores dos programas policiaiscos em todo país que se postulam ao poder legislativo, veremos que se trata de um número expressivo, temos na Bahia o exemplo de Uziel Bueno que disputou vagas na Assembleia Legislativa e na Câmara de Vereadores de Salvador, sendo inclusive candidato em 2020. Levantamento³² realizado pelo coletivo INTERVOZES quantificou em 23 o número de apresentadores e repórteres de programas policiaiscos que disputaram as eleições de 2018 em 10 estados da federação (BA, CE, PB, PE, PA, MG, PR, SP, RJ, ES). Nas eleições de 2020, o coletivo INTERVOZES realizou novo levantamento³³, o qual por sua vez constatou que nas capitais e duas maiores cidades de cada estado existem pelo menos 10 candidatos aos cargos de prefeito e vice-prefeito oriundos de programas policiaiscos.

Entres estes, tem-se o caso estarrecedor de Wallace Souza, que foi transformado na série da Netflix denominada “Bandidos na TV”. O âncora comandava o programa policiaisco “Canal Livre” no estado do Amazonas e se elegeu deputado estadual, posteriormente o deputado foi acusado de ser um dos chefes do crime organizado no estado. Ademais, o apresentador e parlamentar também foi acusado de ter comandando uma onda de violência para ganhar audiência e ter informações exclusivas de primeira mão para transmitir. O deputado foi cassado, preso e morreu em 27 de junho de 2010, em sua defesa alegou que era inocente e foi perseguido por gente muito poderosa ligada ao governo que não tinha interesse nas denúncias que ele fizera.

Outra passagem interessante para dissecar é a fala de Bocão sobre a política institucional, mais especificamente a sua negação à política ao afirmar que não é descarado e muito menos vagabundo para utilizar o programa como palanque eleitoral. Vejamos:

Bocão: *Menina de 25 anos de idade, 25 anos de idade (com força na entonação), jovem, bonita, cai no crime dessa forma brutal, e aí ó? É levada, o cara lá de dentro deve ter dito, por favor, traga maconha que eu tô na abstinência, eu tô doido, eu vou morrer.*

Câmera: *[sai do estúdio para mostrar a custodiada algemada].*

Bocão: *Traga, bote no ânus, ela aí coloca nas partes íntimas dela, 100 g de maconha, sabe que a revista lá é detalhada.*

³²Disponível no link: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/apresentadores-de-programas-policialescos-usam-a-tv-para-ganhar-votos/>, acessado em 09 de abril de 2021.

³³Disponível no link: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/da-tv-as-urnas-apresentadores-de-programas-policialescos-nas-eleicoes/>, acessado em 09 de abril de 2021.

Câmera: *[dividida entre o estúdio e a exibição de partes da reportagem feita anteriormente].*

Bocão: *Deixa mandar um abraço para todos os agentes penitenciários. Alô, Paulo Sergio, um abraço para todos vocês aí, agentes penitenciários, masculino, feminino também, a todos vocês do GIP, é GIP? Grupo Interno do Presídio, parabéns a vocês que fazem a revista, olha aí 100 g de maconha (maior entonação), isso não é admissível, de uma mulher (desdém na voz), sabe que vai cair. Não adianta que vai cair. A revista no presídio aqui na Bahia, esses agentes penitenciários que merecem o meu respeito (entonação de afirmação) e eu não tô aqui pra lhe pedir voto, porque eu não troco microfone por voto, que eu não sou descarado pra trocar microfone por voto, nem sou vagabundo pra lhe pedir voto usando microfone. Não vote em mim porque eu não sou candidato. Agora, vocês fazem um bellissimo trabalho, a polícia também faz um bellissimo trabalho. Todos vocês merecem o meu respeito.*

Entretanto, cerca de cinco anos após a reportagem, o apresentador figura como um dos possíveis candidatos a prefeito de Salvador, inclusive tendo tratado desta possibilidade no Programa que apresenta atualmente, o “Balanço Geral”. É importante lembrar que o último a apresentar e criador do programa “Balanço Geral”, Varela, por muitas vezes se postulou como possível candidato à prefeitura, sem nunca ter efetivamente disputado, porém foi um cabo eleitoral para alguns de seus familiares se candidatarem, tendo sua esposa Sheila Varela (PRB) obtido 21.721 votos nas eleições para deputada estadual em 2010 e também foi indicada na convenção estadual do PP como pré-candidata à prefeitura de Ilha de Itaparica. Na introdução do trabalho, coloquei que ao ter acesso às transcrições dos programas, ficaria fácil identificar a característica deste tipo de jornalismo em que o âncora quebra o tira a mascara da falta “imparcialidade” e se posiciona de forma contundente, como foi explícito nas falas de Zé Eduardo.

As relações de proximidade entre os programas policiaiscos, as polícias, os agentes penitenciários, o poder legislativo, o poder executivo e judiciário são somente alguns indícios do papel que a mídia joga na trama racial que também está diretamente relacionado ao encarceramento em massa, uma das expressões do genocídio do negro brasileiro. A música de rap “É a nova era”³⁴ do grupo Nova Era faz uma denúncia contundente a essa realidade quando se afirma no verso: “televisão violenta, sem massagem tio, transmitindo o terror, na maldade”. Nas ruas de Salvador, quando se fala que alguém está na maldade, quer dizer que a/o mesma/o está armando contra você, sem massagem, sem trégua, sem tempo para respirar, da forma mais dura possível. Trocando em miúdos, o verso pode ser interpretado como uma crítica cortante ao funcionamento de programas, como do gênero policialesco e outros que se

³⁴ Disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=k-g6Pc_heIs&ab_channel=RapNovaEraOficial

utilizam da violência e do terror imposto pelas corporações policiais nas periferias para ter audiência.

O conceito de “trama racial” é uma categoria elaborada essencialmente partindo da apreensão da realidade concreta dos *guetos* da cidade da Grande Salvador. A ideia de “tramar” é falada direto na comunicação entre os jovens negros das periferias de *Salcity*, exemplo disto é quando acusam os “Gambé”³⁵ ou os “alemão”³⁶ de tramar contra eles, ou como dá a ideia a rima do grupo Racionais MC’S: “Eu sei quem *trama* e quem tá comigo, o drama que carrego para não ser mais um preto fudido³⁷”. De toda sorte, a conjugação do verbo “tramar”, para norma culta do português significa, tecnologia de conjunto de fios, próprios da tecelagem.

Segundo Gonzales (1988b), no Brasil não se fala o português colonial e sim o “pretuguês”, conceito elaborado pela intelectual para defender a influência africana na dimensão cultural da diáspora brasileira. Abordagem teórica interessante para refletir acerca da forma de se comunicar das/os negras/os, principalmente nas periferias soteropolitanas. A ideia de “tramar” nas periferias soteropolitanas, por exemplo, tem sentido de conspiração, um sentido marcado pela raça porque tramar é uma acusação feita geralmente por jovens negros ao inimigo, no geral a polícia, linha de frente da guerra racial. Apesar de que, a polícia é parte mais visível, porém toda a estrutura jurídica funciona a serviço do projeto genocida do Estado neocolonial, conforme afirma o professor Vida (2021, grifo nosso):

No Judiciário, a demora na aplicação das ações afirmativas e a preservação do bacharelismo e elitismo, em suas formas racializadas, consolidou seu papel de fiador da Racistocracia. **O Judiciário brasileiro é coautor das principais violências raciais: o genocídio negro e indígena, o super encarceramento, a criminalização dos movimentos sociais, as fraudes aos direitos constitucionais dos quilombolas e indígenas, etc.**

Além disso, as palavras sábias da professora Ana Flauzina ratificam a argumentação:

Dessa maneira, as agências da criminalização secundária, seja nas marcas **evidentes das intervenções policiais ou no âmbito cerrado na liturgia do Judiciário**, cumprem um papel decisivo na moldura da criminalidade, desde parâmetros de mercado sim, mas sem abrir mão dos processos de recrutamento racialmente consagrados dentro da pauta neoliberal. (FLAUZINA, 2006, p.89).

A trama é marcada pela raça porque o inimigo fundamental da população negra nas periferias das grandes cidades é a instituição policial, máquina de moer gente preta, que serve

³⁵ Gíria utilizada para denominar policiais.

³⁶ Apelido para policiais e membros de facções rivais.

³⁷ Música: Negro Drama

ao Estado neocolonial dirigido pela supremacia branca desde que foi forjado. Estes dois elementos discursivos e práticos, a “trama” combinado com a “raça”, podem ser articulados em uma perspectiva analítica para abordarmos como o Estado investe sua tecnologia e organiza o seu conjunto de fios para a guerra racial em que o país está imerso. A “trama racial” é o conjunto de tecnologias construídas historicamente pelo Estado brasileiro, fundamentadas na ideologia do racismo, para controlar, encarcerar, sequestrar, dizimar e aniquilar pessoas negras e povos originários. Em última instância, a “trama racial” é a articulação de todo o aparato do racismo, através do seu conjunto de fios que perpassam o Estado neocolonial, mas o extrapolam a serviço do projeto de genocídio do negro brasileiro (NASCIMENTO, 1979).

Desenrolam-se em políticas comerciais, de finanças, saúde, educação, tributária, previdenciária, administrativa, penal, em suma todos os desdobramentos do Estado, assim como transbordando o Estado, tal como os conglomerados da grande mídia dominada por sete famílias, as grandes empresas e as corporações transnacionais que atuam e interferem nos rumos do país. O nosso griot [Abdias] Nascimento (1979), esmiúça como as várias facetas do genocídio racial vão muito além do extermínio físico, passa pelo genocídio cultural, pela política de mestiçagem, embraquecimento e exploração sexual da mulher africana e afrodescendente. Carneiro (2012), por sua vez, desenvolve o conceito de epistemicídio para discutir a pilhagem e o apagamento racial no âmbito da educação e produção do conhecimento científico. Flauzina (2012) contribui para descortinar o projeto genocida na esfera do sistema penal. Ademais, no contexto da saúde, Góes (2018) afirma que mulheres negras são quem mais morrem por aborto e Oliveira (2019) comprova que também são as que mais sofrem violências obstétricas. Para citar apenas algumas contribuições neste caminho, exemplifico para sustentar que o racismo é a arma mais poderosa que a supremacia branca produziu para garantir a manutenção da sua hegemonia. No caso brasileiro, a trama é para desaparecer com o povo negro.

Para elucidar melhor o conceito de “trama racial”, vamos trazer para discussão o caso emblemático de Geovane Mascarenhas. Antes disso, é interessante dialogar com a perspectiva do criminólogo Raul Zaffaroni, em diálogo com Foucault, de que as Colônias latino-americanas são grandes instituições de sequestro que operam o controle da vida das minorias subalternizadas. A intelectual Flauzina (2006, p.45) escurece a questão:

Analisando a complexidade da região latino-americana nesse período, Zaffaroni entende que a Colônia pode mesmo ser considerada como uma instituição de sequestro, na perspectiva desenvolvida por Foucault. Em linhas gerais, podemos dizer que as instituições de sequestro são uma forma de controle, à margem da

instituição judiciária, que por meio da captura e controle do tempo, dos saberes e dos corpos dos indivíduos a elas submetidos, têm por principal finalidade moldar, padronizar os comportamentos. [...] **Entre as ‘instituições de sequestro’ - designação das instituições totais por Foucault - não se encontra presente a colônia que, em nossa opinião, deve ser repensada da perspectiva de uma gigantesca ‘instituição de sequestro’ de características bastante particulares.** Não é possível considerar alheio a esta categoria foucaultiana, apesar da sua imensa dimensão geográfica e humana, um exercício de poder que priva da autodeterminação, que assume o governo político, que submete os institucionalizados a um sistema produtivo em benefício do colonizador, que lhe impõe seu idioma, sua religião, seus valores, que destrói todas as relações comunitárias que lhe pareçam disfuncionais, que considera seus habitantes como sub-humanos e que justifica como empresa piedosa qualquer violência genocida, como argumento de que, ao final, redundará em benefício das próprias vítimas, conduzidas à verdade (teocrática ou científica). (ZAFFARONI apud FLAUZINA, 2006, p. 45, **grifo nosso**).

Desse modo, o que houve no caso de Geovane Mascarenhas foi um sequestro seguido de esquartejamento dentro da sede de uma instituição estatal. Diante disso, na data de 02 de agosto de 2014, sábado, o senhor Jurandhy Silva de Santana, de 44 anos de idade, recebe uma ligação da esposa do seu filho Geovane Mascarenhas, de 22 anos, informando que ele tinha sido abordado em sua moto e levado pela RONDESP nas imediações entre os bairros do Largo do Tanque e a Calçada. Desde então, ele iniciou uma busca para encontrar seu filho, passou pelo local onde Geovane foi avistado, porém não o encontrou. Logo então se dirigiu a Segunda Delegacia da Polícia Civil situada na Liberdade, onde foi comunicado que não tinha chegado lá, tendo isso em vista, o policial civil o orientou a ir ao batalhão da PM para procurar seu filho. Segundo relato prestado em entrevista disponível no Youtube pelo Pai, ele passou o final de semana e a segunda-feira peregrinando entre as delegacias e o Instituto Médico Legal (IML), sem obter o sucesso de encontrar Geovane. Sobre a situação do IML, é relevante salientar que seu Jurandhy chegou a ver o corpo do seu filho, porém não reconheceu porque foi esquartejado, a cabeça, tatuagem, os testículos, membros, foram arrancadas e o corpo foi queimado.

Alguns dias depois, o pai de Geovani conseguiu uma imagem com a vizinhança do local que confirmava que seu filho foi levado pela tropa da RONDESP antes de desaparecer, a partir disto as buscas se intensificaram, quando se constatou que Geovane tinha sido esquartejado. O tronco foi encontrado no Parque São Bartolomeu e a cabeça em Campinas de Pirajá. Adiante, a Secretaria de Segurança Pública reconhece que Policiais Militares da RONDESP, torturaram, decapitaram, esquartejaram e queimaram Geovane Mascarenhas dentro do Batalhão da RONDESP no Lobato e depois prosseguiram com a ocultação do corpo.

Para explicitar esse suplício orquestrado pelo Estado, a música nomeada “A Marcha Fúnebre Prosegue”, do grupo de RAP Fação Central, descreve a realidade nada inusitada em que agentes da Segurança Pública do Estado executam pessoas negras e dão fim aos corpos: “Vendo a criança no Norte comendo cacto, **o gambé desovando mais um corpo no mato**”.

No caso de Geovane Mascarenhas, o MP denunciou um ano depois 11 policiais por sequestro, roubo e homicídio qualificado, os seus nomes podem ser facilmente encontrados em matérias na internet. Apesar de acreditar que é relevante nomeá-los, farei a opção de não o fazer, considerando que dois dos envolvidos foram promovidos pela corporação e os outros continuam trabalhando no setor administrativo. Portanto, recorro a Achille quando afirma que “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2016). Os agentes do Estado definiram que o corpo de Geovane, racializado, logo criminalizado, o qual trafegava em um território negro, é desumano, não tem valor para a sociedade e por isso pode ser brutalmente executado sem que ninguém sinta falta. O Estado, através do seu braço armado, a Polícia Militar, tramou o sequestro, esquartejamento, sumiço de um jovem negro e executou seu plano dentro do órgão estatal.

A primeira versão da corporação foi que a abordagem foi resultado da aproximação fenotípica da vítima com o de um sujeito que supostamente teria assaltado uma mulher na região. Para a tropa a morte não foi suficiente, se fez necessário também os requintes de crueldade e é por isso que nos fica a questão: será que somente o pensamento que pretende legitimar a hierarquização das raças humanas e a propensão dos sujeitos negros à criminalidade por conta de características biológicas e dos traços fenotípicos de Nina Rodrigues (1894), dá conta de explicar a profundidade deste fenômeno social?

É inegável que dá sinais importantes neste caminho, todavia na obra “Vigiar e Punir” de Michel Foucault, o autor faz uma genealogia das punições, na primeira parte ele aborda relatos de suplícios do século 18, em que os condenados têm seus corpos desmembrados puxados por quatro ou mais cavalos. Nesta perspectiva, os requintes de crueldade e torturas promovidas na execução de Geovane Mascarenhas podem ser comparados com os suplícios descritos por Foucault na sua obra há dois séculos. Ou seja, matar não é suficiente, é preciso também decapitar e cortar os membros.

Partindo deste pressuposto, a categoria de “trama racial” nos é útil para analisar como os tentáculos do Estado são articulados para produzir a morte de Geovane Mascarenhas e

milhares de outros corpos negros que descem de ralo³⁸ e também como a grande mídia, em nosso caso os programas policiais, têm um papel fundamental nesta trama. Qual conspiração está por trás da morte de Geovane Mascarenhas? Qual o papel da grande mídia nisso? Os policiais sequestraram, executaram e esquartejaram o jovem negro na sede da corporação policial, o judiciário foi conveniente não dando prosseguimento ao processo penal contra os autores de tamanha barbaridade, muito menos a responsabilização do Estado pelo que houve, a mídia construiu uma narrativa para justificar o suplício e destruir a memória de Geovane.

Levando este caso em consideração, o que não é apenas um caso isolado, reitero, vide os dados do Mapa da Violência, que a grande mídia pode cumprir o papel de criminalizar, condenar antecipadamente, representar socialmente de forma negativa, estereotipar, propagar o punitivismo, beneficiar a narrativa policial, bem como o de justificar uma execução sumária feita pelas forças do Estado e buscar destruir a memória das vítimas e dos familiares, como ocorreu também em torno da Chacina do Cabula, entre outros.

Em outro recorte do Episódio 2: “Homofobia e racismo contra travesti negra” retomamos o processo de terror e violência reproduzido pela televisão:

Marcelo Castro: *Sua mãe sabe disso?*

Natasha Vogue: *É minha mãe deve tá sabendo agora. E eu quero até dizer a ela que não precisa se preocupar.*

Marcelo Castro: *Olhe para a câmera aqui.*

Natasha Vogue: *Que não precisa se preocupar em me visitar não, que eu vou tá bem em nome de Jesus, ela não tem nem condição para isso.*

Marcelo Castro: *Tá sofrendo?*

Natasha Vogue: *Vai sofrer muito.*

Marcelo Castro: *E por que você faz sua mãe sofrer rapaz?*

Natasha Vogue: *Nitidamente irritada, ela retruca. E porque eu faço minha mãe sofrer o que rapaz, já num ouviu dizer que eu tava no lugar errado, na hora errada, tava dentro da casa.*

Câmera: *Enquadramento com foco em Marcelo Castro e Natasha vogue.*

Marcelo Castro: *Interrompe a fala de Natasha gritando: De novo? Em 2007 também, agora novamente. Laranjada também.*

Natasha Vogue: *Exatamente, é sim, é sim, eu sou me dou com amizade desse tipo vei. Meu tipo de amizade é desse tipo.*

³⁸ A expressão é utilizada nas periferias para dizer que alguém morreu.

Marcelo Castro: *Por quê?*

Natasha Vogue: *De repente, tô em uma casa, tem droga ali e eu não sei. Tá enterrada, e pronto, aí pega.*

Neste momento, o repórter utiliza da mãe de Natasha para buscar constrangê-la, porém ela *não come reggae* e além de enviar um recado para tranquilizar a mãe, aproveita a oportunidade para afirmar a sua inocência. Prontamente é descredibilizada pelo repórter aos gritos, ele lança mão de uma possível custódia em outro momento para julgar seus atos, contestar sua versão e acusá-la. A continuidade da reportagem é ainda mais absurda:

Câmera: *Foco em Natasha Vogue novamente.*

Marcelo Castro: *E por que esse tipo de amizade?*

Natasha Vogue: *Ah! Não sei, porque eu gosto das amigas, são amigas sinceras.*

Câmera: *[foco nos punhos de Natasha e Lázaro Ramos que foram algemados juntos e depois retorna o foco para Natasha]*

Marcelo Castro: *Gosta da vagabundagem?*

Natasha Vogue: *Respondeu incisivamente e aparentemente irritada. Vagabundagem não que eu não sou vagabunda.*

Marcelo Castro: *Não tô lhe chamando de vagabunda.*

Natasha Vogue: *Tá sim, quem gosta de vagabundagem é vagabunda. Se eu lhe chamar de vagabundo você não vai gostar. Vai?*

Marcelo Castro: *Neste momento o repórter Marcelo Castro aponta para Natasha Vogue e toca no seu ombro. Vagabundagem é você se envolver com tráfico, com pessoas que se envolvem com isso.*

Natasha Vogue: *Nada disso, vagabundagem é quem vagabunda o dia todo. **Nem os traficantes é vagabundo porque tá tudo trabalhando** (a edição repete três vezes a mesma frase).*

Marcelo Castro: *Ah. Isso é trabalho é?*

Natasha Vogue: *Pra eles é né.*

A esta altura, o repórter parte para violentar a custodiada através de xingamentos, ao afirmar que ela gosta da vagabundagem, ele a chama de vagabunda e todas as pessoas com que ela se relaciona também. Em todos os recortes feitos das reportagens ao longo do trabalho, identifiquei muitos dos elementos levantados por Amaral (2006)³⁹ que caracterizam o telejornalismo sensacionalista: exploração do sofrimento humano; tortura psicológica;

³⁹ Ver pág. 5.

banalização da violência e da sexualidade; ridicularização das pessoas humildes; pré-julgamentos. Os discursos apresentados também nos possibilitam identificar as violências, crueldades, brutalidades e o terror sem massagem cometido sem filtro pelo Programa, prática televisiva denunciada nas letras do grupo de RAP do Nova Era compartilhadas nessa Dissertação.

3 ESQUARTEJAMENTO, VIOLÊNCIA SEXUAL E LETALIDADE: RETRATOS DA POLÍTICA DE SSP DO ESTADO DA BAHIA”

3.1 O “abraço comunitário” como uma das estratégias de resistência na escravolândia

Contudo, me esforcei para enfrentar outra característica importante suscitada por Amaral (2006) que é a descontextualização dos fatos. Se analisarmos a reportagem sem

contextualizá-la ficará muito difícil compreender como se constroem, justificam, produzem, reproduzem e naturalizam-se tantas violências nestes programas e ainda assim os mesmos contam no geral com grandes audiências e com a permissão do poder público para serem exibidos, sem grandes questionamentos e/ou interferência. Para Flauzina (2006), paira sob o Estado brasileiro uma herança escravocrata que:

A partir da premissa desumanizadora imposta às pessoas escravizadas, as funções de todo o regimento da vida dentro do privado ou num ambiente público contaminado por seus fundamentos, sempre estiveram associadas à produção da morte, como forma de garantia material e simbólica das relações de subserviência, mesmo quando a base de todo o empreendimento estava relacionada à vida. (FLAUZINA, 2006, p.97, grifo nosso).

Para compreender melhor esse bagulho, faremos o exercício repetitivo de tomar como referências a realidade concreta da capital baiana e seu entorno, de modo correlacionável ao Caso de Geovane Mascarenhas tem-se o exemplo da ação do Pelotão de Emprego Tático Operacional (PETO) na comunidade de Cajazeiras 9 em Salvador. Durante os meses de janeiro a maio de 2019, o Pelotão invadiu cotidianamente a comunidade na madrugada, de burucutu⁴⁰, cometendo diversas violações aos direitos humanos, desde invasão ilegal de domicílio⁴¹, agressões diversas, violência sexual a pessoas menores de idade, tortura, espancamento e distribuição de tiros para disseminar o medo, todas estas ações segundo a versão extraoficial da Polícia Militar foram em represália à morte de um policial.

Contudo, segundo relato dos moradores, a versão de vingança por conta da morte do policial é falsa. No caso em tela, podemos identificar na ação da PETO um poder soberano que exerce o controle sobre o território, os corpos e que tem o poder sobre a vida e a morte. Ocorre que, o cerco de alta intensidade mantido durante meses pela corporação, as execuções sumárias de jovens negros, a construção de uma narrativa que justifique as ações da corporação, representam um tentáculo do poder soberano que controla a vida, ou seja deixar viver e fazer morrer. Nos termos de Foucault⁴², o poder soberano se constitui como um poder de espada que normalmente pende para a morte:

Em certo sentido, dizer que o soberano tem direito de vida e de morte significa no fundo, que ele pode fazer morrer e deixar viver; em todo caso, que a vida e a morte não são desses fenômenos naturais, imediatos, de certo modo originais ou radicais, que se localizariam fora do campo do poder político. (...) O direito de vida e de morte só se exerce de uma forma desequilibrada, e sempre do lado da morte. O efeito do poder soberano sobre a vida só se exerce a partir do momento em que o

⁴⁰ Capuz utilizado para que os policiais não fossem reconhecidos.

⁴¹ Art. 5º, XI, da CF.

⁴² FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. Op. cit., p. 286.

soberano pode matar. Em última análise, o direito de matar é que detém efetivamente em si a própria essência desse direito de vida e de morte: é porque o soberano pode matar que ele exerce seu direito sobre a vida. É essencialmente um direito de espada. (2002, p.286).

O clima de insegurança e medo encorajou os moradores a entrarem em contato com o Instituto Malê de Acesso à Justiça e Cidadania (IMAJ) para pedir apoio. Segundo o presidente, o advogado Leandro Silva Santos⁴³, em entrevista para esta Pesquisa, o IMAJ atua na promoção do acesso à justiça, presta assistência jurídica a indivíduos vulnerabilizados e assessoria jurídica popular a grupos e comunidades. De acordo com ele, a primeira ação do Instituto foi buscar diálogo com entidades dos movimentos sociais, órgãos estatais, lideranças políticas e grupos culturais com objetivo de construir um “abraço comunitário”, uma ação que visa ocupar presencialmente a comunidade, desenvolver atividades com vistas a construir uma aliança com diversos setores da sociedade para que dessa forma a Polícia Militar se sinta compelida a ser mais cautelosa nas incursões naquele território.

No “abraço comunitário” realizado na Comunidade pela Associação de Moradores de Cajazeiras 9 em parceria com o IMAJ, as entidades ocuparam o território com diversas ações e com presença física para coibir a ação da polícia e dar proteção à vida dos moradores. Além de demonstrar para a corporação que a comunidade não estava sozinha e as constantes ilegalidades cometidas seriam denunciadas. Quem conhece as quebradas de Salvador, sabe que a PETO chega passando o rodo e matando geral. Para Foucault (1999), o poder soberano de fazer morrer é que fundamenta o poder sobre a vida. Ou seja, para que um grupo tenha o direito à vida, sejam deixados para viver, é preciso produzir a morte de outro grupo, sendo o racismo elemento constituinte desta gestão da vida e da morte. Os versos da poetisa Ayran Búfalo retratam esta questão em contexto soteropolitano contemporâneo, ao afirmar que para garantir a paz no bairro de branco, é preciso que as mazelas sejam relegadas a territórios negros: “Para o Horto ter paz, Beirú tem que ser sofrimento⁴⁴”.

Entre os entes que foram acionados pelo IMAJ, fizeram-se presentes no “Abraço Comunitário” a Defensoria Pública; os parlamentares Olívia Santana, Hilton Coelho e Marcos Mendes; Sarau da Jaca; Programa Direito e Relações Raciais; Coletivo Luiza Bairros; Curso Marxismo e Pan-africanismo; e Secretária Estadual de Relações Institucionais. No dia 31 de maio de 2019 foi realizada a audiência pública organizada pelos moradores com apoio do

⁴³ Advogado criminalista, presidente da comissão de Acesso à Justiça da OAB-BA e do Instituto Malê de Acesso à Justiça.

⁴⁴ Poema da poetisa Ayran Búfalo chamado Antropologia Criminal.

IMAJ para compartilhar com os apoiadores os fortes depoimentos acerca da ação da Polícia Militar.

Também foi realizada uma caminhada que se iniciou na sede da Associação de Moradores, passou pelas principais ruas da Comunidade e foi finalizada novamente na sede da entidade representativa dos moradores. Ao final do ato, a Comunidade articulou uma feijoada para recepcionar as entidades que vieram contribuir. Durante a caminhada, lideranças comunitárias, moradores, representantes das entidades, manifestaram publicamente o desacordo com a atuação da Polícia Militar no local, do mesmo modo que conectaram essa ação com o grave problema da violência policial em todo país. Além disso, jovens negras ativistas políticas, moradoras da Suburbana, ligadas ao coletivo Incomode se juntaram ao ato para denunciar que violências policiais similares também ocorrem na sua comunidade. Moradores mais destemidos deram depoimentos sobre as atrocidades cometidas pela corporação e convocaram outros moradores a participar do protesto.



Figura 1 - Caminhada realizada pela Associação de Moradores de Cajazeiras 9, em parceria com o Instituto Malê de Acesso à Justiça.

Um dos momentos mais dolorosos foi quando uma mãe, mulher negra, moradora da comunidade, chorava aos prantos, dando o depoimento do seu filho que foi brutalmente executado covardemente com dezenas de tiros em todo corpo, o adolescente negro se chamava Kaique, estudante, menor de idade e segundo depoimento da mãe foi alvejado pela Polícia Militar. Rapidamente a Coordenadora de Direitos Humanos da Defensoria Pública se aproximou da para prestar solidariedade, escutar o depoimento da mãe e dar os devidos encaminhamentos. Ao final das ações, as lideranças comunitárias se reuniram com as entidades para fazer a avaliação e planejar novas ações. O IMAJ foi convocado por familiares

residentes na comunidade para dar apoio jurídico a Adinael, jovem negro de 21 anos, que foi torturado e depois preso pela PETO acusado de tráfico de drogas.



Figura 2 - Audiência pública realizada pela Associação de Moradores de Cajazeiras 9 em parceria com o IMAJ, a qual teve as presenças dos moradores da comunidade, diversas organizações dos movimentos sociais, além da Defensoria Pública, poderes legislativo municipal.

O caso da comunidade de Cajazeiras 9, na cidade negra de Salvador, nos serve para elucidar algumas das teias utilizadas pela trama racial do Estado, explícitas também entre argumentos de Flauzina (2006) sobre a produção da morte servir para garantir a subalternização. A Corporação ocupou a comunidade durante meses promovendo um cerco de alta intensidade para garantir o controle, manter sob o estado de cárcere e fazer morrer os corpos que foram sentenciados ao descarte naquela missão de guerra. Ademais, houve omissão do Ministério Público do Estado da Bahia e da Defensoria Pública do Estado da Bahia. Os órgãos foram acionados por moradores e pelas organizações da sociedade civil, todavia optaram por silenciar e não dar um piu sobre a situação. No caso da Defensoria Pública do Estado da Bahia, ainda esteve presente na audiência popular construída pelos moradores, entretanto mesmo tendo testemunhado *in loco* a realidade dura sobre as ações da Polícia Militar em Cajazeiras 9, não deu encaminhamento a nenhuma das oitivas realizadas com os moradores.

Vale ressaltar que é uma constância histórica a ausência de políticas públicas de investimento social na comunidade, como educação, saúde, esporte, cultura e lazer, tanto por parte do Governo do Estado da Bahia como da Prefeitura de Salvador. A única praça da comunidade está extremamente degradada, necessitando imediatamente de uma grande

reforma para que cumpra a sua finalidade; o posto de saúde encontra-se extremamente sucateado, funcionando por conta do compromisso dos funcionários que ali trabalham; a iluminação do bairro é precária; algumas ruas carecem de asfaltamento.

O intelectual negro baiano Conceição (2015) denomina a Bahia como a escravolândia, com isso constrói argumentos para desconstruir a ideia de que a Bahia é um paraíso racial, terra de todas as raças, santos e encantos. Na sua obra, Conceição discute o quanto ainda é extremamente presente a mentalidade escravocrata colonial na atualidade, mesmo que do ponto de vista científico as teses racialistas de Nina Rodrigues e seus comparsas tenham sido desmontadas. Para o autor, o Estado Democrático de Direito no Brasil é uma casca muito frágil que não sustenta qualquer mergulho mais profundo na realidade sócio racial vigente. Nas palavras de Conceição (2015, p. 23) “A reconquista da democracia no Brasil, a partir de 1985 não tem significado, até agora, a fruição de um Estado Democrático de Direito por parcela majoritária da sociedade.”, afinal, “Entre os grupos sociais mais afetados pelo abismo, entre um dado e outro estão os jovens negros”. Em outro momento da obra, o intelectual traz um trecho de artigo da seção de opinião do jornal Correio, publicado em 15 de janeiro de 2015, o qual, segundo ele, é de autoria do empresário Sérgio Belezza, pertencente as rodas de investidores do setor imobiliário:

Salvador, como as demais grandes cidades brasileiras, precisa rever o grave problema da bandidagem, malandragem, mendicância! A população, os visitantes, os turistas são vítimas de assaltos, roubos, assassinatos! “Famílias”, mães despreparadas ou mal-intencionadas, vão às ruas mendigar, explorando seus filhos, crianças-futuro do Brasil? **Muitas vezes, a via pública passa a ser residência, e todas as necessidades são feitas ali, inclusive defecar!** Isso não é mais um problema social, tem outro nome (CONCEIÇÃO, 2015, p. 65, grifo nosso).

Este tipo de opinião representa o pensamento hegemônico da elite baiana ainda hoje, o empresário emite uma opinião sorrateira, na tentativa de disfarçar o seu conteúdo racial para leitores desatentos. Atribuir a bandidagem, malandragem e mendicância, como graves problemas das grandes cidades brasileiras, sem discutir o contexto sócio racial onde estes fenômenos estão envolvidos, nos faz refletir que o empresário tem a intenção de atacar a comunidade negra, porém não teve coragem de fazer de forma explícita.

As/os negras/os são maioria em situação de pobreza e vulnerabilidade social. Quando este tipo de gente fala de bandido, malandro e mendigo, implicitamente está falando de pessoas de cor. O trecho é uma marcação forte do quanto às teses racialistas de Nina Rodrigues continuam a permear o imaginário social. O tratamento dado pelo empresário ao gravíssimo problema da ausência de políticas públicas que garantam o direito a moradia

consagrado pela constituição é sórdido, Sérgio Belezza diminui o problema do déficit de moradia a uma questão de higiene pessoal. Logo o babaca cuspiendo merda pela boca vem falar de defecar. No dia 11 de dezembro de 2020, ao abrir o site do jornal Correio, uma das primeiras notícias fala sobre a inclusão de novos bandidos no baralho do crime, instrumento utilizado pela Polícia Militar que foi denunciado pela Organização Reaja ou Será Morta, como tecnologia altamente lombrosiana. Para a Organização Reaja (2012)⁴⁵:

Fomos surpreendidos pelo atual secretario de Segurança Publica Mauricio Barbosa com o “Baralho” símbolo da indignidade e da ofensa aos direitos fundamentais. Os supostos criminosos exibidos no jogo de carta virtual são violados em seu direito ao principio contraditório, da ampla defesa, do devido processo legal. São pessoas exibidas como culpados antes de serem processados, antes do transito em julgado. O baralho da SSP é um ultraje a dignidade humana, uma repaginação dos institutos racistas de busca de africanos foragidos (online).

Interessante é que um dos secretários de Segurança Pública anterior foi afastado por indícios de participação em um esquema milionário de vendas de sentenças envolvendo o Tribunal de Justiça da Bahia que é investigado pela Polícia Federal na operação Faroeste. O responsável direto por uma das policias que mais mata no país, segundo o monitor da violência que é fruto de uma parceria da USP com o G1, que programou a política lombrosiana do “baralho do crime”, além de executar uma política criminosa de matança que atingiu 97% de negras/os em 2019, segundo dados do relatório elaborado pela Rede de Observatórios de Segurança, denominado “A cor da violência policial: a bala não erra o alvo”. Neste ponto, a Organização Reaja de forma sagaz criou um cartaz que inverteu a lógica do “baralho do crime” e colocou o então secretário Mauricio Barbosa para figurar no seu próprio instrumento de suposto combate ao crime, como vocês podem verificar na imagem abaixo.

⁴⁵ Acessado no dia 30 de julho de 2022, disponível no link: <https://reajanasruas.blogspot.com/2012/09/a-campanha-reaja-e-umaarticulacao-de.html?q=baralho+do+crime>



Figura 3 - Card elaborado pela Organização Reaja ou Será Morta que faz uma crítica dilacerante a política lombrosiana do baralho do crime, assim como a figura nefasta do ex secretário de segurança publicado Estado da Bahia.

Assim, a obra de Conceição (2015, p. 57) é enérgica ao definir o conceito de Escravolândia que nomeia o livro, “Terra de escravos, governados não apenas por senhores e seus capatazes. O que inclui o aparelho policial e o aparato judicante, de disciplina e vigilância, inerentes à manutenção da ordem. Legal e social. Por conseguinte, da econômica.” Continua o autor:

Também, e acima de tudo, governados por um tipo de mentalidade ancorada ainda no período escravagista formal. Mentalidade que é um sistema, complexo e adaptável às transformações decorrentes do processo histórico. Mas que se mantém inalterável em sua essência. Os que mandam, cuidam por preservar as relações de mando e obediência. Os que obedecem têm a mente cativa, como descreve Milosz, ligada por correntes psíquicas à senzala. (CONCEIÇÃO, 2015, p. 57).

O empresário demonstra que sua preocupação primordial passa longe do povo que vive nessa terra, pois reside entre visitantes e turistas. De forma escrota – não tem outro adjetivo para denominar, ele condena, culpabiliza e ridiculariza as pessoas em situação de rua, para ele essas questões não são problemas sociais, tem outro nome. Quer dizer que a ausência de políticas que garantam o direito constitucional a moradia⁴⁶, o combate a violência racial, o estado de pauperização e vulnerabilização da maior parte população negra, a concentração das riquezas em sua maioria nas mãos dos/as que descendem das elites escravocratas, o projeto contínuo de genocídio da comunidade negra, estes não são problemas graves. O problema para Sérgio Belezza é que a profecia de Gobineau de acabar com a população negra em cem

⁴⁶ Art. 6º da CF.

anos não se concretizou, o problema para ele é a nossa existência. A partir de Rodrigues (1939) os termos do intelectual negro Conceição (2015, p. 45):

No Brasil do século XXI, o negro permanece visto como potencialmente criminosos, como uma ameaça à normalidade social – em uma palavra, como suspeito. Portanto, objeto de vexações, pronto para ser abatido pelas armas. Sejam as armas do discurso da ordem institucional sobre a qual assenta o edifício do Estado, sejam as armas da polícia, sejam as da própria criminalidade que o engolfa. Ou seja, ainda vigora o imaginário raciológico defendido por Rodrigues sobre a tendência criminal do negro

3.2 “Menos escola, mais viatura. Pra dar tema, Ibope a Bocão”

Os versos da música “Ruas Sujas” do grupo Contenção 33, integrantes da cena do RAP da Bahia, também denunciam o projeto genocida do Estado brasileiro, “verdadeiro no banguê, as ruas sujas de sangue. Crianças passando fome, ladrão fardado de monte e camburão não se esconde. *Televisão iludindo o povo que pede socorro*. Quando aumenta a condução, emprego falta nas ruas, crime vem e recruta. Dá droga, arma e puta”. Denúncia esta que relaciono com algumas das estratégias utilizadas pelos programas policiaiscos para garantir grandes índices de audiência e alcance entre as camadas populares, ou seja, vender ilusão. Por um lado, os programas prestam serviços assistenciais a população que pede socorro, por outro empresas anunciam produtos no ar e cedem alguns dos serviços e/ou produtos para o apresentador “ajudar” uma ou mais pessoas ao vivo, através de uma ação assistencialista.

As desigualdades sócio raciais e históricas vividas no país, a pobreza, a fome, as necessidades da população, são terreno fértil para que os âncoras se coloquem enquanto salvadores da pátria, pessoas que estão fazendo o que o governo não faz. Assim, apresentadores e programas matam dois coelhos com uma cajadada, ao tempo em que vendem publicidade a patrocinadores, colocam-se enquanto heróis salvadores ou que farão justiça diante dos telespectadores. A esse respeito, segundo Barbosa (2012, p. 218), o apresentador constrói uma imagem de porta voz da população mais carente:

O apresentador Bocão, intitulado-se o porta-voz dos mais humildes, o legítimo representante do povo, conhecedor da realidade da periferia, das carências e das necessidades da maioria da população, anunciava que o programa estava a serviço da sociedade, um instrumento de defesa dos cidadãos.

Entretanto, será que somente as ações assistencialistas respondem à pergunta do porquê dos grandes índices de audiência e principalmente por boa parcela desta está localizada nas camadas populares de maioria negra? Por que um Programa que representa

socialmente a/o negra/o de forma negativa sustenta grande parte da audiência tendo pessoas negras/os como telespectadoras/es? Um dos caminhos para refletir sobre essa encruzilhada é a influência do racismo, ele naturaliza culturalmente a imagem do corpo negro ligado a situações negativas, isto entre os próprios negros, já que se trata de um fenômeno estrutural. A estereotipia depreciativa executada em relação ao corpo negro pela mídia pode ganhar vasão entre pessoas negras e o pavimento para isto é o próprio racismo anti-negro. Conforme a criminóloga Flauzina (2006, p. 38) chama atenção: “como donos do passado, num monopólio autoral em que não cabe a versão dos dominados, *foi possível ao segmento branco forjar os processos de naturalização que fariam da interiorização da supremacia branca e da subordinação negra, o grande legado do nosso racismo*”.

Acredito também que, por outro lado, tem relação com identificação, pois esses programas são gravados, tratam e expõe situações que ocorrem nos bairros negros. Obviamente, a exposição acontece de forma violenta, espetacularizada, banalizada, estereotipada e descontextualizada. No entanto, é fundamento do racismo a naturalização do lugar subalterno da/o negra/o na sociedade, bem como a ausência da/o negra/o na mídia. Ademais, o Programa utiliza de diversos procedimentos para sensibilizar o espectador, passa pelos artifícios sonoros, pela postura do apresentador, linguagem, até o cenário. O pesquisador Barbosa (2012, p.224) traz elementos importantes para a discussão:

É apresentado um pano de fundo composto por três cores quentes, amarelo, vermelho e laranja, fazendo-nos associar a imagem ao fogo e, principalmente, ao sol, ainda mais que sobreposta a essa tela há dois círculos, um amarelo e outro branco, que giram em sentidos opostos, sugerindo movimento, dinamismo, agilidade e vivacidade. A seleção de tais cores não se dá por acaso, afinal transmitem um sentimento vibrante aos telespectadores, estimulando-os aos conteúdos oferecidos diariamente. Estudos psicológicos, inclusive, indicam que as cores quentes incitam a observação das pessoas, aumentando suas percepções e deixando-as mais espertas, atentas e inquietas, comportamento condizente às reportagens que exploram a energia, a vibração e à excitação das operações policiais, por exemplo.

Estes elementos, em conjunto com ações assistencialistas, são fatores que contribuem para que parte da população dos bairros negros se sinta mais próxima ou cativada pelos programas. Por outro lado, existe uma crítica contundente a programas policiaiscos que também parte de moradores dos bairros populares. Esse é um paradoxo presente mesmo na Penitenciária Lemos de Brito (PLB), as entrevistas realizadas por Rodrigo Barbosa (2012) em sua tese de doutorado expressam os discursos de pessoas em situação de cárcere que assistem e outras que criticam os programas policiaiscos:

No meu xadrez tinha duas [televisões], mas uma queimou. A gente assiste junto um jornal, um filme. A gente vai passando um tempo. (...) Eu procuro um jornal pra ficar mais na atividade lá fora. [Atividade?!] É... saber o que tá acontecendo. [E que jornal você vê?] Record, Globo, **Bocão**... qualquer um. A gente fica lá... olhando, viajando. O que tá passando, o que não tá, quem tá passando, normal. [Quem tá passando...] É. Alguém da Boca. [Da boca?] Boca do Rio. Sou de lá (DETENTO PLB 3). (BARBOSA, 2012, p.202-203).

Entretanto, outras entrevistas demarcam ainda mais complexidades, uma que ressoa uma voz crítica ao estilo do Programa, porém que nutre simpatia pelo trabalho de Bocão no jornalismo futebolístico; noutra indaga-se a veracidade das notícias veiculadas e ao questionar o pacto feito pelo programa com as corporações policiais. Vejamos:

Eu sempre gostei do Zé. Quer dizer, lá fora, sempre ouvia ele, a noite, nos futebol. Como eu trabalhava, não via o Bocão na tevê. Sabia que tinha polícia, que tinha ladrão, que mostrava morte. **Mas comecei a ver mesmo aqui, mas não gostei. [Por que?] É muita bestagem. Tomei raiva. [Mas continua vendo?] O pessoal vê. Aí fico de butuca. Mas não gosto.** Quando ele fala de polícia, essas treita, ele é um abestalhado, não sabe de nada. (...) **No futebol, ele é mais sério. Tem as bobagens, mas é melhor.** [E continua ouvindo rádio?] Parei. Os homi avacalharam meu rádio, quebraram. [Mas por que você aponta que ele é mais sério no rádio, no futebol?] Ele fala as coisa com mais nitidão. [precisão, nitidez] Não tem essa gritaria aí. [referindo-se ao programa na tevê] (DETENTO PLB 8). (BARBOSA, 2012, p. 214, grifo meu).

(...) Na televisão, nestes programa [Se Liga Bocão], tem dia que ele é um porre. Tem um tiozão lá dentro [na cela] que já acha ele porreta. Depende de cada um. **Ele vive falando que esse cara [o Bocão] tem coragem de falar, que mete o pau, não tá nem aí, não tem medo de morrer. Eu sô dos que vê isso tudo como tudo armado, é muita pilha [mentira].** Ele já sabe o que tá gravado. [Mas o programa é ao vivo...] Ao vivo nada, pai, as matéria é tudo gravada. **O senhor não tá vendo? É tudo combinado com a polícia.** Nos Ganático, Falátipo [Galáticos], a noite, tem isso não. E não é só ele que fala. Tem cada resenha! O senhor já ouviu? É verdade que ele é Vitória? (DETENTO PLB 4). (BARBOSA, 2012, p. 214, grifo nosso).

A música do grupo Contenção 33, além de narrar à realidade das periferias, questiona justamente o papel cumprido pela televisão. Ao passo que expressa uma crítica descritiva da realidade da *escravolândia*:

“Pensando quando isso irá acabar, que dia vai sair de casa e arrumar algo pra trabalhar. Agora não dá, tem que vigiar, tem droga pra vender e alemão pra cobrar. Tem filho pra criar e contas pra pagar. Eu vou pedindo a Deus pra dessa vida ele me tirar. Enquanto ele não me escutar, a gente ó, vai cantar. O crime não vai parar, se o usuário sobe o morro pra comprar. Demorô, seja bem-vindo a Salvador. A terra feita aqui é igual a Bagdá.” (grifo nosso)

Nomeada de “Bagdá” pelos rappers ou “Cidade-Túmulo” por [Hamilton Borges] Walê (2012), com as ruas sujas de sangue e as cria com fome, reivindica-se a alteração deste

contexto racial – por mais que os artistas não tragam explicitamente nesta letra que esta realidade está associada as/os negras/os, é algo que podemos identificar em tantas outras. No entanto, cabe-nos refletir: Quais as ruas estão sujas de sangue? Quais crianças estão passando fome? Além de a produção artística ser inspirada no cotidiano marcado pela racialidade, todos os membros do grupo são negros moradores da periferia da cidade negra de Salvador. As letras de diversos grupos do RAP baiano são verdadeiras enciclopédias sobre a realidade concreta, as vivências cotidianas das periferias/territórios negros e também gritos de denúncia e resistência a esta desgraça. *O povo amanhece*, poesia de Hamilton Borges Walê, caminha nesta mesma pegada:

Amanhece; **O corpo estirado no barro**; O chão de barro é repouso; Descanso; Um canto de longe no canto desperta a alma que pede ritual para baixar a terra; **O soldado já deixou o local; limpo, sem evidências, sem remorsos ele assina o boletim de ocorrências**; resistência seguida; **Morte!** A mãe grita, descabelada; A notícia já se espalha, a rua se enche vazia de tudo; A esposa grávida agarra o defunto; o rabecão, é claro, todos sabem, faz sua colheita sem alarde já no final da tarde. (WALÊ, 2012, p.41, grifos meus).

O rito acadêmico de desenvolver uma dissertação de mestrado nos exige dialogar com os referenciais bibliográficos tradicionais hegemonicamente brancos para fundamentar as pesquisas. Todavia, amparado em uma perspectiva descolonial, no desenvolvimento do nosso trabalho é fundamental ampliar os horizontes e beber da fonte do conhecimento produzido nas ruas, caminho necessário para construir uma pesquisa geopolítica no campo/tema em que ela é desenvolvida e também para que se aproxime um pouco dos nossos referenciais de vida e das/dos sujeitas/os que nos propomos a estudar.

Nessa outra passagem da mesma música do grupo Contenção 33, os mestres de cerimônia (MC'S) argumentam que a violência cotidiana vivida nas periferias é alimento para dar audiência a programas como Bocão, o que é possível pôr em diálogo com a narrativa de Amaral⁴⁷ (2006) e Silva⁴⁸ (2012):

*Salvador caos, mangue de sangue. Polícia troca com assaltante e acerta estudante. Não se espante, madame. Menor tá cansado de passar fome. Pega PT, parte pro bang bang. O coroa da missão. A frente passa a visão. Ladrão na contenção. Pé no chão, canhão na mão. Lei da sobrevivência. Consequência, detenção, caixão. Cada biqueira uma resistência. O domínio de uma facção. **Menos escola, mais viatura. Pra dar tema, ibope a Bocão. População se revolta. Toca fogo em busão. É pisoteado pela Choque em manifestação. (grifo nosso)***

⁴⁷ Ver pág. 5.

⁴⁸ Ver pág. 5.

A letra da música nos traz mais argumentos que alimentam a necessidade do desenvolvimento deste trabalho, contribuindo para justificar a relevância social em pesquisar o papel dos programas policiaiscos na trama racial conduzida pelo Estado. A esta altura vimos que os programas policiaiscos garantem audiência e publicidade para as emissoras, bem como reproduzem as ideologias que fundamentam o racismo e nega a importância da vida de pessoas negras.

Veamos o quanto os versos são precisos, somente esse ano foram noticiados diversos casos de morte de crianças negras por armas disparada por policiais, como ocorreu no Nordeste de Amaralina com o menino Joel. Jamais nos esqueceremos, graças aos familiares e a organização política da Reaja ou Será Morta, do menino Micael Silva morto pela Polícia Militar no Vale das Pedrinhas e Ryan Andrew de apenas nove anos morto, alvejado de balas na varanda de casa, durante ação policial na rua da bananeira no dia 26 de março de 2021. As mortes destas crianças, a ação das famílias e da REAJA para fazer justiça por essas vidas e frear a mortandade de negras/os são omitidas pelos programas policiaiscos porque vão fragilizar a sua principal fonte de informação, as corporações policiais.

A guerra racial é uma realidade nacional, na real transnacional. No Rio de Janeiro, segundo reportagem do G1⁴⁹, foram doze crianças que morreram baleadas, todas elas negras, Kauã Vitor da Silva, Leônidas Augusto, Luiz Antônio de Souza, Maria Alice Neves, Rayane Lopes, João Vitor Moreira, Anna Carolina de Souza Neves, Ítalo Augusto, Emily Vitória, Rebeca Beatriz e João Pedro, este último foi morto em operação policial e teve seu corpo sequestrado pelas forças policiais, aos quais somente deram conta do corpo no dia seguinte⁵⁰.

Outro trecho da música em questão nos lembra a abordagem sinistra da campanha publicitária do Governo do Estado sobre o Crack, na gestão do governador Jacques Wagner (PT): “Crack, Cadeia ou Caixão”. Sentença que demonstra de forma fidedigna a essência da Política de Segurança Pública perpetrada pelo Governo do Estado nas gestões do ex-governador Wagner (PT) e do governador Rui Costa (PT). É bom reforçar para refrescar a memória, que o secretário de Segurança Pública foi afastado da sua função por possível envolvimento na operação Faroeste que investiga um esquema bilionário de comercialização de sentenças no Tribunal de Justiça da Bahia, envolve diversas/os juízas/es, desembargadoras/es, advogadas/os e outras/os profissionais. Fernando Conceição nos alerta

⁴⁹ Acessado em 27 de dezembro de 2020, através do link: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/12/07/conheca-as-historias-das-criancas-mortas-baleadas-no-rio-em-2020.ghtml>

⁵⁰ Acessado em 27 de dezembro de 2020, através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=M2ek41Rzfzg>

ao se referir as consecutivas vitórias das forças ditas “progressistas” capitaneadas pelos PT na Bahia, que:

Sobre a Bahia, uma interpretação que ousamos fazer da vitória desse continuísmo é a seguinte. Independentemente da coloração ideológica, alguns dos principais grupos de influências política, econômica e intelectual – empresários, jornalistas, acadêmicos, artistas, caciques partidários, líderes de igrejas, corporações sindicais, lideranças de movimentos sociais organizados, inclusive negros – **não encaram o genocídio negro local como alguma coisa de real valor ou gravidade.** (CONCEIÇÃO, 2015, p. 30, grifo nosso).

O Grupo Contenção 33, tanto cita Bocão, como questiona a opção governamental de tratar a Segurança Pública como caso de polícia; financiar a compra de viaturas e armamento em detrimento de investimentos maiores em políticas sociais, como educação, que criam possibilidades de atuar frente as causas dos problemas, ao invés de reproduzir mais violência e alimentar programas como Bocão. Busquei nas palavras do intelectual negro Fernando Conceição (2015, p. 42), argumentos para reforçar a necessidade da realização de estudos como o meu:

Verificar como se materializa a reprodução e difusão, pelos meios de comunicação social, pela literatura demarcada ou não pela ficcionalidade narrativa, das imagens sobre os fatos violentos que geram as estatísticas do morticínio da juventude negra, no reforço de estereótipos negativos, esse deve ser um dos objetivos de qualquer proposta séria que vise a superação desse quadro que depõe contra o Estado Democrático de Direito.

É diante desta marcha fúnebre, em que quase 50.000 corpos negros foram massacrados de forma violenta em todo país no ano de 2017, que o trabalho emerge, com o potencial de compreender qual o papel que a grande mídia desempenha neste contexto. A música de Fação Central “A marcha fúnebre prossegue” destrincha a guerra racial violentíssima que o Estado arquiteta contra as pessoas negras, o quanto vidas negras não tem valor e o fardo existencial pesadíssimo da comunidade negra:

Não queria o moleque com a faca na mão, ajoelhando o tio grisalho querendo seu cartão. **Queria só rimar choro de alegria, mas na favela não tem piscina, armário com comida.** É só gambé gritando deita pro mano de escopeta, que na fita do pagamento fuzilou o dono da empresa. **Cuzão que não concorda com o holocausto brasileiro, vive no condomínio limpa o rabo com dinheiro. Quer o sangue do ladrão bebendo seu uísque, protegido na ilusão na grade da suíte** (...) Tá rindo quer dançar quer se divertir, meu relato é sanguinário playboy não vai curtir. **Sou homem pra falar que o moleque do pipa, esquecido um dia troca tiro com a polícia. Não simulo sentimento pra vender CD, não vou falar de paz vendo a vítima morrer.** Vendo no DP mano cumprindo pena, matando o seguro pra ter transferência. **Vendo a criança no norte comendo caqueto, Gambé desovando**

mais um corpo no mato. Não iludo o casal dirigindo feliz a pampa, fora da blindagem é um sonho a segurança. Quando o portão automático da goma subir, prepara a senha do cofre pro ladrão abrir. Que deus deixe ele encontrar madame sua esmeralda, senão ele arranca seu coração na faca. A polícia vai chegar só pra fazer perícia, quando alguém se incomodar com o cheiro de carniça. No balcão toma com limão pra esquecer o desemprego, e bater na mulher quando chegar a noite bêbado. **Desde às 4 da manhã nem vaga pra lavar privada, o mano perde a calma mata a família e se mata. Caixaão lacrado não estimula verso alegre, aqui filho da puta a marcha fúnebre prossegue. A paz tá morta desfigurada no IML, a marcha fúnebre prossegue.**

O papel dos programas policiaiscos é o de tornar visíveis as estatísticas frias da grave tragédia que assola o país? É o de silenciar essa desgraça em que o Brasil está imerso? É o de justificar e/ou lucrar com a guerra racial? Sem a ambição de responder perguntas tão complexas, porém imbuído da pretensão de ao longo do trabalho contribuir para aprofundar os estudos no campo, principalmente colocando a raça como elemento central da problemática. Da mesma maneira que sinalizar caminhos possíveis para responder algumas das questões e criar novos problemas. Farei isto, amparado também pelos estudos das representações sociais (HALL, 2003) dos corpos negros nos programas televisivos do gênero policiaisco na Bahia. Para Hall (2016, p. 11, grifo nosso):

A mídia produz amplos efeitos na sociedade, relacionados a um determinado tipo de poder que se exerce no processo de administração da visibilidade pública midiático-imagética. Com isso, sua crítica o leva à busca pela emancipação, por meio do questionamento da imagem.

No entendimento do autor é através da linguagem que damos sentido e significamos o mundo ao nosso redor. Portanto, a linguagem é um dos recursos através dos quais, pontos de vistas, concepções e emoções são representados numa cultura, com isso segundo o Hall (2016, p. 18):

A linguagem é capaz de fazer isso porque ela opera como um sistema representacional. Na linguagem, fazemos uso de signos e símbolos – sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos – para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos.

Na obra “Cultura e Representação”, o autor vai se utilizar do conceito de cultura enquanto “compartilhamento de significados” (HALL, 2016, p.20), justamente inserindo a importância do sentido para definir o conceito de cultura, se deslocando um pouco do pensamento que compreende a cultura somente enquanto um conjunto de hábitos e costumes de determinada

sociedade. Essa colocação se faz importante porque na visão de Hall (2016, p. 22, grifo nosso):

Os sentidos também regulam e organizam nossas práticas e condutas: auxiliam no estabelecimento de normas e convenções segundo as quais a vida em sociedade é ordenada e administrada. Eles também são, portanto, aquilo que os interessados em administrar e regular a conduta dos outros procuram estruturar e formalizar (este é o foco de Thompson, 1997).

Se conforme colocado pelo autor à linguagem é um dos meios de compartilhamentos de significados, assim como um instrumento que contribui para administrar e regular conduta, me interessa problematizar quais sentidos os programas policialescos atribuem a corporalidade negra? Quais signos e sentidos são compartilhados através das representações sociais dos corpos negros nestes programas? E mais do que isso por que atribuir determinados significados aos corpos negros? Ou descendo mais um degrau da escada, há quem interessa os sentidos atribuídos às pessoas negras nestes programas?

Outro ponto interessante da obra é a distinção de caminhos que Hall (2016) faz para olhar o sistema de representação, segundo o autor existe uma abordagem “poética” ligada a semiótica que se concentra em perguntar como a representação e a linguagem produzem sentido e a discursiva que “se concentra mais nos efeitos e consequências da representação, isto é, sua ‘política’”. Dando prosseguimento, Hall (2016, p. 27) afirma que a abordagem discursiva:

Examina não apenas como a linguagem e a representação produzem sentido, mas como o conhecimento elaborado por determinado discurso se relaciona com o poder, regula condutas, inventa ou constrói identidades e subjetividades e define o modo pelo quais certos objetivos são representados, concebidos, experimentados e analisados.

Portanto, o autor conceitua discursos, como:

Maneiras de se referir a um determinado tópico da prática ou sobre ele construir conhecimento: um conjunto (ou constituição) de ideias, imagens e práticas que suscitam variedades no falar, formas de conhecimento e condutas relacionadas a um tema particular, atividade social ou lugar institucional na sociedade. (HALL, 2016, p. 27)

Então, me interessa refletir como já dito em outros momentos, como a narrativa discursiva destes programas se articula com o poder do Estado neocolonial? Também pretendo questionar, quais identidades são inventadas e quais subjetividades se constroem através destes discursos?

Para Hall (2016, p. 31), representação, sentido e linguagem estão intimamente conectados com a cultura e entre elas, tendo isso em vista representar significa:

[...] utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representa-lo a outras pessoas. Pode-se perguntar com toda razão: ‘Mas isso é tudo’ Bem, sim e não. Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. Entretanto, esse é um processo longe de ser simples e direto

Isto posto, ao conceituar representação Hall (2016, p. 34) argumenta que:

(...) é a produção de significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem. É a conexão entre conceitos e linguagem que permite nos referirmos ao mundo “real” dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios.

Desse modo, me aproprio do caminho apontado por Hall (2016) ao buscar compreender as representações sociais de pessoas negras na mídia, especificamente no telejornalismo policiaisco, analisando a linguagem, os signos⁵¹ produzidos por ela e os impactos nas relações de poder no mundo real, principalmente observando as hierarquias raciais.

A partir deste horizonte, se faz fundamental uma breve discussão sobre raça, conflitos e hierarquizações raciais. Neste sentido, Nina Rodrigues tem um papel preponderante porque seu pensamento foi bastante influenciado por Lombroso e é um dos fundamentos do racismo no Brasil. Mesmo tendo sido descredibilizado do ponto de vista científico, ainda opera com raízes profundas no imaginário social e no subconsciente humano. Na obra “As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil”, Nina constrói uma narrativa que busca justificar que as raças inferiores (negras/os e indígenas) devem ser responsabilizadas com mais vigor por terem maior propensão à criminalidade, que a raça mais evoluída (brancos):

A cada fase da evolução social de um povo, e ainda melhor, a cada fase da evolução da humanidade, se comparam raças antropologicamente distintas e cada uma corresponde uma criminalidade própria, em harmonia e de acordo com o grau do seu desenvolvimento intelectual e moral (RODRIGUES, 1894).

No trecho supracitado, Rodrigues afirma que cada raça por conta dos fatores biológicos e fenotípicos tem uma criminalidade própria, portanto a responsabilização penal deve ser proporcional ao desenvolvimento da sua moralidade e do seu intelecto. Para Pinho (2004, p. 93):

⁵¹ O termo geral que usamos para palavras, sons ou imagens que carregam sentido é signo (HALL, 2016, p.37)

Assim, em Nina e em outros epígonos da época, a mestiçagem e o negro, o povo e as massas, aparecem como um óbice à civilização e se definem como um perigo interno biologicamente materializado nas raças que penetram no corpo social, marcando, como um fundamento apriorístico, o destino moral e social da nação ;

Para fazer um trocadilho com o termo utilizado por Pinho, outro epígono da época foi o diplomata e escritor francês, Arthur de Gobineau, ele por sua vez proclamou a necessidade da população brasileira se fortalecer com os valores mais altos das raças europeias, tal como fazia a previsão que a raça negra desaparecia por inteiro dentro de dois séculos (NASCIMENTO, 2006, p. 85). Fica evidente o papel que os intelectuais a serviço elite (com raras exceções) jogaram na construção da narrativa da superioridade civilizatória do branco europeu, o qual pela sua condição de desenvolvido/civilizado tem o dever de domesticar o bárbaro/incivilizado, não branco, leia-se povos originários e negros.

Para melhor visualizar como foram recepcionadas as teses que na época em que chegaram ao Brasil já eram mofadas no continente europeu. A imbricação entre a Criminologia da Escola Positiva Italiana e as teorias raciais na década de 1870 foi importante para a argumentação científica da inferioridade, bem como maior propensão ao crime de negros/os e dos povos originários. O paradigma etiológico da Criminologia tinha seu foco no estudo do “criminoso”, assim sendo os indivíduos ou grupos elegidos pelo sistema penal eram examinados para entender as causas da criminalidade. Logo, os criminólogos positivistas acreditavam existir uma criminalidade diferencial das/os negros/os e indígenas, explicada/justificada com o argumento da inferioridade racial, ou seja, estes seriam mais criminosos porque são inferiores que outros grupos raciais (DUARTE, 2002).

A Escola Positiva Italiana teve como um dos seus principais pensadores, o médico italiano Cesare Lombroso. É de suma importância resgatar sucintamente o pensamento lombrosiano porque este mesmo influenciou decisivamente o intelectual Nina Rodrigues e outros intelectuais brasileiros, tal qual do nosso ponto de vista se perpetua ainda como um dos pressupostos ideológicos que condiciona a atuação da Polícia Militar até os dias atuais. Para demonstrar a influência do pensamento lombrosiano na PM, trazemos para a discussão uma breve análise feita por nós em artigo⁵² publicado no caldeirão da desgraça que ocorreu na Vila Moisés, conhecida como “Chacina do Cabula”, sobre o discurso imagético da RONDESP, em um vídeo veiculado no canal oficial de comunicação no Facebook:

⁵² Acessado em 28 de dezembro de 2020, disponível no link: <https://vermelho.org.br/2015/04/04/chacina-do-cabula-neocolonialismo-e-o-genocidio-da-juventude-negra/>

A impunidade é animadora para o grupamento Rondesp, que na página que possui no Facebook um dos vídeos motivadores faz alusão ao filme os 300 de Sparta e pergunta “Espartanos qual sua profissão?” Em coro segue a resposta “**Rodo, Rodo, Rodo**”. No outro, a imagem de um negro portando duas armas em punho, caminhando com medo, no plano de fundo a imagem do Pelourinho e o recado das tropas especiais para que neste fim de ano todos andem no caminho do “bem” ou a Rondesp, representada pelo Papai Noel, vai te colocar em uma bola vermelha de sangue pendurada na árvore de mortos. No título da publicação “Boas Festas ao estilo Rondespiano” (VASQUES, 2015).

Quando a tropa responde em coro: “Rodo”, remonta a expressão passar o rodo que no vocabulário de rua na Bahia pode ser associada a matar no contexto em que foi empregado. Ademais, o estereotipo de criminoso nato imputado aos homens negro é escancarado, quando em outro momento do vídeo, o criminoso que está com a arma em punho aparentemente fugindo da Polícia é negro e foge pelas ruas do Pelourinho. Outra problemática para refletir acerca do vídeo macabro em que a tropa divulgou é a expressão utilizada “caminho do bem”, associada a cidadãos de “bem”, termo normalmente utilizado para definir modos de viver da branquitude. Interpreto que os cidadãos de “bem” da Rondesp é a mesma gente “bonita” que a música “Barrados” de Edson Gomes retrata ao tratar do racismo talvez como doença incurável, o artista relata a cena de uma mulher que segurou a bolsa quando o notou, assim como expõe a interdição de direitos da população negra de forma refinada, nos versos “Somos barrados no baile, todos barrados no baile, eles dizem que é só para gente bonita” e continua:

Ando meio cansado (não desisto). Por várias vezes barrados no baile (ainda insisto).
Acredito em tudo aquilo que faço e persisto em tudo aquilo que faço.
(...) Ainda ontem no condomínio que moro, uma senhora quando me avistou, apertou a bolsa ela escondeu sua bolsa. **Apertou à bolsa, a branca segurou logo a bolsa.** São cenas da minha cidade uma doença da sociedade, **cenar da minha cidade uma doença talvez incurável** e você aí como passa você aí o que acha e você aí como passa você aí o que acha disso (grifo nosso).

Assim, no mercado de trabalho também ainda é possível se deparar com a expressão “boa aparência”, termo que faz alusão à aparência das pessoas brancas, referência hegemônica do que é belo. A supremacia branca edificou historicamente ancorada no racismo, a ideia da/o negra/o associado ao mal, ao inimigo, feio, criminoso, inferior, burro, entre outras coisas. Portanto, o cidadão de “bem” é o sujeito branco, posto que pessoas negras ainda vivem em uma condição de subcidadania sendo bastante otimista. Deste modo, me utilizo da potente colocação da intelectual Flauzina (2006, p.93) que traça o rastro do genocídio da população negra tendo o sistema penal como um dos seus principais instrumentos desde os tempos

coloniais até os dias atuais, bem como coloca cirurgicamente quais corpos são atribuídos o “mal intrínseco”:

Fechando uma trajetória de repetição sobre a qual nos debruçamos desde o período colonial, vejamos em que bases se sustenta essa nova metodologia do extermínio que, com suas matrizes fincadas na modernidade, tem sido radicalizada pelos ventos da globalização. Como final monotonamente antecipado, **aniquilação das vidas não se afasta dos corpos que carregam o mal intrínseco, materializado nos signos do cabelo crespo, pele escura, beijo largo, bunda grande... (grifos meus)**

Retornando ao debate, a própria ideia de exercício da cidadania é paradoxal porque se correlaciona com a plena capacidade política, de ser pessoa natural dotada de direitos e deveres. Ora, no Brasil as/os negras/os foi há pouco tempo atrás mercadoria comercializada livremente e sem alma. Quero dizer, portanto, que a cidadania ainda não se constituiu para as/os negras/os, no máximo uma subcidadania, pois ainda se luta pelo direito a vida, existência e humanidade. Finalmente, o recado final da tropa é a morte violenta para quem não se enquadrar no controle estatal, mesmo quando a legislação penal vigente não admite pena de morte.

É possível se pensar também a partir do caso da agressão policial a um adolescente negro que ocorreu no dia 02 de fevereiro de 2020 com ampla divulgação nas redes sociais. Ocorre que, nas imagens divulgadas, o policial militar o surrou com socos e pontapé, que atingiram o rosto do jovem e logo depois “deu a voz” que cabelo Black Power é de ladrão. Novamente as palavras do policial refletem de forma imperiosa o estereótipo do criminoso que a Polícia Militar busca, “você pra mim é um ladrão. Você é vagabundo! Essa desgraça desse cabelo. Tire aí [o chapéu], vá! Essa desgraça aqui. Você é o quê? Você é trabalhador é, viado”? Além disso, a fala do agente do Estado também traz incutida o elemento sexualidade, quando procura atingir o jovem questionando a sua masculinidade, o denominando como “viado” de forma pejorativa.

Para retomar a relação da Criminologia Positiva e as teorias raciais, a partir de agora passo a abordar a influência desse pensamento no Brasil com mais vigor. No período final da escravidão, ideias científicas sobre a incapacidade do negro para o exercício da cidadania foram largamente desenvolvidas no espaço acadêmico, como teorias da criminalidade diferencial, especialmente nas Faculdades de Direito e de Medicina (CALAZANS; PIZA; PRANDO & CAPPI, 2016, p. 451).

Segundo Rodrigues (1894, p.35), “o estudo das raças inferiores tem fornecido a ciência exemplos bem observados dessa incapacidade orgânica, cerebral. A resistência oposta por ela é quase invencível, mantendo-se latente mesmo naqueles casos em que o sucesso

pareceu mais completo”. De toda sorte, para o “renomado” médico legista, psiquiatra e professor Nina Rodrigues, em concordância com os cientistas da criminologia positiva italiana, a incapacidade dos negros e dos povos originários são biológicas, orgânicas. Trata-se de um retardo mental quase invencível, uma barreira insuperável não havendo possibilidades de recuperação ou integração na sociedade evoluída e civilizada dos brancos. Para Pinho (2004, p.92), a questão racial em Nina aparece como um conflito entre a civilização, representada pelos brancos, e o crime, a loucura e o fetichismo, representados pelos negros e seus descendentes.

Dando continuidade à discussão, Munanga (2008, p.47) coloca que, “ao abordar a questão da mestiçagem do final do século XIX, os pensadores brasileiros se alimentam, sem dúvida, do referencial teórico desenhado pelos cientistas ocidentais, isto é, europeus e americanos de sua época e da época anterior”. O fim do sistema escravista, em 1888, coloca aos pensadores brasileiros uma questão até então não crucial: a construção de uma nação e de uma identidade nacional. Ora, está se configura problemática, tendo em vista a nova categoria de cidadãos, os ex-escravizados negros. Na visão da Organização Reaja ou Será Morta/o (2012)⁵³, a abolição foi conversa para boi dormir, engabelação da supremacia branca, opinião que dialoga com a música de Lazzo Matumbi⁵⁴ citada anteriormente, como se pode ver no trecho a seguir ao questionar a política pública conhecida como Pacto Pela Vida:

Cento e vinte e três anos depois da proclamação do pacto abolicionista “fajuto” que as elites fizeram entre si, nos tirando da condução legal de escravizados e nos empurrando para a quase perpétua exclusão dos meios de produção, de participação e do exercício de poder a que temos direito, o Estado, compreendido como os poderes de justiça, o poder legislativo, executivo e agora a defensoria pública, nos convoca a pactuarmos pela proteção da vida (online).

⁵³ Acessado no dia 30 de junho de 2022, disponível no link: <https://reajanasruas.blogspot.com/2012/09/a-campanha-reaja-e-umaarticulacao-de.html?q=baralho+do+crime>

⁵⁴ Ver página 29.

4 OS DADOS FALAM POR SI: TV VIOLENTA E DERRAMA SANGUE

Assim sendo, fiz a opção metodológica de combinar dois caminhos complementares para dar conta da profundidade da temática. Dessa forma, combinei a análise qualitativa, ideia que me acompanha desde o início do trabalho, com a análise quantitativa, possibilidade que surgiu após a qualificação. Para a análise quantitativa do conteúdo elaborei uma tabela com o título, resumo, categoria de tipo penal, raça/cor da pessoa exposta e do repórter, idade da pessoa exposta, local de gravação, se existe participação de delegadas/os de polícia, agentes da polícia civil, militar e/ou penitenciária, tempo e data. Além disso, também perguntei sobre autoria, passagem pela polícia, formação acadêmica, envolvimento com facção e se houveram a reprodução de narrativas machistas, lgbtqiap+fóbicas e racistas. Trouxe também perguntas sobre banalização da violência, exploração do sofrimento, constrangimento da pessoa exposta e violação de direitos. Portanto foi feito um longo percurso de analisar 239 reportagens, as quais totalizaram cerca de 24 horas e 30 minutos, orientado pelas perguntas e informações descritas acima.

Foi um caminho extremamente desgastante, cansativo, por vezes depois de um dia de trabalho estava sentindo muita dor de cabeça e isso se repetiu durante a maioria dos dias. Ao passar uma semana examinando por dias ao fio as reportagens, tive que descansar a mente alguns dias para dar continuidade, assistir a séries e filmes como estratégia para limpar um pouco a cabeça das imagens terríveis veiculados pelo programa “Se Liga Bocão”. Durante cerca de dois meses, me dediquei para assistir atentamente a todos os programas pelo compromisso científico de tabular os dados expressos no conteúdo das reportagens. Confesso que foi um exercício de tortura, no qual pensei em desistir por muitas vezes por conta do cansaço, investigar atentamente uma reportagem atrás da outra e testemunhar as atrocidades, crueldades, humilhações, extrema violência, se tornou psicologicamente pesado. Ao mesmo tempo em que pensei em desistir, também por outro lado ganhei fôlego para continuar, pela possibilidade da relevância acadêmica, social e política do trabalho.

Talvez fosse leviano da minha parte chegar até esse ponto sem comentar que para além de todas as motivações colocadas anteriormente, teve um elemento subjetivo que foi fundamental para a construção de toda essa trajetória de pesquisa. É um tanto complexo falar desse assunto, pois exige futucar questões adormecidas dentro de mim e me expor para colegas acadêmicos, conhecidos e estranhos que possam se interessar em ler o meu trabalho. Todavia, existe também a possibilidade de ter chegado a hora de lamber as feridas, apesar de não estar convencido de este ser o melhor espaço para isso e não ter certeza que esta parte do

texto estará presente até à versão final, faço a opção desse exercício acadêmico-terapêutico por que na real meus caros, esse processo foi quem motivou toda essa investigação.

Ocorre que, me toca em lugares muito sensíveis pesquisar neste campo porque de certa forma o outro é o reflexo do espelho em que me identifico. Durante esses anos de mestrado, tive uma dúvida que atravessou todo trajeto, converso ou não com os meus orientadores sobre o que ocorreu? Quais as repercussões dessa conversa? Isso poderá tornar mais pessoal a minha pesquisa e descredibiliza-la? Tenho confiança suficiente para conversar com os orientadores sobre isso? A verdade é que conversei sobre o ocorrido com pouquíssimas pessoas por ser algo muito doloroso. Anos depois, procurei iniciar um processo terapêutico com psicólogas para lidar com muitas questões, mas sempre sabendo que esse processo foi um dos maiores traumas da vida. Talvez escreva um livro sobre, porém ainda assim com anos e anos de terapia não tive condição de me abrir com as profissionais que me acompanharam.

O fato é que quando assisto essas reportagens me vejo, fui vítima do sistema penal e da mídia, preso em outubro de 2011 por portar maconha para uso, passei cerca de duas semanas na delegacia e durante esse período a minha memória e imagem foram destruídas por esses veículos de comunicação que me acusaram de tráfico de drogas e criaram diversas narrativas para confirmar as estas acusações. É senhores, fui preso, acusado de um crime que não cometi, passei no programa “Se Liga Bocão” mesmo tendo me negado e afirmado o meu direito à imagem diante do repórter e dos agentes da polícia civil. O policial civil me humilhou me gritando “vagabundo” e falando para ficar quieto na frente de minha coroa, imperdoável, mesmo tendo afirmado que não dava permissão para a veiculação das minhas imagens. Também, após a minha soltura, soube que as imagens foram transmitidas em rede nacional e reportagens sobre o acontecido, replicadas por inúmeros sites. Naquele dia “morri”, apesar de jovem já tinha muita história para contar, desde os 14 anos de idade sou militante dos movimentos sociais, participei dos principais embates por direitos no país nesta época, viajei a Bahia e o Brasil construindo o sonho de viver uma sociedade menos desigual, democrática e humana.

Durante essas semanas me tornei traficante e toda minha história foi apagada, destruída, a minha memória dilacerada, as organizações que fiz parte, a União da Juventude Socialista e o Partido Comunista do Brasil, contaminadas pelo racismo entranhado em suas estruturas, fizeram coro com a mídia policialesca. Apesar de ter pessoas negras participando, essas organizações são dirigidas política e ideologicamente por brancos, eles condenaram-me, me afastaram dos espaços de direção que participava, mesmo tendo doado os melhores anos da minha juventude em prol das ditas causas coletivas patrocinadas por essas entidades.

Passei pelo absurdo de ouvir de uma liderança política negra de destaque, atualmente parlamentar, em uma atividade pública alguns dias após “lili” cantar que era um “negro vacilão”. Inacreditável que aquela mulher negra, a qual em nenhum momento se propôs a ir até delegacia me fazer uma visita, que após a minha saída sequer fez uma ligação para acolher-me, teve um ímpeto de no primeiro momento em que nos encontramos “chutar cachorro morto”, tripudiando da minha condição, da minha dor e buscar me dilacerar com suas palavras ásperas e brancocêntricas. Foi um processo extremamente solitário, pouquíssimas pessoas tiveram lá por mim, minha coroa lutou como uma leoa por minha liberdade e dela não esperava menos. Não tive direito a resposta, ao contraditório, a ampla defesa, a imagem e a memória. Minha imagem foi mortificada, a minha memória foi dilacerada, tive que ressurgir das cinzas para (re)existir a toda essa desgraça, fui socialmente “morto”. Depois disso, cada vitória significou (re)viver e com isso quando me aproximei da pesquisa acadêmica decidi por produzir trabalhos que estudem profundamente as relações raciais, compreendam a naturalização das violências raciais produzidas pelos programas policialescos e em última instância pelo mainstream midiático. É louco que já se passaram 11 anos desde então e mesmo tendo pequenas e grandes conquistas como a de ser abençoado com a paternidade de uma filha muito especial que se chama Inaê Abayomi Lopes Vasques, tendo me formado bacharel interdisciplinar em humanidades, ainda continuo sempre esperando que uma mais uma desgraça aconteça. Mesmo tomando todos os cuidados, sendo extremamente cauteloso, as atribuições tão sempre rondando, sempre foi assim e quiça sempre será, bagulho doido a carga ontológica de ser preta/o. O impacto traumático na coroa foi tão intenso que ela está sempre esperando uma nova tragédia acontecer comigo.

Quando falo que “morri” não é retórica, somente me foi possível renascer por conta do amparo da coroa, de familiares, de pessoas queridas, como também por conta do amparo e proteção espiritual que me conduziu a renascer duas vezes, como pai de Inaê Abayomi e como Pai Ogã da família Ilê Axé Obá Kossô Omi. Os suplícios exibidos pelo telejornalismo policialesco produz uma “morte social”, fenômeno que conceituo como *Mortificação da Imagem*, somente possível no terreno fértil da guerra racial que tem o racismo midiático com uma de suas facetas e atropela qualquer comanda genérico constitucional que busque estabelecer um Estado Democrático de Direito porque não existe democracia real, material, sem que o racismo seja enfrentado com força. Para isto é necessário nos armar com ações contra coloniais (BISPO, 2015) para destruir as estruturas do Estado de continuidade colonial que está vigente no Brasil. A *Mortificação da Imagem* é o conjunto de dispositivos raciais da grande mídia que estereotipa, criminaliza, julga, condena, aprisiona, controla e mata corpos

negros. Esses mecanismos do necropoder neocolonial não produzem somente uma morte simbólica, mas também iniciam o processo da morte física. Quais os graves danos psíquicos e psicológicos causados as pessoas negras expostas nessas reportagens? Quais as repercussões raciais, sociais, econômicas, jurídicas e culturais a estas pessoas? Qual amparo que estas pessoas terão para renascer? O caminho mais provável é o planejado pelo sistema supremacista, as pessoas negras vão definhando, serão encarceradas, sofrerão muitas mortes e perdas até que vão morrer fisicamente. Isto é, quando uma preta/o sofre um homicídio por arma de fogo, por vezes o processo da morte já se iniciou por outros mecanismos. A escola mata qualquer esperança de vida longa e possibilidade de sonhar para as crianças pretas, logo nos primeiros anos de vida. Os veículos de comunicação vão destruindo qualquer perspectiva de elevação da autoestima, a negação aos direitos básicos, a violência e a morte prematura vai acompanhar a/o bebê preta/ desde que o respirou com vida. O jornalismo policiaresco é um tribunal de exceção, onde o corpo negro é exibido, torturado e flagelado em rituais de suplício que a “*instituição de sequestro*” (ZAFFARONI, 1991) colonial está acostumada a conduzir para alimentar os cofres da elite branca, dito de outra forma, esse tipo jornalístico vende o sangue e a desgraça do povo negro e lucra vultosas cifras de dinheiro. Logo, quando falo em morte, velha conhecida nossa, não é exagero, a produção da *Mortificação da Imagem* não é retórica, porque além de identificar os danos imensuráveis causados a qualquer indivíduo negro/a exposta/o em rede regional ou nacional nas reportagens que examinei, também vivi na pele esse processo.

Outro exemplo disso é a inserção de drogas psicoativas altamente destrutivas, como o craque que foi utilizado para controlar e matar comunidades negras e latinas nos Estados Unidos da América. De certa forma, as drogas também cumpriram e ainda cumprem papel semelhante em diversas comunidades herdeiras da diáspora africana, vide a política de “Guerra às Drogas” no Brasil e no resto do mundo.

A supremacia branca nos mata através da alimentação de péssima qualidade, rica em sal, açúcar, processados, fast food, enlatados, transgênicos e alimentos envenenados por agrotóxicos. Inúmeros estudos na área da saúde atestam que a população negra tem maior tendência para doenças como Diabetes Mellitus (DM) tipo 2 e Hipertensão Arterial, para o Dr. Dráuzio Varela⁵⁵:

⁵⁵ Acesso em 02 de julho de 2022, disponível no link: <https://drauziovarella.uol.com.br/saude-publica/veja-quais-as-doencas-mais-frequentes-na-populacao-negra/>

De acordo com a hipótese mais aceita, **a maior predisposição da população negra para a hipertensão tem origem no nosso período colonial**. Naquele tempo, pessoas negras eram trazidas à força do continente africano para serem escravizadas. Em longas viagens de navio, com infraestrutura precária, água e alimentação restrita e expostos a doenças que provocam diarreia, muitos morriam de desidratação. Sobreviviam aqueles que tinham maior capacidade de reter sal e, conseqüentemente, água. O problema é que exatamente a característica que lhes salvou a vida à época, agora aumenta o risco de pressão alta. Portanto, a recomendação para evitar a doença é consumir sal com muita parcimônia (menos de 5 gramas por dia, cerca de uma colher de chá), medir a pressão arterial com frequência (pelo menos uma vez por ano), praticar atividade física com regularidade, evitar a obesidade e a ingestão de álcool e parar de fumar (VARELA, 2019, online).

A respeito da diabetes, Varela (2019) argumenta:

O diabetes atinge com mais frequência os homens negros (9% a mais que os homens brancos) e as mulheres negras (em torno de 50% a mais que as mulheres brancas). Felizmente, diabetes tem prevenção, que inclui consumo moderado de açúcar e carboidratos simples (como arroz branco, farinha de trigo e batata inglesa), prática de atividade física, controle dos níveis de glicose no sangue e manutenção do peso ideal.

O doutor Laila O. Afrika conceituou a face do genocídio negro através da alimentação de nutricídio⁵⁶ (AFRIKA, 2000), segundo Njeri⁵⁷ (2021, online), “o intelectual afro americano trabalhava a cura pela alimentação, com uma base de alimentação natural, pensando um retorno de *Sankofa*, ou seja, em buscar nas alimentações dos nossos ancestrais padrões de saúde alimentar que pode ser utilizados na diáspora”. A intelectual Aza Njeri⁵⁸ (2021), traduz o conceito de nutricídio, como:

A destruição alimentar da população negra, ou seja, é a introdução de uma dieta alimentar colonizada em que você tem a farinha, o sal, o açúcar, como alimentos introduzidos pela colonização e que fazem um mal tremendo para os corpos das pessoas negras. A gente não pode esquecer que nós somos a população mais diabética e hipertensa do planeta, né mesmo? Então basicamente que essa morte alimentar, esse genocídio alimentar que a população negra sofre, por conta do excesso de agrotóxicos, de farinha branca, açúcar branco, sal refinado, mais também o excesso de ultra processados e isso está diretamente ligado à pobreza. Quanto mais pobre você é, menor vai ser o acesso a alimentos naturais e saudáveis. Isso se chama “deserto alimentar”, (...) basicamente desertos alimentares é a desertificação, a ausência de alimentos frescos ou in natura em um território e é algo que acontece em larga escala aqui no Brasil (online).

Além do mais, outro estudioso da alimentação, o Dr. Sebi nos ensina que “não espere estar saudável quando o seu opressor que te alimenta”.

⁵⁶ AFRIKA, Laila O. **Nutricide: the nutritional destruction of the Black race**. A & B Publishers Group, 2000

⁵⁷ Acesso feito em 02 de julho de 2022, disponível através do link:

<https://www.youtube.com/watch?v=h21OcrjXENs>

⁵⁸ Ver nota 60.

Insisto em trazer estes argumentos para tornar evidente os múltiplos tentáculos da *Trama Racial* em que os processos de *Mortificação da Imagem*, apagamento, silenciamento, subrepresentatividade e estereotipia são somente mais uma teia desta trama mortal. Portanto, a partir de agora vou consolidar as assertivas e problematizações feitas com os dados primários obtidos da análise feita das reportagens. Vale salientar que também fui tencionado a analisar todos os programas disponíveis na página da Rede Record, pela impunidade aos crimes cometidos pela grande mídia, pela sensação de impotência diante dela, em contradição por outro lado também fui mobilizado pela admiração as estratégias de resistência das pessoas negras expostas naquele ambiente extremamente hostil. Provavelmente se não tivesse iniciado ainda e pudesse ter a dimensão do impacto na minha saúde mental em tempos de pandemia, teria desistido ou talvez não.

Contudo, ao final do trajeto percebi a relevância de produzir dados primários que ficarão de legado para que outras/os pesquisadoras/es possam acessar como base para fundamentar suas produções acadêmicas, bem como para que o movimento negro se aproprie e ajude a consubstanciar sua ação política. Um ano, um mês e sete dias de programa foram analisados, entre 21 de outubro de 2013 e 28 de novembro de 2014, uma trama de cerca de 24 horas e 30 minutos. Interessou-me também perguntar com base nos títulos das 239 reportagens, a quantidade de repetição de determinadas palavras chaves, como o Quadro 1 abaixo mostra:

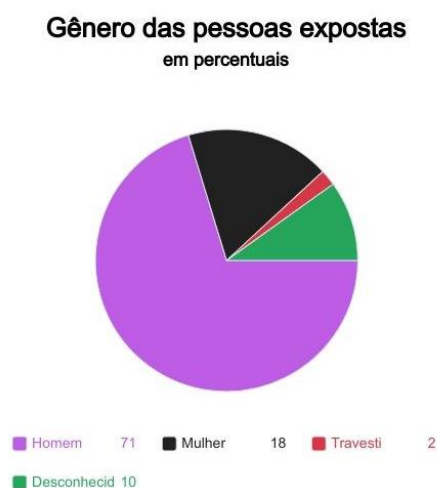
Quadro 1 – Repetição de palavras chave

Palavra	Repetição
Preso	81
Presa	15
Traficante	7
Ladrão	6
Suspeito	21
Homem	58
Mulher	33
Travesti	6
Mãe	12

Jovem	17
-------	----

A repetição das palavras vai dialogar bastante com os dados que serão apresentados nas tabelas a seguir, por exemplo, a repetição da palavra Homem, corrobora com o fato de que as pessoas expostas em 71% das reportagens são do gênero masculino. Assim como, se pode discutir o processo de criminalização, antecipação da culpabilidade e da punição das pessoas expostas ao serem marcadas como: preso/a, ladrão e traficante. O punitivismo, senso comum impregnado de racismo faz a opção de punir, condenar, prender e matar qualquer preto/a. O Gráfico 1 traz o demonstrativo do percentual do gênero das pessoas expostas no programa “Se Liga Bocão”, onde se pode perceber que homens são a imensa maioria, sendo que em 10% das reportagens não há pessoas expostas ou não foi possível identificar o seu gênero.

Gráfico 1 - Gêneros das Pessoas Expostas

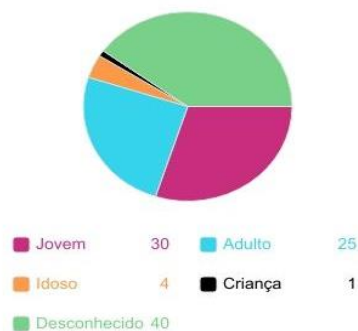


No Gráfico 2 trago classificação geracional das pessoas expostas, considerei jovens, a faixa etária de 15 a 29 anos, utilizado pelo Estatuto da Juventude. Idosos, a partir dos 60 anos de idade, a faixa etária de 30 a 59 foi categorizada como adultos e até os 10 anos de idade, criança.

Gráfico 2 - Geração das pessoas expostas no Se Liga Bocão

Geração das pessoas expostas no Se Liga Bocão

em percentual



Como se pode perceber a maior parcela de pessoas expostas é de jovens, seguidos por adultos. Todavia em 40% das reportagens a pessoa custodiada e o repórter não se referem a idade das pessoas. Contudo, caso se utilize somente as reportagens onde foi possível identificar a idade da pessoa exposta, em 50% são jovens, 40% adultos, 6% de idosos e 1% de crianças. Ou seja, são em sua maioria homens jovens que estão sendo hipervisibilizados de uma forma extremamente negativa com prejuízos terríveis para suas vidas. Outro elemento, é que ainda sem entrar nos dados de raça/cor, se pode perceber a reprodução de uma representação social do jovem enquanto agente de problemas, do jovem infrator, contribuindo para desacreditar todo o potencial transformador e a pluralidade existente entre as juventudes. Fora que se sabe muito bem a que jovem a colonialidade quer cercear a capacidade de indignação e mesmo de existir. Assim se perceber que os dados da quantidade de jovens expostos nos programas policiais, se relacionam com a quantidade de jovens que morrem por ano no Brasil. Ao revisitar o atlas da violência (2018), nota-se que em 2016, o Brasil alcançou a marca histórica de 62.517 homicídios, entre estes 33.590 jovens de 15 a 29 anos, segundo informações do Ministério da Saúde (MS). Neste ponto, a taxa de mortalidade dos jovens é 142,7 a cada 100.000 habitantes em 2016, considerando somente jovens do gênero masculino esses índices crescem para 280,6, para cada 100.000 habitantes. Os jovens negros são os que mais aparecem no programa para reafirmar diariamente a tese lombrosiana do negro enquanto criminoso nato, da pessoa negra perigosa, das/dos negras/os violentas/os, para dar continuidade à limpeza étnica tramada pela supremacia branca neocolonialista. Entre pessoas negras, a taxa é de 40,2, para cada 100.000, que por sua vez teve um crescimento de 23% em dez anos. Em contrapartida para não negros a taxa de mortes violentas é de 16,0, para

cada 100.000, uma redução de 6,8%, nos últimos dez anos. Em outras palavras de 2006 a 2016 (temporalidade utilizada pelo Atlas), enquanto o sangue negro derramado se multiplicou, a segurança e expectativa de vida de brancas/os se ampliou. Conseqüentemente, morre cerca de três vezes mais pessoas negras, o que implica dizer que 71,5% das pessoas assassinadas anualmente são pretas ou pardas.

Os dados no tocante a raça são repetitivos para quem minimamente discute o quadro das relações raciais no país e novamente se correlacionam com os dados do Atlas da Violência (2018). Em 87% dos programas as pessoas expostas são negras, entretanto apesar de pessoas brancas figurarem em somente 13% das reportagens, de forma contraditória justamente nas reportagens que não tratam de delito é a única vez que o corpo branco aparece como maioria nas reportagens. Quero dizer com isso que em 53% das reportagens que não se enquadram em delito são pessoas brancas sendo filmadas. Ou seja, a representação social da corporalidade negra no programa “Se Liga Bocão” tem um lugar específico, mais precisamente sendo criminalizada, sofrendo acusações, violências, humilhação, sem a oportunidade de ter sua versão da história sendo contada. Os Gráficos 3 e 4 abaixo vão demonstrar, a análise de dados no tocante a racialidade das pessoas expostas:

Gráfico 3 - Raça/Cor das pessoas expostas



No Gráfico 4 abaixo cruzei os dados de raça e gênero, que por sua vez demonstra que homens negros aparecem 59% mais vezes que homens brancos e mulheres negras 14% mais que mulheres brancas.

Gráfico 4 - Raça + Gêneros das pessoas expostas

A arma mais eficiente já forjada pela supremacia branca é o racismo, que opera construindo redes de poder e tecnologia para exercer o controle sobre o não branco e garantir a manutenção do seu poder eliminando as/os inimigas/os. Também colocarei em relação, os dados primários obtidos na pesquisa, com os dados do Atlas da Violência (2019) para que se perceba, o quanto são similares e se retroalimentam. Em outros termos é preciso matar a/o negra/o fisicamente, simbolicamente, destruir sua memória e construir a justificativa para que tais atos não sejam considerados, o que existe de mais sombrio na história mundial. Cabe a grande mídia fazer o serviço sujo de justificar a desgraça, de longe a escravidão e o genocídio negro é a face mais terrível e cruel da humanidade. O nazismo é peixe pequeno perto da miséria que a comunidade negra vive em África e na diáspora.

A literatura crítica considera que o fenômeno da grande quantidade de homicídios⁵⁹ de gente preta por dia, sinaliza a possibilidade de uma espécie de guerra velada. Ao longo do trabalho demonstro que esta guerra racial não tem um fio de cabelo de velada, é uma guerra à luz do dia, escancarada. Os dados do Atlas da Violência (2019) produzidos pelo Governo Federal, que possivelmente são subnotificados, mostram essa realidade, constata-se cerca de 50.000 homicídios de negras/os no ano de 2017. Os agentes da segurança pública são treinados para matar, enxergam os territórios negros e a maioria de suas/eus moradoras/es como inimigos, com isso violam as casas a qualquer hora do dia, sem mandado, de forma notadamente ilegal; invadem os bairros de “burucutu” para não serem reconhecidos; atiram

⁵⁹ Segundo o Atlas da Violência de 2019 morrem por homicídios 83 negros por dia.

para matar; assediam sexualmente mulheres, crianças negras; espancam, humilham e executam sem pudor.

Os rappers do Facção Central no CD intitulado “Versos Sangrentos”, lançado em 1999, já mostravam essa realidade na música com o título taxativo “Isso Aqui É Uma Guerra”. Em um dos trechos os artistas trazem uma crítica contundente ao Estado neocolonial que desumaniza, marginaliza e delimita o lugar dos negros: “Não chora, vadia, que eu não tenho dó, dá bolsa, na moral, não resiste o B.O, **aqui é outro brasileiro transformado em monstro**, semianalfabeto, armado e perigoso. Querendo sua corrente de ouro, atacando seu pulso, atacando seu bolso”. Estes versos chocantes fazem refletir sobre o outro (negra/o), o inimigo, o selvagem ou monstro como narram os versos, assim como acerca dos estereótipos de violento construído sobre o homem negro e da vítima frágil (a madame) acerca da mulher branca. Também retrata a violenta concentração da riqueza na mão de poucas famílias brancas que produz uma catástrofe racial, afinal sujeitos excluídos vão em busca da grana da maneira que lhe for possível. Além de retratar também a negação histórica do acesso à educação que perdura até os dias atuais, pois a universidade pública continua sendo elitista, um espaço distante para grande parcela das/os negras/os, mesmo com a aprovação das cotas raciais. As pessoas negras que acessam as universidades passam por maus bocados para garantir a sua permanência e enfrentar a universidade epistemicida (CARNEIRO, 2005).

O filme “O Nascimento de uma Nação⁶⁰”, avaliado por alguns como um dos mais importantes filmes da História do Cinema, que inegavelmente obteve sucesso comercial e de público, bem como cumpriu um papel importante na construção da nacionalidade estadunidense, retrata o mesmo estereótipo que extrair da música citada acima, homens negros burros e violentos, propensos à criminalidade e ao estupro da mulher branca. E a mulher branca, vítima frágil inspiradora de proteção. A cena célebre que a personagem Flora opta por se jogar do penhasco para não ser estuprada pelo personagem negro Gus, é um indício importante do projeto supremacista brankkko para a nação estadunidense, a mensagem passada dos papéis e dos lugares raciais são signos, os quais vão ser retomados/reproduzidos através de diversos mecanismos, como: cinema, mídia, escola e universidade, livros, entre outros.

As terras pindorâmicas, que hoje chamamos de Brasil, foi o maior destino do tráfico negreiro, estima-se cerca de 45% por cento dos 12.000.000 à 14.000.000 de africanos que foram arrancados de suas terras, sequestrados, forçados a viajar o transatlântico para serem

⁶⁰ O filme é dirigido por D. W. Griffith, tendo sido lançado em 8 de fevereiro de 1915.

mercantilizados como objetos, vieram para cá. As condições de viagem dos navios negreiros eram completamente insalubres e com isso é provável que pelo menos 1.000.000 de negras/os tenham morrido neste percurso. Por outro lado, três séculos após, segundo o Atlas da Violência (2019), em 2017 foram cerca de 50.000 negros mortos, ao fazer um conta simples se pode chegar ao número de 1.000.000 de pessoas negras mortas em duas décadas, ou seja, de 2000 para cá. Sem mencionar que das centenas de milhares de pessoas que morreram nesta pandemia do COVID 19, os dados já demonstram que sua grande maioria é de pessoas negras, vamos trocar ideias sobre esse tema mais a frente. Logo, o estado da coisa em que vive a/o negra/o no Brasil é uma continuidade colonial ou neocolonial. E dentro deste contexto é fundamental aumentar o tom de denúncia, nos afirmarmos contra coloniais (BISPO, 2015), construindo ações para destruir o atual estado de coisas em que vive a/o negra/o no Brasil. Como também, continuar a aperfeiçoar as nossas formas de resistência e re(existência), pois o Estado Democrático de Direito é uma falácia para comunidade negra e para os povos originários, enquanto ainda for necessário comemorar quando uma preta/o chega aos 30 anos de idade vivo e com saúde, estaremos imersos na desgraça.

Os braços armados do Estado neocolonial estão sempre de prontidão para destruir a ameaça negra, o medo branco de que a revolta e a ira negra se multiplique a ponto de se tornar insustentável faz com que se ampliem os mecanismos de controle e extermínio. O jornalismo sensacionalista se comprovou como elemento fundamental nesta trama racial, pois funciona também como correia de transmissão ideológica das forças policiais. A tabela abaixo vai demonstrar que em 60% dos programas existe a participação de agentes da Polícia Civil, Militar e Penitenciária.

Gráfico 5 - Participação de Agentes da Polícia



Pior que isto é somente quando analiso os dados sobre a localização em que os programas são gravados, somente 2% foram gravados nos bairros brancos e nobres, em contrapartida 19% dos programas foram gravados em bairros negros, porém 55% deles filmados em Delegacias Territoriais da Polícia Civil, 100% delas em bairros populares, ou seja, somados os 19% dos programas gravados na rua com 55% gravados dentro da instituição policial, chegaremos a 74% dos programas filmados dentro de bairros negros. Assim como, se considerarmos bairros negros dentro da Grande Salvador, adicionaremos mais 4% dos programas que foram gravados na Região Metropolitana de Salvador e Feira de Santana. Todavia, é no mínimo curioso como a maioria dos programas são filmados em órgãos do Estado, por assim dizer 55% deles nas DTs, somados aos 2% gravados em bases da Polícia Militar. Exatamente nos espaços que tem o dever legal de respeitar as leis, segundo as regras do proclamado Estado Democrático de Direito é onde as leis são rasgadas e os direitos das pessoas violados. A Constituição Federal de 1988, no art. 5º, incisos X, XLIX, prescreve que:

Art. 5º (...)

X – são invioláveis a **intimidade**, a **vida privada**, a **honra** e a **imagem** das pessoas, assegurado o **direito a indenização** pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

XLIX – **é assegurado aos presos o respeito à integridade física e moral;**
(BRASIL, 1988, grifo nosso).

Ora, em tese a Constituição Federal é a carta magna, a qual deve ser observada por todas as instituições e cidadãos, entretanto dentro das delegacias a inviolabilidade à vida privada, honra, intimidade, imagem, de pessoas sob custódia estão sendo destruídas. Sem falar da integridade física e moral, trouxe anteriormente o fato comprovado do jovem negro⁶¹ que foi esquartejado no próprio quartel da polícia. O Estado através de uma articulação das forças policiais com jornalismo sensacionalista está destruindo a imagem de custodiados sem dar a mínima para o Estado Constitucional de Direitos porque estas ações servem aos interesses neocoloniais. É o racismo que dita às regras do jogo, quando a lei pode ou não ser observada, quando é interessante diariamente exibir corpos negros sob custódia, condenados antecipadamente ao vivo, sofrendo uma morte social, imagética e psicológica de que dificilmente irá se recuperar. A correia de transmissão das forças policiais ou a agência executiva de controle penal, como denominou a professora Ana Flauzina (2006), antecipa não

⁶¹ Ver página 41 e seguintes.

somente a condenação destas pessoas, mas também provoca a *Mortificação da sua Imagem*, sua morte em vida, o estrago causado jamais será recuperado.

Para além da Constituição Federal, a Lei 13.869/19, no Art. 13, Incisos I e II, define a prática como crime com detenção de 1 a 4 anos:

Art. 13. Constranger o preso ou o detento, mediante violência, grave ameaça ou redução de sua capacidade de resistência, a:

I - exibir-se ou **ter seu corpo ou parte dele exibido à curiosidade pública;**

II - submeter-se a **situação vexatória** ou a **constrangimento** não autorizado em lei;

Pena - detenção, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, sem prejuízo da pena cominada à violência. (BRASIL, 2019)

Em outras palavras, poderia trazer diversos outros dispositivos, bem como uma discussão doutrinária no campo do direito que fala sobre o direito à imagem, memória e esquecimento, para consubstanciar as ilegalidades praticadas pelos programas e pelos agentes das forças policiais do Estado contra as pessoas expostas nestes programas, porém os dispositivos supracitados são suficientes para escurecer a cadeia de ilegalidades produzidas nestes programas que são veiculados em canais abertos, em horários de grande audiência e que apesar dos questionamentos sofridos continuam abertamente exercendo suplícios e sacrilégios públicos a pessoas negras. Por que programas sensacionalistas continuam no ar mesmo suas reportagens sendo criminosas, inclusive ostentando altos índices de audiência e financiamento publicitário? Desse jeito, como é possível, se convencer que vivemos em um Estado Democrático de Direito? A afirmação que se vive em uma democracia para nós pessoas negras é tão falaciosa quanto há que vivemos em relações harmoniosas entre as raças, são falácias construídas arditosamente pela branquitude para garantir a manutenção das relações de poder. O próximo gráfico exemplifica a distribuição dos programas em relação, a localização onde eles foram filmados.

Gráfico 6 - Localização em que os programas foram gravados

Após assistir a 239 reportagens e ter verificado esses dados, posso afirmar com base científica que o objetivo do programa estudado está em consonância com os interesses das estruturas de poder brancocêntrica, as quais necessitam que a violência somente seja visível na circunscrição dos bairros negros. Em outros termos, a violência sistêmica que fundou a nação deve ser visível nas periferias, guetos e favelas. Diante disso, os veículos de comunicação são estratégicos para que este objetivo seja cumprido com rigor, na música “A Rua é Contenção” da banda Contenção 33, os artistas trazem esse debate à tona nos versos “violência volta, a mídia mostra e oculta de onde ela partiu”, isto é, a grande mídia despreza a violência racial em que a comunidade negra e indígena sofre por mais de quinhentos anos. Na televisão não aparece que mulheres negras foram estupradas, violentadas sexualmente sistematicamente pelos senhores de engenho, muito menos que a abolição inconclusa assinada para inglês ver foi estratégia da supremacia branca para dar continuidade às hierarquizações raciais impostas pela colonialidade e conter as revoltas pretas. A tevê somente reproduz representações sociais das/os negras/os como pessoas violentas/os e dos bairros negros como perigosos, cumprindo a risca a cartilha da elite branca.

Talvez possa se tornar óbvia esta avaliação, ao analisar o fenótipo e as relações políticas em que as cinco famílias brancas que dominam a grande mídia no país estão inseridas. Segundo Borges (2009, p. 59):

Na década passada, nove famílias dominavam o setor: Marinho (Globo), Abravanel (SBT), Saad (Bandeirantes), Bloch (Manchete), Civita (Abril), Mesquita (Estado), Frias (Folha), Levy (Gazeta) e Nascimento e Silva (Jornal do Brasil). Hoje são apenas cinco, já que as famílias Bloch, Levy e Nascimento faliram e o clã Mesquita atravessa uma grave crise financeira.

Para Venício A. de Lima, autor do livro “Mídia: crise política e poder no Brasil”:

O sistema brasileiro de mídia, além de historicamente concentrado, é controlado por poucos grupos familiares, é vinculado às elites políticas locais e regionais, revela um avanço sem precedentes das igrejas e é hegemonizado por um único grupo, as Organizações Globo. (BORGES, 2009 apud LIMA, p.55)

Para contribuir com o debate trago um elemento fundamental que passou despercebido pelos dois autores, a localização racial destas famílias citadas, são todas elas brancas, bem como as elites políticas e quem dirige a igreja universal também. Doze anos depois do lançamento do livro supracitado, posso inserir também a família Macedo, proprietários da Rede Record no rol das famílias que dominam o setor.

O trecho da música de Eduardo Taddeo “Substância Venenosa” é bastante assertivo para que a gente possa dar prosseguimento à discussão sobre os efeitos da colonialidade nos dias de hoje. A música diz “Aí bacana, sabe por que eu não tenho bens? Porque minha família nunca escravizou ninguém. Se eu fosse descendente de um colonizador arrombado. Tinha marca de cerveja e hipermercado”. Para estabelecer um diálogo, também trago o prelúdio da música Negro Drama do Racionais, quando Mano Brown pergunta quem inventou essa historia de que as/os negras/os tem que ser 2 vezes melhor que as/os brancas/os e o próprio Brown responde ao questionar como ser duas vezes melhor, considerando a escravidão, o preconceito, os traumas. Ao final desta introdução, Brown afirma: “Ou você é o melhor, ou é o pior”.

O bagulho é doido, recentemente o “feriado” de carnaval de 2022 foi cancelado por Rui Corta e Bruno fantoche de ACM, com os argumentos do aumento de contágio pelo coronavírus, publicaram decretos que proíbem festas de ruas. Todavia os “marajás”, o povo que tem grana curtiu seu carnaval “indoor” enquanto a maior parte da população usou e abusou da criatividade para se divertir. Contudo, o povo preto está mergulhado nessa desgraça e não temos um minuto de sossego. Durante o final de semana de carnaval, a polícia que mais mata do país invadiu a comunidade conhecida como Gamboa e executou a sangue frio três jovens na frente de parentes que clamavam pela vida de seus entes queridos. É repetitivo, quase todo dia nesse tumbeiro, a gente vê ou escuta falar que corpos negros foram executados sem escrúpulos. O carnaval de 2022 vai ficar marcado pela “Chacina da Gamboa”, sete anos

e alguns dias depois da perversa “Chacina do Cabula”. A poesia⁶² feita por mim e publicada no instagram sintetiza através da arte, o sentimento que tenho acerca de mais essa tragédia:

A cidade grita
 Os capitães do mato atacaram de novo
 7 anos depois
 Chacina do Cabula
 A "cidade-túmulo"
 Como diz Hamilton Borges
 Repete mais uma tragédia
 Tragédia diária
 Diário da desgraça.
 Ontem foi na Gamboa
 Anti ontem no Nordeste, Pernambués,
 Vila Moisés, Vila Mar, E.V.A, Suburbana,
 Nova Brasília, São Caetano, S Cristóvão e
 no Parque, Soronha, Dendê, Planeta, Bairro da paz.
 Ontem foi Alexandre dos Santos,
 Cleverson Guimarães e Patrick Sapucaia.
 Antes de ontem Ryan Andrew e Micael Silva,
 Geovani, Joel, Ninho, Raoni, Eduardo,
 João Pedro, Negro Blul, Camelo e muitos mais
 A lista é interminável
 Todo dia tomba um corpo, um não vários, desumanizados.
 Retinto, preto, pardo, exterminado
 Nossa existência deixa brankkko com o cu apertado
 Medo branco
 Descarado
 Onda negra
 É preciso
 Eliminar os safado
 Bota o rabo entre as pernas e fica calado
 Vende dor e sangue por cargo
 Faz campanha para governador miserável
 Que aRUIna a existência preta,
 comanda o corte
 Dos chegado
 Nosso povo descendo de ralo

⁶² Acessado em 06 de março de 2022, disponível no link:
https://www.instagram.com/p/Caw39hvu7XeEVPwoR2mTr6BRn-5J1jiOxqpvtE0/?utm_medium=copy_link

Tumbeiro escancarado
 Os cara pálida de esquerda, de direita, de todos os lados,
 não querem saber se vida negras importam.
 Qual efeito de pedir para essa gente "parem de nos matar"?
 O bagulho é doido
 O racismo é bruto
 A visão, tá aí
 Dos que vieram antes de nós
 Reaja ou Será Morto
 Reaja ou Será Morta!!!

Os sete anos se passaram é a abordagem da mídia tradicional é a mesma, aves de rapina chafurdam à sangria para lucrar com a dor das mães que interromperam o trânsito para denunciar os requintes da crueldade estatal. Além disso, amplificam a narrativa policialesca e produzem a mortificação da “imagem” e da memória dos jovens negros mortos, Alexandre dos Santos (20 anos), Cleverson Guimarães (22 anos) e Patrick Sapucaia (16 anos). Segundo relato feito no instagram do parceiro Vinicius Costa⁶³, artista baiano, o jovem Alexandre (Léo) tinha sonho de ser modelo, ele era um garoto muito bonito e sabia do seu potencial para essa arte. Expõe o ator “eu mesmo quando o conheci apresentei pra ele alguns trabalhos que fiz e falei da possibilidade de estar fazendo a mesma coisa e poder mudar a vida de sua família. Entrei em contato com ele há pouco tempo para marcar as fotos do book dele”. E continua “Com esse book iríamos dar início a esse trabalho, infelizmente quando acordei na manhã de terça tive a notícia dessa chacina. É muito triste ver sonhos indo embora dessa forma pelas mãos da polícia militar que não tem direito de apagar as vidas pretas”.

Não é à toa, se trata do modus operandi dos programas policialescos e posso provar, nos dados que construí comprovei que 92,5% destes programas exploram o sofrimento para lucrar, a violência é banalizada em 81% deles. Ademais, situações constrangedoras são evocadas em 93%, direitos são violados em quase a totalidade deles, ou seja, em 97% dos programas direitos são violados e isso é naturalizado. Não obstante, em 40% dos programas é possível detectar misoginia explícita, em 5% ações lgbtqiap+fóbicas e em quase sua totalidade, 97%, o racismo está presente.

A obra "O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil" de Sodré (2010, p. 33) aprofundam ainda mais a crítica e o debate sobre a televisão. Para o autor, a

⁶³ Acessado em 06 de março de 2022, disponível no link:
https://www.instagram.com/p/Cam6ZbrlRCr/?utm_medium=share_sheet

própria televisão impõe uma violência narrativa e o monopólio da informação, nas palavras dele:

Em outras palavras, ideologia não se define como o conjunto dos conteúdos veiculados pelos meios de informação, mas como a própria informação enquanto forma unilateral de relação social que separa radicalmente falante de ouvinte, censura à resposta e torna abstrata a situação concreta dos indivíduos. Pode-se inferir daí que o sistema da televisão, em si mesmo, é uma censura. De que? da resposta, do gesto do corpo, reais e concretos.

Isto posto, Sodré (2010) extrapola a discussão do conteúdo veiculado pela televisão para discutir a sua origem e forma como se organiza, preconizando a crítica da violência originária imposta. Diante disso é preciso reafirmar o poder de alcance da televisão ao longo do tempo com dados levantados por Sodré (2010, p. 9), segundo o autor:

Se em 1970 eram 4,2 milhões de domicílios com TV em todo o território nacional (24,1%), em 2008 eram 57,5 milhões, o equivalente a 94% dos domicílios ou 95,1% da população. Em 2005, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad/IBGE) verificou que no país havia mais gente com TV colorida do que com esgoto: enquanto 162,9 milhões de domicílios possuíam o aparelho, apenas 132,2 milhões contavam com esgoto em suas residências, ou seja, 32,3% a menos.

Logo, em trinta e oito anos houve o crescimento elevadíssimo de 53,3 milhões de residências com acesso a televisão, o que representa que somente cerca de 5% da população em 2008 ainda não tinha acesso a TV, ou seja, 14 anos atrás. O autor faz uma comparação com o serviço básico de saneamento básico que garante saúde e condições dignas de vida e ao analisar os dados do IBGE constata que a população tem mais acesso a TV. Portanto, quando discuto o conteúdo veiculado pelos programas policiaiscos, as repercussões e o interesses que permitem, validam a sua existência e garantem grandes índices de audiência, falo de um instrumento extremamente poderoso que atualmente alcança quase que a totalidade das casas brasileiras. E como o próprio Muniz argumenta como tese central da sua obra, se trata de um instrumento que monopoliza a informação.

Considerando que a sistemática de funcionamento da televisão traz esse monopólio na sua origem e que poucas famílias brancas que detêm o monopólio e estas fazem parte e/ou se relacionam de forma íntima com a elite branca que invadiu, arrancou as riquezas, colonizou e desde então detêm o domínio das terras pindorâmicas em um processo de continuidade colonial no território que eles atribuíram o nome de Brasil. Significa problematizar que a televisão é uma das principais teias de controle da supremacia branca, pois faz com que a ideologia elite branca colonialista atinja cada canto desse país de dimensões continentais e

sufoque as narrativas de resistência e contra ponto dos povos negros e originários. Este último teve a grande maior parte das suas terras invadidas e sua população foi quase totalmente dizimada pelos brancos europeus. Os variados grupos étnicos dos povos originários que sobreviveram com muita resistência continuam a ser massacrados, assassinados, violentados e a guerra não acabará enquanto ainda existir indígena vivo para testemunhar esse massacre genocida perpetuado pela supremacia branca.

Nas palavras de Sodré (2010), a expansão de conteúdo e a variedade de canais não altera a natureza do sistema televisivo, ou seja:

Apesar da multiplicação dos canais, graças à tecnologia do cabo, a mais profunda natureza da TV requer o silêncio do ouvinte, do telespectador, uma relação social que o define como mero usuário: desde bens de consumo materiais e culturais até mesmo a palavra irresponsável de um Outro, confundido com o código da ordem produtiva. O estilo da imagem televisiva é o da notificação, remota e unilateral. **A ela corresponde um verdadeiro poder notificador, articulado com outras formas monopolísticas da sociedade moderna** (SODRÉ, 2010, p.10, grifo nosso)

E continua:

Acreditamos, hoje como ontem, que qualquer tentativa de analisar a televisão como um meio isolado, independente de sua relação com outras mídias e com o modo de produção econômico dominante, será sempre insuficiente. **Por isso, procuramos caracterizar um sistema de televisão, imbricado com as outras instâncias através das quais o Estado moderno reproduz sua ordem.** (SODRÉ, 2010, p.11, grifo nosso).

Diante disso em diálogo com Muniz nos interessa fincar as premissas de que a TV é um instrumento muito poderoso de monopólio da linguagem, da construção de sentidos e de representações, bem como que está articulada ao projeto supremacista branco. Por isso, quando escrevo sobre as representações sociais da/o negra/o nos programas policialescos, interessa-me compreender o funcionamento da teia de relações entre estes programas e o projeto de genocídio dos povos negros e originários implementado pelo Estado neocolonial. Então é justamente a essa teia de relações/articulações entre os grandes veículos de comunicação e a elite branca, o seu funcionamento, sua aplicabilidade e o que resultado disto que conceituamos como um dos tentáculos da *Trama Racial*. Desvendar a *Trama Racial* nos ajuda a tirar o véu da suposta imparcialidade, do suposto papel informacional e de entretenimento da grande mídia.

5 - DO IPADÊ DISCURSIVO A ETNOGRAFIA DA TRAMA

5.1 Caminhos metodológicos

A partir de agora, farei um movimento de imergir profundamente no campo para adentrar as suas vísceras buscando arrancar as cortinas e apresentar o que o programa tem a nos oferecer enquanto sociedade. Inicialmente este trabalho foi pensado com objetivo de realizar uma análise do discurso empregado pelas reportagens do programa policialesco que tomei como objeto. Entretanto, quanto mais avanço na interação com campo me percebo em um mergulho que se distancia da análise do discurso e se aproxima do que o professor Osmundo Pinho na banca de qualificação denominou como “Etnografia da Trama”. Arrisco dizer que o que temos⁶⁴ construído é um diálogo que obviamente perpassa pela análise do discurso, mas que na verdade transpassa a análise do discurso por conta da minha inquietude em perceber que a análise do discurso estrita poderia trazer um olhar superficial e disciplinar para um fenômeno extremamente complexo.

Ao interpretar o que o professor Osmundo quis dizer com “Etnografia da trama”, creio que ele conceituou desta forma o método de análise pela percepção de enxergar elementos presentes em conjunção, como: a) a observação atenciosa do cena, b) descrição detalhada dos fatos, c) o olhar rigoroso ao enquadramento e os movimentos feitos pela câmera e d) o relato vigilantes da imagens. Na minha visão foram nesses aspectos que o professor enxergou similaridades com o método etnográfico e uma potência no conteúdo, nas palavras do mesmo “o conteúdo fala por si só”.

A banca de qualificação foi um momento muito rico do trabalho, pois apesar das críticas e questionamentos pude perceber com mais nitidez a potência do trabalho que venho desenvolvendo com todos os obstáculos que tenho passado. Valerá a pena as horas, os dias, semanas, meses e anos de dedicação, sacrifício e principalmente as vezes que busquei forças nos orixás e em minha filha para não me render e desistir antes de encerrar este ciclo e entregar este trabalho concluído. Contudo, agora quero falar deste momento específico em

⁶⁴ Digo, “temos” porque contei com o auxílio primoroso e potente das/os intelectuais negras/os: Emanuelle Celina, Yasmim Carvalho, Gabriella Pitta, Marcelle, Kessia Cruz, Igor Carvalho, André Santos, Islana na imersão e tradução cada um de uma reportagem as quais foram uma contribuição decisiva no trabalho e na percepção que a caminhada desta pesquisa não foi construída individual e isoladamente. Olorun Mo dupé minhas amigas e amigos.

que o professor Osmundo me abriu os olhos para a potência das narrativas minuciosas que construí amparado por uma rede⁶⁵ que se propôs a interagir comigo e o trabalho.

Dito isto, ao olhar para este trabalho primoroso que transpassou as fronteiras da análise do discurso, faço a opção de nomear como “Ipadê discursivo”. O ritual do “Ipadê” na minha raiz⁶⁶ é um ritual feito para que pai Exú possa garantir que todos os ritos que venham depois ocorram com tranquilidade e também para que ele possa levar as nossas mensagens aos demais orixás. Exú é o mensageiro, é o próprio movimento criador, ele quem rege a comunicação e as encruzilhadas, a boca que fala e tudo come, sendo sempre louvado primeiro para que toda ritualística ocorra bem. Logo, em diálogo com o conceito trazido pelo professor Osmundo, tendo a denominar o método que construí de “Ipadê discursivo” por compreender que a multiplicidade e as encruzilhadas por onde caminhei para traduzir o que estes programas expressam foi um ritual. Quero dizer com isso que fazer o cruzamento da comunicação oral, da postura corporal, com a análise das imagens, bem como colocar em diálogo o enquadramento da câmera com a descrição pormenorizada dos fatos sequenciados nas reportagens e a minha cosmopercepção de mundo são as oferendas discursivas que fiz para que pudesse seguir o rito e dar conta do objetivo de compreender como as representações sociais da corporalidade negra são veiculadas nestes programas.

O próximo passo será colecionar a íntegra das narrativas constituídas fruto de um olhar qualitativo onde busquei as miudezas para que em conjunto com os dados quantitativos possam me dar pistas concretas do caminho necessário para que alcance respostas científicas para o meu problema ou que aponte para novas questões que venham a suscitar um aprofundamento maior da pesquisa. Dessa forma trarei o “Ipadê discursivo” ou “Etnografia da trama” de cinco das dezenove reportagens que fizeram parte do meu escopo qualitativo e o restante do material virá nos anexos deste trabalho, pois trata-se de um conteúdo extenso. As cinco reportagens foram escolhidas pelo impacto, pela identificação que tive com elas, pelo conteúdo que expressam e pela forma em que dialogam entre si. Vou iniciar com as duas reportagens que escolhi trazer para dialogar durante o trabalho até este momento, as quais virão acompanhados de outras três com intuito que as/os leitoras/es tirem suas próprias percepções a esta altura do trabalho e por sua vez possamos dialogar mais no capítulo das considerações finais.

⁶⁵ Ver nota de rodapé 47.

⁶⁶ Quando trago “minha raiz” é para falar da minha ascendência de santo, ou seja, a família (o terreiro de candomblé) onde renasci.

IPADÊ DISCURSIVO

5.2 SE LIGA BOCÃO - Episódio nº 1: Vulgarizando a mulher negra

TÍTULO: Mulher escondia drogas no corpo para entregar ao companheiro no presídio.

LINK: <http://tv.r7.com/record-play/bahia/se-liga-bocao/videos/mulher-escondia-drogas-no-corpo-para-entregar-ao-companheiro-no-presidio-17102015>

DATA: 11/07/2014, 14h42. Atualizado em 17/05/2015- 01h04

SUBTÍTULO: Uma mulher foi presa durante revista no presídio com maconha escondida no corpo.

TAGS: bocão; José Eduardo; mulher escondia drogas no corpo; se liga bocão; para entregar ao companheiro no presídio;

DURAÇÃO: 04'11''

HORÁRIO DE INÍCIO DA REPORTAGEM: 13'37''

REPORTAGEM: Marcelo Castro.

IMAGENS: Rildo Paraíso.

BG: Mulher escondia drogas no corpo para entregar ao companheiro no presídio.

ESCOPO DA MATÉRIA

CÂMERA: *[Foco em um Ford Fiesta de cor branca, depois se locomove para dar um zoom na mulher exposta.]*

VOZ OFF: Olha, nossa equipe acompanha o flagrante, 11 delegacia, trabalho dos agentes penitenciários, conseguiram localizar drogas no anus dessa mulher.

MARCELO CASTRO: Segura aí um pouquinho. Como é seu nome? (2x)

CÂMERA: *[Foco no rosto da mulher exposta.]*

VOZ ANÔNIMA DE MULHER (até então): Fale meu amor, não vai mudar nada.

MULHER EXPOSTA: Xuxa Meneguel

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Xuxa vem sendo conduzida de cabeça baixa, com camisa verde e calça jeans, se trata de mulher negra com cabelo longo escuro, cacheado e clareado nas pontas, tendo uma tatuagem braço direito.

MARCELO CASTRO: Xuxa Meneguel, vocês encontraram no anus (entonação mais forte) droga, foi isso?

AGENTE PENITENCIÁRIA (mulher): Maconha.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: mulher branca, com o cabelo curto e preto, vestida com camisa polo preta e calça jeans.

MARCELO CASTRO: Maconha?

AGENTE PENITENCIÁRIA: Ela ia levar para o companheiro.

MARCELO CASTRO: É o momento que você tem para se defender Xuxa.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: O repórter constrange Xuxa colocando insistentemente o microfone na sua boca, mesmo com ela se desviando para não falar.

XUXA MENEGUEL: Eu não tenho que me defender de nada.

MARCELO CASTRO: Xuxa tem quantos anos Jurema (falando com a agente penitenciária)?

JUREMA: Ela é de 1989.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma a carteira de identidade da pessoa que está sendo exposta.]*

MARCELO CASTRO: 89, tem 25 anos. A droga seria entregue a quem {o repórter insiste em instigar a custodiada a falar}? Mostra para a gente aqui, o trabalho dos agentes penitenciários. Vamos entrar aqui, o trabalho da nossa equipe. O flagrante aqui com exclusividade na 11 delegacia, no bairro de Tancredo Neves.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma os documentos e o produto que supostamente foi apreendido com Xuxa, depois filma a entrada da delegacia, onde o repórter está localizado e nesse instante é o primeiro momento em que filma o rosto do repórter.]*

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Homem branco, cabelo preto, baixo, vestido com camisa social azul, relógio e corrente dourada no pulso esquerdo.

MARCELO CASTRO: Olha só, ela tava com isso no anus foi?

JUREMA: No anus.

MARCELO CASTRO: É mermu? {entonação sarcástica}.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma o produto supostamente encontrado no corpo de Caroline].*

MARCELO CASTRO: Durante a revista vocês conseguiram localizar?

JUREMA: Foi, com facilidade.

MARCELO CASTRO: Ela falou, que iria entregar a droga a quem? A uma pessoa ou a namorado.

JUREMA: Ao companheiro.

MARCELO CASTRO: Ela está aqui custodiada.

CÂMERA: *[Filma Xuxa de costas que se vira e então filma o rosto dela, que abaixa a cabeça].*

JUREMA: Eu quero te mostrar a foto daquela que eu ... {não dá para ouvir a continuação da frase}

MARCELO CASTRO: A informação que ela namora com o rapaz né? Vamos entrar novamente aqui Rildo, o flagrante aqui, sem mostrar o rosto dos policiais. Caroline quer se defender? A droga seria entregue a quem, seu namorado? Não quer falar?

CÂMERA: *[Se desloca para filmar a aproximação do repórter para inquirir a custodiada com toda a anuência da policia civil, pois o faz dentro da delegacia]*

XUXA MENEGUEL: Não.

MARCELO CASTRO: Tem entrada?

XUXA MENEGUEL: Graças a deus a primeira.

MARCELO CASTRO: E por que fez essa burrice menina?

Horário da reportagem: 13:39, {1'43"}

XUXA MENEGUEL: Coisas da vida

MARCELO CASTRO: Por que fez essa burrice? {repete novamente, mesmo após Xuxa ter respondido}

XUXA MENEGUEL: Coisas da vida {repete incisivamente}

MARCELO CASTRO: Ele obrigou você?

CÂMERA: *[Filma o repórter estrangendo a custodiada de forma invasiva, lhe enchendo de perguntas mesmo sob a negação expressa da mesma].*

MARCELO CASTRO: Seu namorado caiu, por quê? 157 foi? Olha só, tá presa, algemada, agora vai ser ouvida pelo delegado de plantão aqui na 11, o trabalho dos agentes penitenciários que conseguiram localizar essa menina aqui ó, 25 anos?

CÂMERA: *[Zoom nas algemas da custodiada e demonstra Xuxa com as pernas em movimento demonstrando possível nervosismo.]*

XUXA MENEGUEL: 26.

MARCELO CASTRO: 26?

XUXA MENEGUEL: É

MARCELO CASTRO: Já fez 26. A nossa equipe acompanhando esse flagrante. Você não quer se defender né?

XUXA MENEGUEL: Defender o que vei, me largue mermão vá, oxi.

MARCELO CASTRO: Você tá um pouco agressiva assim por quê, nervosa? {Aqui se nota o desdém do repórter em desrespeitar qualquer tipo de direito que Xuxa tem. Depois de todo constrangimento e insistência do repórter, o câmeraman aproveita qualquer oportunidade para filmar o rosto de Xuxa que se manteve a maioria do tempo de cabeça baixa, ele vem chamar ela de agressiva. Podemos falar sobre o estereótipo construído da mulher negra insubmissa como uma mulher agressiva ou maluca.}

XUXA MENEGUEL: Tô agressiva não, sou assim mesmo.

CÂMERA: *Se volta para o produto supostamente encontrada com Xuxa e novamente quando Caroline vira o rosto, possivelmente para conferir se ainda estava sendo filmada, o câmeraman dar um zoom focando no rosto da mesma. Podemos identificar aqui uma disposição evidente de expor o rosto de Xuxa sem nenhum cuidado para preservar a sua imagem na situação difícil em que ela se encontra.*

Horário da reportagem: 13:40, 2'52”

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Entra o corte do Se liga Bocão e a imagem agora se volta para o estúdio com os comentários do âncora que é um homem, lido socialmente por mim como branco, cabelo preto e baixo e usa oclus de grau.

BOCÃO: Menina de 25 anos de idade, 25 anos de idade (com força na entonação), jovem, bonita, cai no crime dessa forma brutal, e aí ó? E levado, o cara lá de dentro deve ter dito, por favor traga maconha que eu tô na abstinência, eu tô doido, eu vou morrer.

CÂMERA: *[sai do estúdio para mostrar a custodiada algemada].*

BOCÃO: Traga, bote no anus, ela aí coloca nas partes íntimas dela, 100 g de maconha, sabe que a revista lá é detalhada

CÂMERA: *[dividida entre o estúdio e a exibição de partes da reportagem feita anteriormente].*

BOCÃO: Deixa eu mandar um abraço para todos os agentes penitenciários, alô Paulo Sergio, um abraço para todos vocês aí, agentes penitenciários, masculino, feminino também, a todos vocês do GIP, é GIP? Grupo interno do presídio, parabéns a vocês que fazem a revista, olha aí 100g de maconha (maior entonação), isso não é admissível, de uma mulher (desdém na voz), sabe que vai cair. Não adianta que vai cair. A revista no presídio aqui na Bahia, esses agentes penitenciários que merecem o meu respeito (entonação de afirmação) e eu não tô aqui pra lhe pedir voto, porque eu não troco microfone por voto, que eu não sou descarado pra trocar microfone por voto, nem sou vagabundo pra lhe pedir voto usando microfone. Não vote em mim porque eu não sou candidato. Agora, vocês fazem um belíssimo trabalho, a polícia também faz um belíssimo trabalho. Todos vocês merecem o meu respeito.

Final da reportagem

IPADÊ DISCURSIVO

5.3 SE LIGA BOCÃO – Episódio Nº 2: Homofobia e racismo contra travesti preta

TÍTULO: Travesti diz que traficante não é vagabundo.

LINK: <https://noticias.r7.com/bahia/se-liga-bocao/videos/travesti-diz-que-trafficantes-nao-sao-vagabundos-17102015>

DATA: 25/03/2014, 16h49. Atualizado em 17/05/2015- 07h11

SUBTÍTULO:

RESUMO: Três pessoas foram presas em flagrante pela Rondesp (Rondas Especiais), no município de Simões Filho, RMS (região metropolitana de Salvador). Willian de Jesus, 26 anos, Sérgio Alves de Lima Bonfim, 23, e o travesti conhecido como Natasha Vogue, 27, estavam com tabletes de maconha prensada, cocaína, colete balístico, revólver e munições.

TAGS: bocão; José Eduardo; se liga bocão;

DURAÇÃO: 08'01''

HORÁRIO DE INÍCIO DA REPORTAGEM: 13'37''

REPORTAGEM: Marcelo Castro

IMAGENS: Rildo Paraíso

BG: TRIO É FLAGRADO COM DROGAS E ARMAS EM SIMÕES FILHO.

ESCOPO DA MATÉRIA

CÂMERA: *[Foco no repórter Marcelo Castro]*

DESCRIÇÃO DA IMAGEM (MARCELO CASTRO): Homem branco, cabelo preto curto, com o microfone na mão. Usando relógio prateado na mão esquerda.

MARCELO CASTRO: Olha só, o flagrante da RONDESP - RMS, no comando do coronel Sérgio Freire, olha só, olha só...

CÂMERA: *[foco nos três custodiados]*

DESCRIÇÃO DA IMAGEM (REINALDO GIANECCHINI): Homem negro, magro, cabelo preto curto, está com a camisa pendurada no ombro esquerdo e com bermuda.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM (BRUNO GAGLIASSO): Homem negro, acima do peso, cabelo preto curto, camisa lilás com desenho do mar com um coqueiro, ao que parece ser uma ilha e bermuda.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM (NATASHA VOGUE): Travesti negra, pele escura, cabelo preto longo com mechas loiras nas pontas, utilizando anéis na mão, pulseira, colar, duas tatuagens, vestida com um top preto e um shortinho jeans e com as unhas pintadas de vermelho.

MARCELO CASTRO: O resultado de uma grande operação no Parque Continental, município de Simões Filho, dois homens presos e ao lado aqui Caio Blat que é conhecido também como Natasha, né isso?

CÂMERA: *[foco nos dois custodiados que até o momento não foram nomeados, mas sim categorizados como homem e por fim se deu ênfase Caio Blat, também conhecido como Natasha que para o repórter não entrou no rol dos homens e em nenhuma outra categorização]*

MARCELO CASTRO: Já caiu em 2007, tráfico de drogas no subúrbio e novamente preso em Simões Filho. Com esse trio, mostra aqui Rildo, a polícia encontrou três tabletes de maconha prensada, colete balístico, papelotes aqui de cocaína e ao lado aqui um saco preto, também com muita maconha, maconha prensada. E além desse revólver aqui na mão do capitão filho, mostra aqui, revólver calibre 32 que tava na casa no parque continental com munições.

CAPITÃO: três munições.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: A câmera vira o foco para as drogas que estavam em cima do capu do carro da RONDESP RMS 4.0102 e o repórter com a mão esquerda vai sinalizando as drogas, os tabletes de suposta maconha prensada, colete preto balístico, saco de plástico verde com um pó branco ensacado, ao qual o repórter denominou de papelotes de cocaína e ao lado um saco preto que está com muita maconha prensada segundo o repórter. Além disso, ao fundo é possível visualizar dois policiais militares, um deles com arma em punho. Após a câmera se direcionada para a mão do capitão que possui um revólver, uma carteira de identidade na mão esquerda e três munições na mão direita.

MARCELO CASTRO: Ao lado aqui a Natasha. Natasha você caiu em 2007 acusada de tráfico, o seu nome mesmo qual é?

NATASHA VOGUE: Natasha Vogue.

CÂMERA: *[Foco no rosto de Natasha Vogue]*

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: O enquadramento da imagem possibilita o telespectador ver dos seios a cabeça de Natasha Vogue, atrás também é possível observar um muro branco, protegido por arame farpado, escrito com tinta Polícia Militar da Bahia, abaixo COPPM, CPRMS, CIPT-RONDESP-RMS.

MARCELO CASTRO: Natasha?

NATASHA VOGUE: Vogue.

MARCELO CASTRO: Vogue?

NATASHA VOGUE: É sim, de verdade.

MARCELO CASTRO: E o nome oficial?

NATASHA VOGUE: Até a morte.

MARCELO CASTRO: Até a morte esse nome?

NATASHA VOGUE: É sim.

MARCELO CASTRO: Mas seu nome oficial é Caio Blat, não é isso?

NATASHA VOGUE: Ah você não sabe, precisa repetir é?

MARCELO CASTRO: Não tô perguntando a você?

NATASHA VOGUE: Precisa repetir é?

MARCELO CASTRO: Quantos anos?

NATASHA VOGUE: 27

MARCELO CASTRO: Natasha Vogue, e porque você escolheu esse nome Natasha? Fantasia foi?

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Natasha dar um olhar de desprezo para Marcelo Castro.

BG: NATASHA DIZ QUE ESTAVA NO LUGAR ERRADO, NA HORA ERRADA.

MARCELO CASTRO: Já vai se estressar com o repórter né?

NATASHA VOGUE: Pergunta idiota, tolerância zero.

MARCELO CASTRO: Tô perguntando a você, porque escolheu esse nome Natasha. É o quê que você tinha?

CÂMERA: *[Enquadramento no repórter Marcelo Castro e na custodiada Natasha Vogue]*

NATASHA VOGUE: Eu gosto Natasha.

MARCELO CASTRO: Gosta?

NATASHA VOGUE: É

MARCELO CASTRO: E agora na casa você presa em flagrante, com maconha, revólver.

NATASHA VOGUE: Fazer o que né? Não é meu mas tem que responder.

MARCELO CASTRO: A informação que tenho é que você namora com um traficante.

NATASHA VOGUE: Quem é o traficante?

MARCELO CASTRO: Você que tem que me falar.

NATASHA VOGUE: Não se você tem a informação, você tá totalmente informando, então você sabe quem é o traficante. Quem é?

MARCELO CASTRO: O gordinho aí do lado.

NATASHA VOGUE: Dar uma risada. Ah, ó paí, que zideia viu. O cara é casado.

CÂMERA: *[Foco em Natasha Vogue]*

MARCELO CASTRO: E você fazia o que nessa casa?

NATASHA VOGUE: Tava morando lá com minha colega, passar uns dias.

MARCELO CASTRO: Quem é a colega?

NATASHA VOGUE: Meter mão no meu barraco agora.

MARCELO CASTRO: Quem é a colega?

NATASHA VOGUE: Eles sabem, os policiais sabem que é a colega.

MARCELO CASTRO: Você faz vida Natasha?

NATASHA VOGUE: De vez em quando, quando aparece um programa, eu me joga. Mas não sou de ficar em um ponto certo fazendo programa não.

MARCELO CASTRO: Cobra quanto? Em média?

NATASHA VOGUE: Aí fica, é um particular meu e dos clientes, eu acho. Ou se você quiser saber mesmo quanto eu cobro.

MARCELO CASTRO: Tô fora.

NATASHA VOGUE: Ah, então pronto.

MARCELO CASTRO: Tô perguntando porque sou repórter e tô te entrevistando.

NATASHA VOGUE: Repórter, e como todo repórter gosta de saber da vida duzoto. Mas fica uma particular entre eu e meus crientes.

MARCELO CASTRO: Marcelo aponta para o corpo de Natasha e pergunta: Essa tatuagem no pescoço, é o que? Mostra aí Rildo, é o que essa tatuagem?

NATASHA VOGUE: Olhe e veja o que é meu irmão.

CÂMERA: *[Foco na tatuagem de Natasha que fica localizada no pescoço]*

MARCELO CASTRO: Tá apagada.

NATASHA VOGUE: Ah! A demora é você meter a mão no bolso é mandar acender. Tem outra aqui ó. Nesse instante Natasha aponta para o ombro esquerdo.

CÂMERA: *[foco na outra tatuagem, localizada no ombro esquerdo]*

MARCELO CASTRO: Hum! CP é?

NATASHA VOGUE: Nem CP, nem nada, não sou de facção nenhuma.

MARCELO CASTRO: Carreira solo. Nada?

NATASHA VOGUE: Faço meu adianto, por fora.

MARCELO CASTRO: Sua mãe sabe disso?

NATASHA VOGUE: É minha mãe deve tá sabendo agora. E eu quero até dizer a ela que não precisa se preocupar.

MARCELO CASTRO: Olhe para a câmera aqui.

NATASHA VOGUE: Que não precisa se preocupar em me visitar não, que eu vou tá bem em nome de Jesus, ela não tem nem condição para isso.

MARCELO CASTRO: Tá sofrendo?

NATASHA VOGUE: Vai sofrer muito.

MARCELO CASTRO: E por que você faz sua mãe sofrer rapaz?

NATASHA VOGUE: Nitidamente irritada, ela retruca. E por que eu faço minha mãe sofrer o que rapaz, já num ouviu dizer que eu tava no lugar errado, na hora errada, tava dentro da casa.

CÂMERA: *[Enquadramento com foco em Marcelo Castro e Natasha vogue.]*

MARCELO CASTRO: Interrompe a fala de Natasha gritando. De novo? Em 2007 também, agora novamente. Laranjada também.

NATASHA VOGUE: Exatamente, é sim, é sim, eu sou me dou com amizade desse tipo vei. Meu tipo de amizade é desse tipo.

MARCELO CASTRO: Por que?

NATASHA VOGUE: De repente, tô em uma casa, tem droga ali e eu não sei. Tá enterrada, e pronto, aí pega.

CÂMERA: *[Foco em Natasha Vogue novamente]*

MARCELO CASTRO: E por que esse tipo de amizade?

NATASHA VOGUE: Ah! Não sei, porque eu gosto das amizades, são amizades sinceras.

CÂMERA: *[foco nos punhos de Natasha e Bruno Gagliasso que foram algemados juntos e depois retorna o foco para Natasha]*

MARCELO CASTRO: Gosta da vagabundagem?

NATASHA VOGUE: Respondeu incisivamente e aparentemente irritada. Vagabundagem não que eu não sou vagabunda.

MARCELO CASTRO: Não tô lhe chamando de vagabunda.

NATASHA VOGUE: Tá sim, quem gosta de vagabundagem é vagabunda. Se eu lhe chamar de vagabundo você não vai gostar. Vai?

MARCELO CASTRO: Neste momento o repórter Marcelo Castro aponta para Natasha Vogue e toca no seu ombro. Vagabundagem é você se envolver com tráfico, com pessoas que se envolvem com isso.

NATASHA VOGUE: Nada disso, vagabundagem é quem vagabunda o dia todo. **Nem os traficantes é vagabundo porque tá tudo trabalhando** (a edição repete três vezes a mesma frase).

MARCELO CASTRO: Ah. Isso é trabalho é?

NATASHA VOGUE: Pra eles é né.

MARCELO CASTRO: E pra você?

NATASHA VOGUE: Rapaz pra mim se isso aí fosse trabalho, eu taria movimentando, trabalhando.

MARCELO CASTRO: Seu namorado sabe disso?

NATASHA VOGUE: Tenho namorado não, sou solteira.

MARCELO CASTRO: Tá solteira é?

NATASHA VOGUE: Solteira em Salvador.

MARCELO CASTRO: Aonde?

NATASHA VOGUE: E não tô atrás de pretendente nenhum. (palavrão omitido) de homem na minha vida, carreira solo.

MARCELO CASTRO: É por que? Só faz atrapalhar.

NATASHA VOGUE: Balançando a cabeça com uma negativa ela fala. É só stress e chega, tá bom, namoral.

CÂMERA: *[Foco em Bruno Glagliasso].*

MARCELO CASTRO: E o gordinho aqui é o que seu?

BG: NATASHA ESTÁ SOLTEIRA E MANDA RECADO.

NATASHA VOGUE: Rapaz, mora lá, onde eu tava com a parceira lá, eu vi ele passando lá pela porta, mas eu não tinha essa amizade com esse cara, com ele aí não.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Bruno Glagliasso está de cabeça baixa, nitidamente sem querer ser visto. Vestido ainda com as mesmas roupas já descritas acima.

MARCELO CASTRO: O gordinho é Bruno Glagliasso né capitão?

CAPITÃO: Bruno

MARCELO CASTRO: Bruno de que Bruno? Em? Em rapaz?

BRUNO GLAGLIASSO: Bruno Glagliasso.

MARCELO CASTRO: Bruno Glagliasso?

BRUNO GLAGLIASSO: Isso

MARCELO CASTRO: Quantos anos?

BRUNO GLAGLIASSO: 26 anos.

MARCELO CASTRO: 26.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Bruno consente com a cabeça.

MARCELO CASTRO: Participação no tráfico? É o momento que você tem para se defender Bruno. Tava na casa, a droga é sua, o ferro é seu, de quem é? Não quer falar, o próximo ali capitão, como é o nome dele?

CAPITÃO: Reinaldo

MARCELO CASTRO: Reinaldo de que?

REINALDO GIANECCHINI: Gianecchini

MARCELO CASTRO: Gianecchini, Reinaldo Gianecchini. Quantos anos?

BG: TRIO É FLAGRADO COM ARMA E DROGAS EM SIMÕES FILHO.

REINALDO GIANECCHINI: 23

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Homem negro, de cabeça baixa, possivelmente para não ter seu rosto exposto, com a camisa no ombro.

MARCELO CASTRO: 23 anos, participação no tráfico?

REINALDO GIANECCHINI: Ele balança a cabeça com um negativa e informa. Tenho nada a dizer não.

MARCELO CASTRO: Tem cadeia?

REINALDO GIANECCHINI: Balança a cabeça com negativa novamente e não fala nada.

MARCELO CASTRO: Novamente aqui com a Natasha. Natasha pinta até as unhas ó, pinta até as unhas, né Natasha? É moda é isso é?

CÂMERA: *[Foco nas unhas de Natasha Vogue]*

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Pés negros, calçados com sandalha havaiana cinza, com detalhes brancos e pretos, com as tiras pretas. No momento da filmagem Natasha coloca o pé direito sobre o pé esquerdo. Visivelmente as suas unhas estão pintadas da cor vermelha.

CÂMERA: *[Foco no rosto de Natasha vogue]*

NATASHA VOGUE: É coisa de travesti mesmo. Ó eu quero dar um recado aqui ó, dizer a minha mãe que eu vou ficar na delegacia de Simões Filho, só para ela ficar ciente da onde eu tô e despreocupada.

MARCELO CASTRO: Fica de boa?

NATASHA VOGUE: Balança a cabeça com consentimento.

MARCELO CASTRO: Vou falar com o capitão Hildegard, sub-comandante da RONDESP RMS. Comando um belo trabalho aqui da polícia, todos presos em flagrante, né?

CÂMERA: *[Foco no rosto do Capitão Hildegard]*

CAPITÃO HILDEGARD: Perfeitamente, todos presos em flagrante. Serão encaminhados agora, para a 22ª Delegacia de Polícia. Afim de que seja feito a apresentação junto a autoridade policial.

CÂMERA: *[Foco no rosto dos três custodiados]*

MARCELO CASTRO: A informação é que o travesti que é conhecido como Natasha, também faz parte da quadrilha.

CÂMERA: *[Enquadramento subindo dos pés a cabeça, expondo o corpo inteiro de Natasha Vogue]*

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Travesti negra, de shortinho jeans, blusinha preta, algemada, junto com outro custodiado, cabelo preto com mechas loiras nas pontas.

CAPITÃO HILDEGARD: Perfeitamente. Todos foram encontrados em um área, onde a gente encontrou todo material, pertence a quadrilha, como eu falei anteriormente, pertence a quadrilha do Pedro que está custodiado lá no corpo 5 da penitenciária Lemos de Brito.

CÂMERA: *[Foco nos objetos denominados como drogas que supostamente foram apreendidas sob posse dos custodiados]*

MARCELO CASTRO: Pedro esse cidadão aqui, um velho conhecido. Tá preso, custodiado na Lemos de Brito, é o chefe da quadrilha né?

CÂMERA: *[Foco na carteira de identidade do suposto chefe da quadrilha segundo informação do capitão Hildegard da RONDESP RMS]*

CAPITÃO HILDEGARD: É o chefe da quadrilha, perfeitamente.

MARCELO CASTRO: Quem quiser passar informações capitão, tem o telefone de contato aqui da RONDESP?

BG: (71) 3298-2257

CÂMERA: *[Enquadramento de perfil no capitão Hildegard]*

CAPITÃO HILDEGARD: 3298-2257

MARCELO CASTRO: E o Bruno Gagliasso, os outros dois presos, Bruno esse daí o gordinho e ao lado Reinaldo, também fazem parte do movimento né?

CÂMERA: *[Enquadramento de perfil em Bruno e Reinaldo]*

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Dois homens negros, um sem camisa e outro com camisa, de cabeça baixa, encostados no capu da viatura da RONDESP.

CAPITÃO HILDEGARD: Exatamente, o Bruno Gagliasso ele é o gerente do Pedro, é ele que faz a distribuição e panha do recolhe dos valores do tráfico.

CÂMERA: *[Foco nos rostos de Bruno e Reinaldo]*

MARCELO CASTRO: Vamos lá, todos agora vão seguir para a 22ª delegacia, vão embarcar agora aqui na viatura. Quer falar alguma coisa Natasha?

CÂMERA: *[Enquadramento nos três custodiados, algemados, caminhando em direção a viatura]*

NATASHA VOGUE: Pra mim já deu já.

MARCELO CASTRO: Já? Tá de boa né?

NATASHA VOGUE: Se você fosse botar algum advogado.

MARCELO CASTRO: Todos os três envolvidos com tráfico, trabalho da Polícia Militar RONDESP RMS, Bruno, Natasha e por último aqui o Reinaldo. E aí, diga? Diga menina?

CÂMERA: *[Foco nos três custodiados entrando no camburão da viatura]*

NATASHA VOGUE: Tenho mais nada a dizer não.

MARCELO CASTRO: Olha só, o flagrante aqui da polícia, vão seguir agora para a 22ª Delegacia Territorial em Simões Filho, tabletes de maconha, revólver calibre 32, munições, cocaína, pode fechar marrom. Flagrante aqui da polícia, destes guerreiros. E agora todos vão seguir e vão ficar grampeados à disposição da justiça, **o flagrante é nosso com exclusividade.**

CÂMERA: *[Enquadramento no policial militar fechando o camburão]*

pendurada ao corpo.

CÂMERA: *[Enquadramento de perfil no repórter Marcelo Castro que aponta para câmera ao falar que o flagrante é nosso com exclusividade e assim a reportagem é finalizada]*

Final da reportagem

IPADÊ DISCURSIVO

5.4 SE LIGA BOCÃO – Episódio Nº 3: Kisuki de Maria Joana

TÍTULO: Mulheres escondem maconha em saco de refresco

LINK: <https://noticias.r7.com/bahia/se-liga-bocao/videos/mulheres-escondem-maconha-em-saco-de-refresco-30102015>

DATA: 20/03/2014 - 16H34 (ATUALIZADO EM 30/10/2015 - 16H42)

SUBTÍTULO: Duas mulheres foram presas e uma adolescente apreendida tentando entrar com drogas na carceragem da delegacia de Camaçari, na região metropolitana de Salvador. A maconha estava escondido dentro de sacos de refresco.

TAGS: bocão; José Eduardo; se liga bocão.

DURAÇÃO: 11'11''

HORÁRIO DE INÍCIO DA REPORTAGEM:

REPORTAGEM: Jorge Araújo

IMAGENS: Raimundo Alves

BG: Se deram mal! Presas em flagrante ao tentar passar drogas na carceragem.

ESCOPO DA MATÉRIA

CÂMERA: *[Inicia com foco nas duas mulheres negras algemadas, ambas de cabeça baixa. Câmera vai sendo direcionada para o repórter]*

JORGE ARAÚJO: Décima oitava delegacia de polícia, Camaçari, região metropolitana aqui de Salvador. A polícia trabalhando no serviço de investigação. ‘Sobre’ o comando do grande Jorge: trabalhando!

CÂMERA: *[Câmera começa a ser direcionada para celulares e drogas apreendidos]*

Mostra aqui Raimundo Alves todo esse material aqui apreendido, estavam com essas duas, inclusive mais uma menor, que foi liberada pelo Ministério Público. As três estavam aqui ó, tentando entrar com esse material que foi apreendido pelos policiais dentro da carceragem da delegacia.

Como é que acontece? Primeiro: Ela comprou esse refresco aqui. Mostra aqui Raimundo Alves. Aí jogou todo o refresco fora e embalou com essa maconha. E aí, o que foi que ela fez? Pegou isso aqui e fechou, né? Fechou. Tudo isso foi realizado e feito dentro da residência dessa aqui ó, que é a Giovana Ewbank. Só que a Susana Vieira, que está no meu outro lado foi a que trouxe essa droga junto com a menor. Já é a segunda vez que ela entra com esse material na. Tenta entrar na carceragem com esse material. Mas hoje, ela foi surpreendida pelos policiais. Ela afirma ser inocente.

CÂMERA: *[Foco no rosto da mulher exposta.]*

JORGE ARAÚJO: Você afirma que não sabia que dentro desse recipiente aqui tinha drogas.

SUSANA VIEIRA: Não sabia.

JORGE ARAÚJO: De jeito nenhum, você não suspeitou? Você não sentiu cheiro de nada?

SUSANA VIEIRA: Não. Tava junto com a merenda. Pediu pra trazer a merenda, eu trouxe a merenda.

JORGE ARAÚJO: Dentro desse recipiente aqui. Aqui, aqui é o quê? É cocaína é? Aqui ó! Ela abriu aqui. Colocou a maconha aqui dentro e fechou. Aí você não sentiu quando você, não?

SUSANA VIEIRA: Eu não olhei. Estava junto com o biscoito e o salgadinho. Ela me deu a sacola amarrada com o nome. Eu peguei e trouxe pa cá.

JORGE ARAÚJO: E porque você trouxe todo esse material aqui pra carceragem?

SUSANA VIEIRA: Eu não sabia que tinha droga dentro.

JORGE ARAÚJO: Você, aqui dentro você conhece quem?

SUSANA VIEIRA: Os... é...[inaudível, gagueja]

JORGE ARAÚJO: Você namorava com um rapaz. Aí ele ligou pra você e vocês reataram o namoro. Não foi isso?

SUSANA VIEIRA: Ele pediu pa mim trazer isso aqui.

JORGE ARAÚJO: E pediu que você procurasse ela.

SUSANA VIEIRA: Foi.

JORGE ARAÚJO: E você na inocência. Foi lá na casa dela pela segunda vez e dessa vez tinha droga dentro desse material e você não sabia de nada.

SUSANA VIEIRA: E eu continuar trazendo sem saber que tinha droga dentro. Eu não sabia que tinha droga dentro nenhuma.

JORGE ARAÚJO: E você conheceu ela como?

SUSANA VIEIRA: Por telefone.

JORGE ARAÚJO: Eu quero chegar nela aqui. Foca aqui na Giovana. Porque a Giovana Ewbank é uma velha conhecida aqui do serviço de investigação, inclusive dos policiais da décima oitavava delegacia. Há um tempo atrás, ela, o marido dela tava preso aqui na carceragem.

LEGENDA PASSA A SER: “Audácia! Polícia suspeita que Giovana planejou ação e enganou o MP”

E ela acionou, junto com outras pessoas, o Ministério Público. Inclusive, Zé, o Ministério Público mandou que 50 policiais entrassem na carceragem, porque, segundo informações dela e de outras pessoas que estavam do lado de fora, de familiares, que os presos estavam sofrendo, estavam sendo espancados e estavam passando fome. Imagine... Ela, ela que tava chefiando toda essa situação. Toda essa droga aqui, que foi apreendida hoje, numa bela operação policial no serviço de investigação aqui na décima oitava delegacia.

Eu queria que você conversasse com a gente, é, Giovana, pra você explicar e tentar se defender. Porque você conseguiu articular toda uma situação com o Ministério Público. O Ministério Público chamou 50 policiais.

GIOVANA: Não vou falar não.

JORGE ARAÚJO: Ficaram o dia inteiro aqui, rapaz. Disse que tinha gente apanhando...Sendo espancada, passando fome. E você arquitetou tudo isso pra você não chamar a atenção?

GIOVANA: A família de todo mundo, eu não chamei ninguém.

JORGE ARAÚJO: Mas você...

GIOVANA: A família de todo mundo já tava aí na frente sabendo disso tudo. Eu não chamei ninguém pra ir pro Ministério Público.

JORGE ARAÚJO: Mas você enganou o Ministério Público, mulher? Você enganando o Ministério Público. Você não é fraca não!

Você conseguiu enganar o Ministério Público! Se você foi a chefe. Você arquitetou, conversou com as famílias, dizendo que os presos estavam sofrendo, estavam sendo espancados, estavam apanhando. De repente, você é a chefe do tráfico, tentando entrar com drogas aqui dentro. Inclusive, inclusive no seu celular tem uma mensagem. Imagem do celular com mensagem digitada: “Rolou o baculejo hoje mas foi suave mas não fale com ninguém nem comente no celular.

JORGE ARAÚJO: ...Aonde alguém passa a mensagem pra você perguntando se teve baculejo hoje, se não teve. Esse baculejo com certeza é a droga entrando na... na carceragem, né?

[Imagem do celular com mensagem digitada para de ser exibida e retorna à filmagem]

Você acha que vale a pena você fazer isso tudo por amor? Hein, Giovana?

GIOVANA: Quando eu fiz isso, meu marido não tava mais aí não, foi transferido pra delegacia.

JORGE ARAÚJO: Mas você arquitetou.

GIOVANA: Eu não fiz isso com meu marido não. Foi os menino que me pediu. Meu marido não tá nem sabendo disso, não tá nem ciente disso.

JORGE ARAÚJO: Ele vai lhe matar, então, viu? Ele sabia disso? Acho que ele sabia disso...

GIOVANA: Só Deus sabe, mais ninguém pode julgar.

JORGE ARAÚJO: Mas eu acho que ele sabia disso. Inclusive ele tá na foto.

[É exibida foto do marido de Giovana, um homem negro, com bigode, agachado fazendo sinal na mão com apenas os dedos indicador e do meio erguidos, vestindo camisa de manga curta e bermuda]

JORGE ARAÚJO: Inclusive essa foto aqui, mostra aí a foto dele. Diz que ele era um menino bom, trabalhador e resolveu se envolver com o tráfico de drogas. E você também resolveu se enveredar com ele. A única pessoa que eu tenho dó aqui, entre você e seu esposo, é a sua filha, que não merece isso, né?! E você sabe disso.

Agora, eu queria entender: Como é que você fogueitou a coitada aqui, rapaz? Diz ela que é coitada, que não sabia que você colocava. Como é que você fazia? Você pegava, colocava a maconha aqui dentro.

GIOVANA: Eu não fogueitei ninguém não, rapaz, não fogueitei ninguém, não. Foram pegar lá com os próprios, por livre e espontânea vontade.

JORGE ARAÚJO: Então, sabia.

GIOVANA: Não botei a arma na cabeça de ninguém, pra ninguém pegar nada, não. Ela foi porque ela quis. Mas se ela sabia ou se não sabia, não sei. Isso aí ela que vai dizer. Não tô na mente de ninguém pra saber.

JORGE ARAÚJO: Então, tá nem aí, né?! Caiu, caiu e acabou, né?! O negócio agora é cumprir a pena e pronto, né?

GIOVANA: Ô, eu vou fugir, é? Fugir é que eu não posso, né? Se não, eu morro.

JORGE ARAÚJO: Como é que você colocou, como é que você arquitetou que você iria usar esse, esse plástico.

GIOVANA: Do jeito que eu falei, já falei já pra delegada lá, já. Não vou comentar nada não.

JORGE ARAÚJO: Por que você escolheu isso aqui pra botar maconha aqui dentro?

Foi ideia sua ou passaram essa ideia pra você?

GIOVANA: Passaram essa ideia pra mim.

JORGE ARAÚJO: Quando você vinha visitar seu esposo aqui que tava preso, ele tinha conversado com você alguma coisa a respeito dessa droga que você teria que trazer pra cá?

GIOVANA: Não, ele não aceitava de jeito nenhum eu fazer isso.

JORGE ARAÚJO: E como é que você fez isso, rapaz?

GIOVANA: Porque eu quis.

JORGE ARAÚJO: Você agora tá com duas culpas. Uma: que você traiu seu marido com relação dessas drogas, porque você disse que ele não sabia.

GIOVANA: Ele não tá ciente disso não.

JORGE ARAÚJO: Eu acho que ele tá. Você não teria coragem de fazer isso sem que ele soubesse.

GIOVANA: Se eu fiz, como é que eu não tenho coragem? Ele não tá ciente não. Quando eu fiz, ele não tava mais aqui mais não. Ele não permite que eu fizesse isso. Eu tenho certeza.

JORGE ARAÚJO: Como é que você vai explicar pra ele, quando ele sair da cadeia e você também?

GIOVANA: Aí só Deus vai dizer.

JORGE ARAÚJO: Você se apaixonou por alguém aqui dentro pra fazer isso?

GIOVANA: Eu mesmo, não.

JORGE ARAÚJO: E você fez isso por quê? Você recebeu...

GIOVANA: Por Jesus e minha filha.

JORGE ARAÚJO: E ele, você não gosta mais dele não?

GIOVANA: Amo ele também.

JORGE ARAÚJO: E vocês dois presos e sua filha, agora, vocês dois presos aí? Como é que vai ser pra sua filha?

GIOVANA: Tá em boas mãos, tá na mão da avó.

JORGE ARAÚJO: Não bate arrependimento, não?

GIOVANA:

JORGE ARAÚJO: Uma coisa que me chamou a atenção aqui, agora há pouco. Sua mãe acabou de ir embora e você disse a ela: “Minha mãe, não chore, vai embora pra casa e não gaste dinheiro com advogado, que eu não quero!!!” Você foi bem!

GIOVANA: É, não é pra gastar mesmo não!

JORGE ARAÚJO: Não vale a pena, né?

GIOVANA: Ela não tem condições também não, pra gastar comigo não.

JORGE ARAÚJO: Não vale a pena, né?

GIOVANA:

JORGE ARAÚJO: Voltando com você aqui, Susana, ela afirmou que você sabia que tinha, que tinha droga dentro desses, desse material.

SUSANA: Eu tô dizendo que não tinha, que eu não sabia. Se vocês acreditam ou não, aí já não é comigo.

JORGE ARAÚJO: Agora, muita coincidência também é que você tem três filhos, 25 anos de idade, com três filhos pra criar, agora tá presa. A avó vai ter que tomar conta, mas o seu ex-marido já trabalhou pro esposo dela, que é traficante, correto? Ou não?

SUSANA: Não sei. Eu não conheço o esposo dela.

JORGE ARAÚJO: Não conhece o esposo dela?

GIOVANA: Isso é conversa. De onde você tirou essa conversa, moço? Oxe, oxe, oxe...

JORGE ARAÚJO: O marido dela nunca trabalhou com seu esposo?

GIOVANA: Rapaz, quem tá dizendo isso é o senhor. Ninguém falou nada disso, não. O senhor que tá falando isso aí agora. O senhor sabe dizer, né? Que eu não sei.

JORGE ARAÚJO: E você nunca viu essa mulher?

GIOVANA: Oxe, eu vi só quando ela foi pegar o negócio na minha mão. Eu não conheço ela não.

JORGE ARAÚJO: Agora o tráfico é interessante, que ninguém conhece ninguém. Como é que você sabia que ela era a pessoa que iria pegar realmente a droga na sua casa?

SUSANA: Se tava tudo no telefone...

JORGE ARAÚJO: Todo mundo falando no telefone, aí, né?

SUSANA: Foi.

JORGE ARAÚJO: Cê vê, rapaz, o marido dela tava ligando pra ela, fazendo contato, ligando de dentro da delegacia pra fazer contato. Então, tava tudo arquitetado, todo mundo já sabia de tudo.

SUSANA: A única coisa que eu não sabia era que tinha droga dentro da sacola da merenda.

JORGE ARAÚJO: Caiu no conto da fada. Apaixonou-se, voltou a se apaixonar pelo cara, e aí caiu nessa.

SUSANA: Falou certo. Eu vim trazer a merenda dele.

JORGE ARAÚJO: Você ficou com ele, não ficou não?

SUSANA: Eu fiquei conversando com ele aí dentro.

JORGE ARAÚJO: E ele pediu pra você voltar? Alguma coisa assim?

SUSANA: Ah, moço. Pelo amor de Deus.

JORGE ARAÚJO: Mais alguma coisa, Giovana? Rapaz, eu tô besta com você. Você conseguiu enganar o Ministério Público, rapaz. Você arquitetou toda aquela situação, se jogou aí na frente da delegacia, chorou, fez todo um escândalo, disse que os presos estavam sendo espancados.

GIOVANA: Não me joguei em lugar nenhum não.

JORGE ARAÚJO: Mas você tramou tudo isso, não foi?

GIOVANA: ... Eu fui falar por ele.

JORGE ARAÚJO: E ele tava sendo espancado aí dentro?

GIOVANA: Rapaz, isso aí não sei não. Isso foram, foi que tavam falando aí fora.

JORGE ARAÚJO: Tava passando fome.

GIOVANA: Não puxei ninguém pra ir pra lá pro Ministério Público, não. O pessoal foram porque quis.

JORGE ARAÚJO: Mas você foi, não foi?

GIOVANA: Fui sim.

JORGE ARAÚJO: Então, depois que a maioria dos presos foram transferidos e aí...

GIOVANA: Isso mesmo, semana passada.

JORGE ARAÚJO: Você conseguiu entrar quantas vezes com droga aí dentro?

GIOVANA: Rapaz, eu trouxe semana passada, aí. Ela que trouxe isso aí, eu nunca entrei aí dentro, não.

JORGE ARAÚJO: A menor, que foi liberada pelo Ministério Público, ela entra onde nisso aí?

GIOVANA: Rapaz, você tem que perguntar a ela, que eu não sei não.

JORGE ARAÚJO: Ela é o que sua?

GIOVANA: Não é nada meu.

JORGE ARAÚJO: Você conhecia a menor?

SUSANA: Minha colega.

JORGE ARAÚJO: Ela sabia que tinha alguma coisa?

SUSANA: Era pra trazer eu e ela, a gente não sabia.

JORGE ARAÚJO: Ah, você é amiga dela e você convidou ela pra aí vir aqui visitar alguém?

SUSANA: Foi, ela tá namorando com um menino, aí.

JORGE ARAÚJO: E ele tá preso também aí, né... Tem quantos anos ela?

SUSANA: 17.

JORGE ARAÚJO: Pois é, tá aqui: tudo apaixonadas pelo tráfico de drogas. O crime realmente não compensa.

Essa aqui: a Giovana Ewbank. Os policiais afirmam aqui que a droga, uma part da droga foi encontrada na casa dela. Ela foi a mandante, pra que essa daqui pudesse trazer junto com a menor toda essa droga que foi apreendida. Mas o que chama mais a atenção é que essa aqui, a Giovana, ela não é fraca, não. Formou toda uma confusão, formou uma comissão para que pudessem ir ao Ministério Público, pra que de lá...

GIOVANA: Mais uma vez, eu não formei nada. Eu não formei nada! Os pessoal, as família foram por espontânea vontade. Eu não arrastei ninguém pra ir pro Ministério Público, não.

JORGE ARAÚJO: Porque ela afirmou que o marido dela estava sendo espancado, estava apanhando, estava com fome, porque a carceragem daqui não serve. E ó: todo esse material

aqui tava sendo arquitetado por ela pra entrar na carceragem. Só que aqui, na décima oitava delegacia de polícia, em Camaçari, não tem brincadeira.

Final da reportagem

IPADÊ DISCURSIVO

5.5 SE LIGA BOCÃO – Episódio Nº 4: Condenação pronunciada ao vivo pelo “Juízo da TV”.

TÍTULO: Casal preso com mais de 145 kg de maconha.

LINK: <https://noticias.r7.com/bahia/se-liga-bocao/videos/casal-presos-com-mais-de-145-kg-de-maconha-17102015>

DATA: 05/05/2014 - 14h55 (Atualizado em 17/10/2015 - 05h00).

SUBTÍTULO:

TAGS: bocão; José Eduardo; se liga bocão; para entregar ao companheiro no presídio.

DURAÇÃO: 04'04''

HORÁRIO DE INÍCIO DA REPORTAGEM: 13'37''

REPORTAGEM: Marcelo Castro

IMAGENS: Rildo Paraíso

BG: Suspeito de tráfico é preso com mais de 100 kg de maconha.

ESCOPO DA MATÉRIA

CÂMERA: *[Foco em Bocão]*

BOCÃO (APRESENTADOR): Mais de cem quilos de maconha foram apreendidos! A droga foi encontrada na casa de um suspeito. A polícia iniciou a perseguição ao traficante, ainda na Estrada do Coco. Veja!

CÂMERA: *Mira nas sacolas pretas com a maconha e no material.*

REPÓRTER VALENTIN: Portanto aqui muita droga apreendida, mais de cem quilos de maconha, balança de precisão, placas para usarem na prensa, viraram os tabletes de maconha. Temos outra prensa aqui em baixo. A maconha esta aqui, muita droga aqui no saco e o dono da droga é aquele ali.

CÂMERA: *[Foco no alvo: homem negro de pele clara usa camisa amarela, sentado ao canto da delegacia, esta com a cabeça suspensa e desviada da câmera].*

CÂMERA: *Muda cena para o carro do alvo exposto.*

REPÓRTER VALENTIN: Carro preto, pequeno porte. Veículo bola, apreendido aí com o traficante. Placa de Salvador, JRP 8322. Vocês observam aí nas imagens tem um cofre aqui dentro,

CÂMERA: *Foca no cofre.*

REPORTER VALENTIN: Esse Corola (*carro*) também, OKI 5099, de Feira de Santana, apreendido aí com o traficante.

CÂMERA: *Foca no carro Corola.*

CÂMERA: *Imagens voltam para dentro da delegacia.*

REPÓRTER VALENTIN: Portanto esse aqui é o Álvaro.

AGENTE PÚBLICO DE SEGURANÇA: Ôh ôh! Não, não, continua lá. “Volta aí meu filho, *colabore*” (advertência para Álvaro não se movimentar).

REPÓRTER VALENTIN: E essa droga toda? (Linguagem estigmatizada, com gírias).

FÁBIO ASSUNÇÃO: Não é traficando, não é questão de tá traficando. Deu na cabeça e eu fiz isso aí, cai na besteira de fazer uma merda dessas e tô aqui.

REPÓRTER VALENTIN: Há quanto tempo já no ramo já?

FÁBIO ASSUNÇÃO: Não, tem ramo. Isso aqui aconteceu, entendeu?

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Muitos repórteres em cima do alvo exposto, fundo com a marca da delegacia.

REPÓRTER VALENTIN: O senhor trabalhava com que tipo de serviço?

FÁBIO ASSUNÇÃO: Com roupas, isso!

REPÓRTER VALENTIN: Fez alguma coisa de errado sobre que o senhor precisou disso?

FÁBIO ASSUNÇÃO: Não, é questão de amizades e aí de repente eu... Aconteceu e agora tem que responder.

REPÓRTER VALENTIN: O senhor gastou quanto para comprar a mercadoria?

FÁBIO ASSUNÇÃO: Somente isso, somente isso!

REPÓRTER VALENTIN: Uns 50 mil?

FÁBIO ASSUNÇÃO: Só vou falar somente isso.

REPÓRTER VALENTIN: E essa maconha veio de onde?

FÁBIO ASSUNÇÃO: Não, isso...

REPÓRTER VALENTIN: Veio de Juazeiro?

FÁBIO ASSUNÇÃO: Sim!

REPÓRTER VALENTIN: Delegado Mateus, como a polícia conseguiu apreender esse traficante e essa quantidade de maconha?

CÂMERA: *Permanece mostrando imagens do alvo algemado enquanto o delegado começa a se pronuncia.*

DELEGADO MATHEUS: Nós já tínhamos conhecimento do tráfico de drogas realizado por Fábio, começamos a investiga-lo após uma denuncia e o perseguimos ele quando ele trazia quando ele da cidade de Juazeiro pra cá.

CÂMERA: *Volta-se apara o delegado [o mesmo está vestido com a farda militar, de cor preta].*

DELEGADO MATHEUS: Perseguimos na estrada ele conseguiu fugir do cerco policial, mas, o capturamos na sequencia numa diligência na sua residência onde lá também existia certa quantidade de drogas num fundo falso dentro do armário do quarto, conseguimos captura-lo e ele agora está à disposição da justiça. E capturamos também uma pistola calibre 380.

CÂMERA: *Foco nas sacolas apreendidas.*

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Vinheta do programa [áudio: “Se liga Bocão”]. De volta aos estúdios do programa.

CÂMERA: *Nesse momento o foco volta-se ao apresentador do programa*

BOCÃO (APRESENTADOR): Grande Valentin aí de Feira de Santana, um abraço pra você Marcos.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Tela dividida entre as imagens do apresentador e do alvo exposto na delegacia.

BOCÃO: Agora engraçado é ele não querer que chame ele de traficante. Ele é o que? Você é o que fio? Você não é traficante, você é o que? Você é o delegado, é? O cara preso com 100 kg de maconha. Você não é traficante não, você é o quê?

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Tela dividida entre as imagens do apresentador e do carro preto que transportava a droga.

BOCÃO: Você é mais que traficante bicho. 100 kg de maconha você abastece toda região da Bahia. Olha a rota que ele faz, foi pego na Estrada do Coco. Ainda pega e diz: “Não, eu não tenho nada a ver com isso não. Eu fiz uma besteira”.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Tela dividida entre as imagens do apresentador de um lado, e do outro as imagens das sacolas de maconha, as armas. Posteriormente, passa o Corola branco novamente.

BOCÃO: Essa besteira ele já fez trezentas vezes. Cruzeiro e vezeiro. E ganha pra fazer isso aí. Ele ganha, ele é a mula. Ele é a mula de carro. Sabe quanto é que ele paga, quanto é que ele ganha? Um dia dinheiro gordo. “Filhinho você leve isso aqui até em Salvador, tome aqui dez mil”. Olha ele aí! As imagens se voltam ao alvo novamente.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Tela da TV é dividida agora com a imagem do apresentador e do alvo, que aparece filmado de cabeça baixa, algemado.

BOCÃO: Quer da uma de santo agora, por quê? Vai da uma de santo se tá levando. Tá sabendo o que tá levando. Um cara desse velho, pai de família.

CÂMERA: *Repete trechos da filmagem do alvo, onde ele diz: “Deu na cabeça e eu fiz isso aí, cai na besteira de fazer uma merda dessas e tô aqui”.*

BOCÃO: Interrompe dizendo: É! Você tava jogando frescobol na praia e resolveu levar. Isso é um marginal, um bandido, um crápula que abastece a região e coloca todo mundo dependente pra roubar e pra matar. Vagabundo rapaz e ainda vem com essa cara de santo, dizendo “não, não, isso aí não é nada não”. Né o quê? Você não é bandido, não?

Final da Reportagem

IPADÊ DISCURSIVO

5.6 SE LIGA BOCÃO – Episódio Nº 5: Homofobia, humilhação, sensacionalismo elementos que alimentam a reportagem.

TÍTULO: Paraibano de cabelo estiloso é preso acusado de tráfico.

LINK: <https://noticias.r7.com/bahia/se-liga-bocao/videos/paraibano-de-cabelo-estiloso-e-preso-acusado-de-traffic-27102015>

DATA: 03/04/2014 - 16h46. Atualizado em 27/10/2015

SUBTÍTULO: Acusado usa “xuxinha” no cabelo e diz que já viu homem usar calcinha.

TAGS: bocão; José Eduardo; se liga bocão;

DURAÇÃO: 10’27’’

HORÁRIO DE INÍCIO DA REPORTAGEM: 13’35’’

REPORTAGEM: Marcelo Castro.

IMAGENS: Rildo Paraíso

BG:

ESCOPO DA MATÉRIA

BOCÃO: Xuxa tá preso (2x). Prenderam Xuxa (*áudio de risada*). Marcelo Castro é o dono da matéria, sempre ele.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Homem branco, cabelo preto, blusa social roxa e usa óculos.

CÂMERA: [*Foco nos policiais nas motos, depois se locomove para acompanhar a saída do homem exposto da viatura.*]

MARCELO CASTRO: Olha, o flagrante nesse exato momento, policiais militares do Garra, policial trabalhando, guarnições do comando aqui do capitão Neres e também do soldado Adailton, a polícia militar trabalhando e esse rapaz, o cabeludo, foi preso agora, não é cabeludo?

CÂMERA: [*Foco no rosto do homem exposto.*]

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Tony balança a cabeça para cima e para baixo e desvia o olhar, está em pé ao lado da viatura, algemado, sem camisa e com bermuda, se trata de um homem branco com cabelo longo escuro, liso e preso com xuxinhas.

MARCELO CASTRO: Olha só o que a polícia encontrou com ele, papelote, trouxinhas de cocaína, né isso? O flagrante aqui da polícia militar.

CÂMERA: *[Foco no rosto do homem exposto. Em seguida, a câmera filma o produto que supostamente foi apreendido com o homem exposto em um saco, sendo aberto por um policial e depois filma o nome do grupo dos policiais militares “garra”.]*

MARCELO CASTRO: Ele vai conversar com a gente agora. Como é seu nome?

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma o homem exposto para inquirir o custodiado com toda a anuência da polícia militar, pois se encontram atrás da viatura com os policiais próximos ao local]*

HOMEM EXPOSTO: Tony Ramos

MARCELO CASTRO: Quantos anos, Tony?

TONY RAMOS: Tenho 33 anos

MARCELO CASTRO: 33 anos. E essa droga aqui que tava com você era para que?

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma o produto que supostamente foi apreendido com Tony, depois foca em Tony]*

TONY RAMOS: Era para mim vender e pagar, comprar alimentação para os meus filhos, que eu tenho dois filhos.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma o repórter e Tony atrás da viatura e nesse instante é o primeiro momento em que filma o rosto do repórter.]*

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Homem branco, cabelo preto, baixo, vestido com camisa polo listrada preta e branca, relógio e corrente dourada no pulso esquerdo

MARCELO CASTRO: Comprou isso aqui aonde, rapaz?

TONY RAMOS: Comprei no Pelaporco, senhor

MARCELO CASTRO: Pelaporco? Aqui tem boca, mas você saiu daqui para comprar lá

TONY RAMOS: Sim, senhor. Mas eu não tenho conhecimento, senhor, daqui

MARCELO CASTRO: E tava vendendo aqui na rua?

TONY RAMOS: Aqui sim, aqui na rua e no final de linha. Ai entrei aqui para dentro para dar um raio e fui surpreendido pelos rapazes ai da Garra.

MARCELO CASTRO: Você nasceu aonde?

TONY RAMOS: Nasci na Paraíba

MARCELO CASTRO: Paraibano, né Capitão? (se dirige aos policiais) Paraibano. Saiu da Paraíba para tocar terror aqui na Bahia

TONY RAMOS: Não, totalmente não assim.

MARCELO CASTRO: Não?

TONY RAMOS: Não.

MARCELO CASTRO: Tem entrada?

TONY RAMOS: Não.

MARCELO CASTRO: Primeira vez?

TONY RAMOS: Eu sou trabalhador, só que eu sair de um emprego, trabalhava no polo de Camaçari.

MARCELO CASTRO: E ai saiu para vender droga. Montou a guia de cocaína

TONY RAMOS: Bom, na verdade... (interrompido)

MARCELO CASTRO: Cada papelote aqui, Paraíba, é vendido por quanto?

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: O repórter pega um papelote dentro do saco atrás da viatura e mostra para Tony Ramos.

TONY RAMOS: Eu vendo a 10 reais, senhor.

MARCELO CASTRO: 10?

TONY RAMOS: É, sim.

MARCELO CASTRO: Fatura quanto ai por semana, por mês, uma média, por semana?

TONY RAMOS: Depende, se eu pegar de 10 ou de 15 dá para mim faturar

MARCELO CASTRO: Um dinheiro bom, né?

TONY RAMOS: Um dinheiro bom que dá para mim sustentar a família e meus vícios também, porque eu uso também.

MARCELO CASTRO: Crack?

TONY RAMOS: Não, Deus é mais

MARCELO CASTRO: Só pó?

TONY RAMOS: Só pó e maconha.

MARCELO CASTRO: Usa a quanto tempo, paraibano?

TONY RAMOS: Eu uso desde 92

MARCELO CASTRO: Há mais de 22 anos cheirando pó (tom sarcástico, volta o olhar para fora da filmagem, aparentemente, para os policiais)

TONY RAMOS: Fui usuário de crack, não sou mais

MARCELO CASTRO: Largou?

TONY RAMOS: Larguei quando fui trabalhar no polo de Camaçari.

MARCELO CASTRO: Trabalha para quem aqui na área?

TONY RAMOS: Não trabalho para ninguém

MARCELO CASTRO: Carreira solo é?

TONY RAMOS: Sim

MARCELO CASTRO: Tem certeza? (tom sarcástico)

TONY RAMOS: Absoluta, verdadeiramente

MARCELO CASTRO: Tem facção?

TONY RAMOS: Não, senhor

MARCELO CASTRO: Nada?

TONY RAMOS: Nada.

MARCELO CASTRO: E a arma, cadê?

TONY RAMOS: Não tenho arma.

MARCELO CASTRO: Traficante sem arma? *(tom sarcástico)*

TONY RAMOS: Não tenho, eu comecei agora, senhor

MARCELO CASTRO: Começou agora?

TONY RAMOS: Comecei agora, o tenente me perguntou e eu falei para ele que tem pouco tempo, meu senhor. Quer ir lá em casa, não vai lá em casa.

MARCELO CASTRO: Quer fala com as famílias, com os filhos?

TONY RAMOS: É...

MARCELO CASTRO: Vire aqui para a câmara do Bocão.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmara foca em Tony que olha para a câmara]*

TONY RAMOS: Me perdoe meu filho, me desculpa, meu filho. Que eu sei que você vai assistir mais a sua avó, seu pai está na mal situação, mas confia em Deus que vai sair, meu filho, seu pai é justo e verdadeiro. Obrigado.

MARCELO CASTRO: Que situação viu paraíba?

TONY RAMOS: Que situação né? É, sair dessa eu não volto mais não

MARCELO CASTRO: Não volta mais?

TONY RAMOS: Não volto mais, nunca fui, tô indo pela primeira vez, como homem, é meu, não é de ninguém

MARCELO CASTRO: Assumi tudo. Tem que ser homem *(entonação mais forte)*

TONY RAMOS: É meu (2x). Eu sou. É meu

MARCELO CASTRO: Vou falar com o soldado Adailton, comandante aqui da guarnição. Flagrante, né comandante?

CÂMERA: *[Nesse momento a câmara foca no corpo do soldado Adailton sem mostrar seu rosto]*

SOLDADO: Flagrante, com certeza. Vai ser conduzido ai agora a central de Flagrantes

CÂMERA: *[Nesse momento a câmara foca no rosto de Tony]*

MARCELO CASTRO: Informações que ele trafica aqui mesmo nessa rua, no fim de linha?

CÂMERA: *[Nesse momento a câmara foca no rosto do soldado]*

SOLDADO: Aqui mesmo nessa rua, aqui mesmo nesse local. Inicialmente, nós vínhamos atrás de outro indivíduo aí que conseguiu se evadir da guarnição, que possivelmente estava

armado e o que estava atrás da guarnição evadiu, mas nós conseguimos pegar ele ai com uma quantidade de drogas ai, aproximadamente 80 envelopezinhos com pó.

CÂMERA: [Nesse momento mostra o vídeo do produto supostamente apreendido no saco, sendo aberto pelo policial, depois filma Tony]

MARCELO CASTRO: Agora vei, seu cabelo tem um negócio, isso é o que? Moda? (tom sarcástico)

CÂMERA: [Nesse momento a câmera foca no rosto de Tony]

TONY RAMOS: Não (2x). Isso foi minha namorada que fez ontem.

MARCELO CASTRO: Quem?

TONY RAMOS: Minha namorada que fez ontem

MARCELO CASTRO: Ela fez?

TONY RAMOS: Foi

MARCELO CASTRO: E tá achando que tá lindo né? Tá bonito o cabelo? (2x) (tom sarcástico)

TONY RAMOS: Eu achei, mas...(interrompido)

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Tony demonstrando possível incômodo.

MARCELO CASTRO: É coisa de mulher, rapaz.

TONY RAMOS: É coisa de mulher, mas eu sou homem.

MARCELO CASTRO: É homem?

TONY RAMOS: Eu sou homem (entonação mais forte)

MARCELO CASTRO: E homem usa isso?

TONY RAMOS: Usa sim, também (entonação mais forte).

MARCELO CASTRO: E tudo bem?

TONY RAMOS: Também. Eu já vi homem usando calcinha.

MARCELO CASTRO: Usando o que? Calcinha?

TONY RAMOS: Já sim (2x) (entonação mais forte)

MARCELO CASTRO: Homem que é macho usa calcinha? (tom sarcástico) (áudio de risada)

TONY RAMOS: Eu já vi

MARCELO CASTRO: Eu nunca vi

TONY RAMOS: Eu já vi (entonação mais forte), se ele era boiola nunca deu pra desconfiar, mas eu já vi

MARCELO CASTRO: Calcinha na rua?

TONY RAMOS: Calcinha

MARCELO CASTRO: E ele era o que seu?

TONY RAMOS: Nada, era conhecido lá da Paraíba, né daqui não.

MARCELO CASTRO: Homem usando calcinha e você usa xuxinha? *(tom sarcástico, volta o olhar para fora de Tony e para fora da câmera)*

TONY RAMOS: Xuxinha, né?

MARCELO CASTRO: É cabra macho? *(tom sarcástico)*

TONY RAMOS: Sou cabra macho sim *(entonação mais forte)*.

MARCELO CASTRO: Retado? *(tom sarcástico)*.

TONY RAMOS: Retado

MARCELO CASTRO: Paraibano?

TONY RAMOS: Paraibano. Sou verdadeiro, não gosto de mentira *(entonação mais forte)*.

MARCELO CASTRO: Usando xuxinha, paraibano? *(tom sarcástico, áudio de risada)*

TONY RAMOS: Não faz diferença a xuxinha para a verdade, é? Para o caráter *(entonação mais forte)*

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: O repórter tira o olhar de Tony e olha para frente com cara de deboche.

MARCELO CASTRO: Usa calcinha também não? *(áudio de risada)*

TONY RAMOS: Uso cueca, senhor

MARCELO CASTRO: Que seu amigo tá usando calcinha.

TONY RAMOS: Não, uso cueca

MARCELO CASTRO: Cueca

TONY RAMOS: Uso cueca.

MARCELO CASTRO: Eu te chamo de que de xuxinha ou paraibano? *(tom sarcástico)*
(áudio de risada)

TONY RAMOS: Do que o senhor quiser, mas meu nome é Tony *(entonação mais forte)* ...
(interrompido)

MARCELO CASTRO: Tony?

TONY RAMOS: Tony Ramos.

MARCELO CASTRO: Tá bom, conversa de homem, né? *(tom sarcástico)*

TONY RAMOS: Conversa de homem, senhor *(áudio de risada)*.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma Tony sendo conduzido para o fundo da viatura pelos policiais, depois foca em Tony se ajeitando dentro da viatura e falando, depois o policial fechando a viatura]*

MARCELO CASTRO: Comando, pode conduzir aqui o rapaz. Preso em flagrante, policias militares do Garra. Agora, ele vai ser levado para a Central de Flagrantes no Iguatemi. É o trabalho aqui da polícia militar. O paraibano.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma a guarnição no trânsito com o áudio da sirene da polícia]*

MARCELO CASTRO: Olha só nossa equipe acompanhando guarnições do garra. É a polícia militar trabalhando. Paraibano preso, grampeado.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma o repórter]*

MARCELO CASTRO: Nossa equipe descendo em outro ponto junto com a polícia militar. É o Garra trabalhando.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma Tony algemado sendo conduzido por um policial em uma rua, depois o foco vai para o repórter em uma rua com mulher sentadas atrás e criança passando].*

MARCELO CASTRO: O Garra trabalhando. Guarnições aqui no comando do Capitão Neres. Área movimentada pelo tráfico. Informação de uma casa utilizada como ponto de tráfico. A informação levantada pela polícia, a outra guarnição está chegando aqui para dá apoio, área muito movimentada.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma Tony algemado sendo conduzido por um policial em uma rua, depois outros policiais chegando correndo].*

MARCELO CASTRO: E o paraibano ali na frente que vai mostrar os policiais essa casa. É o trabalho aqui da polícia, na engomadeira, área muito movimentada pelo tráfico. Ce mora na frente ali, né?

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma os policiais entrando na avenida da casa de Tony].*

TONY RAMOS: Sim, senhor

MARCELO CASTRO: A informação que a polícia levantou que tem mais droga ai

TONY RAMOS: Tem não, senhor (2x). Sou homem

MARCELO CASTRO: Vamos lá.

TONY RAMOS: Sou verdadeiro

MARCELO CASTRO: Aqui é o trabalho de formiguinha aqui do Garra. Primeiro, pegou o rapaz na rua traficando, os policiais levantaram outras informações e agora vão até aqui a casa utilizada como ponto. Vamos lá.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma os policiais conduzindo Tony em direção a porta de sua casa, depois foca em Tony].*

MARCELO CASTRO: A população sabe que você trafica?

TONY RAMOS: Não, senhor

MARCELO CASTRO: Ninguém sabe?

TONY RAMOS: Não, senhor.

MARCELO CASTRO: Tem certeza? *(tom sarcástico)*

TONY RAMOS: Nem a dona da casa, é até uma surpresa pra..

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma os policiais entrando na casa de Tony, logo em seguida, o repórter entra na casa para acompanhar a averiguação. Podemos perceber em vários momentos a parceria dos policiais com o repórter].*

MARCELO: Polícia vai entrar aqui, muito cuidado e cautela. Informação levantada que tem droga aqui na casa do paraibano. Vamos entrar aqui, venha cá Rildo. Vamo entrar aqui. Os policiais vão fazer as buscas.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma os policiais vasculhando um quarto, sempre apontando para o chão, sem mostrar o rosto dos policiais].*

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Dois policiais vasculhando um quarto com um colchão, televisão, ventilador, roupas, vasculhando no colchão, no travesseiro, nas roupas.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma os policiais conduzindo Tony em direção a porta de sua casa, depois foca em Tony].*

MARCELO CASTRO: Aqui é o local onde o paraibano dorme, né comando?

SOLDADO: Exatamente.

MARCELO CASTRO: Ele vive aqui?

SOLDADO: Exatamente. O mesmo informou que não tem nenhum tipo de entorpecente aqui, mas o nosso papel da polícia militar é fazer a averiguação e conduzir o mesmo a delegacia.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma um saco pequeno nas mãos do policial].*

MARCELO CASTRO: Saquinho aqui utilizado para a mistura, é isso?

SOLDADO: Isso aqui é utilizado para misturar com a droga para render mais. Ai mistura, pega a droga pura, mistura. faz um volume maior e dilui.

MARCELO CASTRO: O usuário está pensando que cheira né uma cocaína pura.

SOLDADO: Pura, mas na verdade é misturada com esse pó aqui.

CÂMERA: *[Sai de dentro da casa para filmar Tony]*

MARCELO CASTRO: Você cheirou hoje?

CÂMERA: *[Nesse momento foi feita uma edição da imagem de Tony repetindo o momento em que ele “gagueja”]*

TONY RAMOS: *(gagueja)* Eu cheirei, mas não foi essa coisa toda não.

MARCELO CASTRO: Quantas gramas?

TONY RAMOS: Não, não chegou a grama não, senhor

MARCELO CASTRO: Não?

TONY RAMOS: Não

MARCELO CASTRO: Quantos pacotinhos daquele ali?

CÂMERA: *[Zoom no rosto de Tony]*

TONY RAMOS: Tinha cheirado uns dois

MARCELO CASTRO: Dois?

TONY RAMOS: É (balançando a cabeça positivamente)

MARCELO CASTRO: Tá muito doido ai né? (*tom sarcástico*)

TONY RAMOS: Não, tô não (*áudio de risada*)

MARCELO CASTRO: Não

TONY RAMOS: Tô não...

MARCELO CASTRO: E a cocaína na cabeça

TONY RAMOS: Da maconha eu tô

MARCELO CASTRO: Fumou também

TONY RAMOS: Fumei (*áudio diferente da edição, aparentando risada*)

MARCELO CASTRO: Sério?

TONY RAMOS: Fumei

MARCELO CASTRO: Quantos cigarros?

TONY RAMOS: Um só, senhor

MARCELO CASTRO: Fumou maconha e cheirou pó

TONY RAMOS: Não... (*interrompido*)

MARCELO CASTRO: todo dia é isso, paraiba?

TONY RAMOS: Todo dia eu dou um raio e fumo baseado (*gagueja*)

VOZ AO FUNDO (não dá para identificar quem é, mas, aparentemente, um policial):
Você cheira quanto por dia (2x)

TONY RAMOS: Rapaz, depende senhor, depende, se eu tiver...(*interrompido*)

VOZ AO FUNDO (não dá para identificar quem é, mas, aparentemente, um policial):
Normalmente, cheira quanto?

TONY RAMOS: Normalmente, eu cheiro uns 12 (*áudio de risada*), normalmente, agora se eu tiver pernoitado, eu cheiro mais, não vou mentir

MARCELO CASTRO: Você cheira 12 saquinhos daquele por dia?

TONY RAMOS: Não..

MARCELO CASTRO: Se tiver em reggae?

TONY RAMOS: Não, totalmente, todo dia né, meu senhor

MARCELO CASTRO: Mas se tiver em reggae cheira quanto?

TONY RAMOS: Se tiver reggae vai para lá de 5 gramas

MARCELO CASTRO: 5 gramas?

TONY RAMOS: É

MARCELO CASTRO: E o nariz guenta?

TONY RAMOS: Sangra

MARCELO: Sangra é?

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: edição da imagem de Tony que colocou seu nariz “inflando” em tom depreciativo.

TONY RAMOS: (*balança a cabeça em forma de sim*) Mas eu sou verdadeiro, senhor

MARCELO CASTRO: Não, você tá sendo homem, né? Tá falando tudo

TONY RAMOS: Sim, to sendo sim (*entonação mais forte*). Não tenho ninguém, não tenho facção

MARCELO CASTRO: Nariz sangra?

TONY RAMOS: Sangra. Não tenho facção com ninguém.

MARCELO: Carreira solo? (*tom sarcástico*).

TONY RAMOS: Só e Deus.

MARCELO CASTRO: Essa vida vale a pena, paraíba

TONY RAMOS: Vale a pena não, senhor. Eu só gostaria que a pessoa de vocês se pudessem entregar a chave a dona da casa que mora ai. Eu já tô até devendo o aluguel e eu ia pagar hoje

CÂMERA: [*Nesse momento a câmera filma Tony algemado entrando no fundo da viatura, focando bem em suas expressões faciais, depois filma a guarnição levando Tony para a delegacia*].

MARCELO CASTRO: Capitão, ele vai seguir para 11^a, né?

SOLDADO: Vai

MARCELO CASTRO: Delegacia da área?

CAPITÃO: Delegacia da área, exatamente

CÂMERA: [*Nesse momento filma a guarnição chegando na entrada da delegacia, depois os policiais abrindo o fundo da viatura e Tony saindo da viatura todo suado, com cabelo e corpo molhado*].

MARCELO CASTRO: Olha só a guarnição chegando na 11^a delegacia em Tancredo Neves. Paraíba vai ser apresentado, preso em flagrante com cocaína. E ai, paraíba, tá de boa?

TONY RAMOS: Muito quente aqui

MARCELO CASTRO: Muito quente é?

TONY RAMOS: Ainda bem que vocês vieram rápido

MARCELO CASTRO: Imagine na carceragem? Na delegacia como é

TONY RAMOS: Ai

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Tony saindo da viatura algemado e o policial coloca as mãos em suas costas.

MARCELO CASTRO: Ein?

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera foca no corpo de Tony, depois segue filmando por trás dele sendo conduzido pelo policial que está com a mão na algema para entrar na delegacia].*

TONY RAMOS: É, eu nunca tive, é a primeira vez né

MARCELO CASTRO: Vai saber agora né?

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: O repórter coloca o microfone no rosto de Tony que já não responde mais.

MARCELO CASTRO: É o flagrante aqui da polícia militar, grupo Garra, e nossa equipe acompanha de perto aqui com total exclusividade o trabalho da polícia.

CÂMERA: *[Nesse momento a câmera filma a fachada da delegacia, em seguida, filma o repórter na entrada da delegacia.]*

Final da reportagem

IPADÊ DISCURSIVO

5.7 SE LIGA BOCÃO - Episódio nº 6: Causar dor para lucrar e lucrar com a dor causada a uma idosa.

TÍTULO: Casal de preso com droga na Ribeira.

LINK: <http://noticias.r7.com/bahia/se-liga-bocao/videos/casal-de-presos-com-droga-na-ribeira-17102015>

DATA: 02/07/2014, 15h36. Atualizado em 17/05/2015- 01h36.

SUBTÍTULO: Um casal de idade foi preso em flagrante com droga, no bairro da Ribeira, em Salvador.

TAGS: bocão; casal de preso com droga na ribeira; josé eduardo; se liga bocão.

DURAÇÃO: 10'53''

HORÁRIO DE INÍCIO DA REPORTAGEM: Não informado.

REPORTAGEM: Marcelo Castro.

IMAGENS: Rildo Paraíso.

BG: Casal de “Coroas” preso com muita droga na Ribeira.

ESCOPO DA MATÉRIA

CÂMERA: *[Inicialmente a câmera esta com o foco fechado no homem exposto em seguida a câmera expande o seu foco enquadrando o repórter e uma bandeira da Polícia Civil da Bahia, e por fim o foco vai se abrindo para mostrar a mulher exposta que encontra-se de costas para a câmera.]*

MARCELO CASTRO: Olha só! O senhor foi preso pelos policiais civis aqui da terceira delegacia, Bonfim. SI trabalhando! Polícia trabalhando! (Enfatiza em tom eloquente o repórter) O senhor é Tiago Lacerda, 63! Tem entrada?

TIAGO LACERDA: Tive uma em 2008, sair, depois parei.

MARCELO CASTRO: que artigo?

TIAGO LACERDA: foi o mesmo!

MARCELO CASTRO: 33, tráfico! E agora o senhor foi pego com muita maconha. Tem quanto ali comando?

VOZ OFF: Tem sessenta e... (O repórter interrompe em tom dramático).

MARCELO CASTRO: quase setenta dolão de maconha, quase setenta, né isso? Mostre ali Rildo, na mesa ali do policial.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Um homem branco de camisa branca social entrevistando um homem negro de camisa de cor escura e ademais uma bandeira da polícia civil estendida ao fundo. Em alguns momentos quando o zoom da câmera se expande observa-se uma mulher branca aparentemente idosa de camisa verde e cabelo preso virada de costas para a câmera.

CÂMERA: *[A câmera vai girando e capta a mulher exposta de costas e um homem exposto que aparentemente não faz parte do enredo jornalístico da reportagem em cotejo, mas que encontra-se sentado e de cabeça baixa, logo não querendo mostrar o rosto. Prosseguindo nessa perspectiva, por fim a câmera foca na mesa da delegacia onde a maconha apreendida encontra-se enfileirada em um formato em que seja possível extrair a mensagem Terceiro Distrito, numa referência a terceira delegacia da Polícia Civil situada no Bonfim.]*

MARCELO CASTRO: Quase setenta dolão de maconha. Cada dolão o senhor vende por quanto?

TIAGO LACERDA: 50 (cinquenta).

MARCELO CASTRO: 50 (cinquenta) reais.

TIAGO LACERDA: Eu pego lá na laje, sempre pego lá um quilo, pá poder fazer, e ela não entra em nada.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Uma mesa aparentemente de uma repartição pública com pacotes de maconhas embrulhados em papel alumínio, organizados de uma forma que é possível extrair a mensagem: terceiro distrito, em alusão a terceira delegacia da polícia civil situada no Bonfim.

CÂMERA: *[A câmera nesse momento vai retornando o foco para Tiago Lacerda mostrando novamente um homem branco de camisa verde e a mulher de certa idade que aparentemente fora presa com Tiago Lacerda, circunstância que é possível extrair da chamada da respectiva reportagem que a todo momento enfatiza a elevada idade das pessoas que foram presas em flagrante]*

MARCELO CASTRO: O senhor pega onde a droga?

TIAGO LACERDA: Eu pego na ...lá na ... (o repórter interrompe).

MARCELO CASTRO: Engomadeira?

TIAGO LACERDA: Sim

MARCELO CASTRO: e usa também?

TIAGO LACERDA: Uso

MARCELO CASTRO: Usa? (O repórter faz a mesma pergunta novamente em tom pejorativo, desse modo faz-se possível depreender do enredo jornalístico que, parece ser uma estratégia jornalística repetir as perguntas que imputam algum juízo de valor sobre a pessoa exposta).

TIAGO LACERDA: Uso.

MARCELO CASTRO: Há quanto tempo?

TIAGO LACERDA: Há tempo!

MARCELO CASTRO:30(trinta),40(quarenta) anos?

TIAGO LACERDA: Mais! eu sou totalmente...como é que chama? dependente.

MARCELO CASTRO:O senhor é dependente da maconha?

TIAGO LACERDA: E tem uma coisa eu quero aproveitar a oportunidade pra dizer, vendo mais para sustentar a mim também, entendeu?

MARCELO CASTRO: O senhor vende droga pra?

TIAGO LACERDA: Pra me sustentar, minha sustentação, comprar meu cigarro, meu pão, minha própria maconha para fumar, entendeu?

MARCELO CASTRO: E porque não procurou trabalhar Lacerda?

TIAGO LACERDA: Isso aí agora... a casa caiu meu irmão! Eu vou ter que cumprir a minha, tudo aí é meu, o pessoal não entra em nada, entendeu!

MARCELO CASTRO: E a coroa aqui?

CÂMERA: *[A câmera nesse momento expande o zoom para captar a mulher exposta que continua de costas para a câmera, nesse instante Tiago Lacerda se posiciona na frente da câmera numa tentativa de não filmem a “coroa” como descreve o repórter fazendo uma referência a idade da mulher]*

TIAGO LACERDA: Não entra em nada! Nada! Nada!

MARCELO CASTRO: A informação é que ela guardava as drogas.

TIAGO LACERDA: Não, eu tive na casa dela hoje, informação dá onde? Eu tive na casa dela hoje.

MARCELO CASTRO: E a droga foi encontrada lá?

TIAGO LACERDA: Hoje eu cheguei lá na casa dela ... (Tiago Lacerda gagueja e não consegue concluir o final da frase) ...Não entra em nada ela! Ela não entra em nada! Não entra em nada! Eu quero agora paz, sair, cumprir, levar minha vida sossegado, sempre tem a última mão, essa foi a última minha.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Um homem branco entrevistando um homem negro, e uma mulher branca de costas para a câmera. Cenário este, que mantém-se durante longo período da reportagem com algumas alterações circunstâncias.

MARCELO CASTRO: Essa vai ser a última, tem certeza.

TIAGO LACERDA: Vai, vai, tento certeza.

MARCELO CASTRO :Agora o senhor já tem um bom tempo ali na Ribeira.

TIAGO LACERDA: Exato.

MARCELO CASTRO: Um bom tempo ali na Ribeira traficando, traficando, é mentira do reporter ou não é?

TIAGO LACERDA:Não, não.

MARCELO CASTRO: Então.

TIAGO LACERDA: Agora tem uma coisa, é cumprir, é longa mas não é eterna ... e sair recuperado, sair na paz do senhor, ter deixado o vício.

MARCELO CASTRO: Tranquilidade!

TIAGO LACERDA: Me aposentar agora, tô perto de ser avô já, tenho família, tô pedindo perdão a minha mãe a meus irmão que estão me assistindo.

MARCELO CASTRO: A coroa sofre.

TIAGO LACERDA: Todo mundo, eu peço perdão agora em público, a minha mãe, a meus amigos.

MARCELO CASTRO :Fale aqui agora na câmera do Bocão!

CÂMERA: *[A câmera fecha no rosto de Tiago Lacerda durante esse momento e aos poucos vai expandindo o zoom novamente.]*

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Um homem negro careca de idade avançada, usando óculos e uma camisa de cor escura.

TIAGO LACERDA: Meus amigos, minha mãe, entendeu como é? eu tenho que pedir perdão, entendeu? Vou lá cumprir isso aí, vou sair livre, e tenho certeza que vou sair purificado.

MARCELO CASTRO: O senhor fatura mais ou menos quanto por semana?

TIAGO LACERDA: Ah não, não...isso aí.

MARCELO CASTRO: Ali tem cada 70(setenta dolões) cada por 50(cinquenta)!

TIAGO LACERDA: É ali a gente tira ... a gente tira... a gente cobra 1200(mil e duzentos)... chega a 3000(três mil), três mil e pouco.

MARCELO CASTRO: 2000(dois mil) por semana!

TIAGO LACERDA: Não ... não sei por semana... não chega a isso tudo não. E tem... eu sou peixe pequeno. Eu sou tubarãozinho. Eu...

MARCELO CASTRO :Mas trafica né?

TIAGO LACERDA: E minha caminhada é eu só, tem ninguém comigo.

MARCELO CASTRO: Tem arma?

TIAGO LACERDA: Eu não...arma...Eu não mato ninguém não meu irmão

Horário da Reportagem:2'53''

MARCELO CASTRO: Porque traficante as vezes usa arma neh? Na maioria das vezes.

TIAGO LACERDA: Não. Não uso e tem uma coisa, minha caminhada é carreira solo, não tem ninguém.

MARCELO CASTRO :Carreira solo?

TIAGO LACERDA: Solo, solo, entendeu?

MARCELO CASTRO: Carreira solo?

TIAGO LACERDA: Solo.

MARCELO CASTRO :E o pó?

TIAGO LACERDA: Não.

MARCELO CASTRO: Crack? Nada?

TIAGO LACERDA: Não uso, não gosto, condeno.

MARCELO CASTRO: Só a maconha?

TIAGO LACERDA: Pó, pedra, não uso, não gosto, tem nada a ver.

MARCELO CASTRO: E você usa isso aí, bate uma onda, como é?

TIAGO LACERDA: Não, só onda, só bate a onda, e o pessoal não tem nada a ver, não tem nada a ver o pessoal!

MARCELO CASTRO: E vale a pena rapaz?

TIAGO LACERDA: No momento, aqui agora para falar a você.

MARCELO CASTRO :Vale a pena?

TIAGO LACERDA: Agora não, não vale a pena não, nada vale a pena agora.

MARCELO CASTRO: Agora o senhor tá preso, nunca vale a pena, mas quando tá traficando?

TIAGO LACERDA: Como diz é longa mais não é eterna né.

MARCELO CASTRO: Daqui a pouco tá solto?!

TIAGO LACERDA: Não sei, se eu sair tenha certeza que vai ser outra vida, outro ritmo.

MARCELO CASTRO: Vai mudar?

TIAGO LACERDA: Pó, agora tem que mudar parceiro, tá na hora.

MARCELO CASTRO :63(sessenta e três) anos e isso aí.

TIAGO LACERDA: É, já.

MARCELO CASTRO: É brincadeira.

TIAGO LACERDA: O último dos moicanos.

MARCELO CASTRO: O último do que?

TIAGO LACERDA: Dos moicanos, eu sou o último dos moicanos, então ta na hora ...

MARCELO CASTRO: De parar, tomar vergonha na cabeça!

TIAGO LACERDA: Vergonha não que eu tenho, emprego, o país, o país quer o que? o país quer copa do mundo.

MARCELO CASTRO: Gringo já comprou drogas na sua mão?

TIAGO LACERDA: Já sim, já!

MARCELO CASTRO: Na copa agora!?

TIAGO LACERDA: Oxen, e gastam!

MARCELO CASTRO: Comem que nem farinha.

TIAGO LACERDA: Gastam eles, gostam.

MARCELO CASTRO: Que nem farinha?

TIAGO LACERDA: É.

MARCELO CASTRO: A coroa é Alinne Moraes de 56(cinquenta e seis) anos. Qual é a situação dela?

CÂMERA: *[A câmera mostra pela primeira vez a imagem do rosto de Mari, entretanto tal cena parece ter sido filmada num momento anterior a reportagem. Em seguida a câmera prossegue com a filmagem ao vivo.]*

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Uma mulher branca chorando com as mãos cruzadas como se estivesse orando.

TIAGO LACERDA: Ela não entra em nada, eu fui na casa dela, ia lá fumar unzinho, mas ela não entra em nada.

MARCELO CASTRO: A informação que a polícia tem é que a droga tava na casa dela, neh isso?

TIAGO LACERDA: Mas...

MARCELO CASTRO: Tava na casa dela.

VOZ OFF: Fala algo que não é possível identificar.

MARCELO CASTRO: Eu vou falar com o policial aqui, sem mostrar o rosto, né comando, sem mostrar o rosto, tava na casa dela?

VOZ OFF: É as drogas o policial encontrou na casa dela, e ela confirmou que fez esse favor para ele, que conhece ele a muito tempo, apesar de segundo ela não ter nenhum relacionamento íntimo, mas guardou a drogas na casa dela sabendo que ele era traficante de drogas.

CÂMERA: *[A câmera foca em Tiago Lacerda que faz um semblante de negação referente a fala do policial.]*

MARCELO CASTRO: Então já tem um relacionamento aí?

VOZ OFF: Na verdade...

MARCELO CASTRO: Um relacionamento profissional?

VOZ OFF: Exatamente, se ela sabia, então ela vai entrar também no flagrante de associação ao tráfico.

MARCELO CASTRO: Vai entrar?

VOZ OFF: Vai sim.

MARCELO CASTRO: A senhora tá presa. De acordo com a polícia Alinne Moraes.

CÂMERA: *[A câmera foca em Alinne Moraes, que mantém-se de costas para gravação.]*

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Uma mulher branca de camisa verde, cabelo preso, de costas para a filmagem.

MARCELO CASTRO: É o momento de se defender. Não quer falar?

TIAGO LACERDA: Não, não, não.

MARCELO CASTRO: É o que coroa?

TIAGO LACERDA: Deixa ela em paz, ela não entra em nada.

MARCELO CASTRO: Mas o senhor guardava droga na casa dela?

TIAGO LACERDA: Nada, não, não guardava, cheguei hoje, tinha tempo... (Defeito no áudio) ...ela tá te procurando, procurando o que? tinha tempo que eu não ia nem lá, tá sumido, tinha mais de dois meses.

MARCELO CASTRO: Por que sumiu assim?

TIAGO LACERDA: Porque não tinha nada, tinha tempo que a gente para, dá uma paradinha, aí veio Copa do Mundo, comprar um quilinho ali pra gente, fazer um dinheirinho tal...

MARCELO CASTRO: se empolgou?

TIAGO LACERDA: Mas isso não é um negócio eterno, eu tava sossegado, vocês tavam muito tempo atrás de mim? não! Eu tava na paz, andava na Ribeira, tranquilo, sem nada, entendeu? E foi alguém que entregou aí, algum pilantra, alguma pessoa, “Oi tô com raiva do coroa, o coroa tá vendendo alguma coisa!”

MARCELO CASTRO: Caguetaram o coroa foi?

TIAGO LACERDA: Oxe, oxe!

MARCELO CASTRO: O que mais tem é cagete né?

TIAGO LACERDA: O que mais tem, mas é isso aí meu irmão.

MARCELO CASTRO: Tem raiva?

TIAGO LACERDA: Raiva de ninguém pai.

MARCELO CASTRO: E o caguete?

TIAGO LACERDA: Não devemos ter raiva de ninguém.

MARCELO CASTRO: E o caguete?

TIAGO LACERDA: não, não, não tenho (risos) acho que agra é o seguinte, é tirar a cadeia.

MARCELO CASTRO: de boa.

TIAGO LACERDA: Entendeu, é longa.

MARCELO CASTRO: Ela tá chorando aqui, ela tá chorando aqui mostra aqui o, quer se defender Alinne?

CÂMERA: *[A câmera volta focar em Alinne que continua de costas para a filmagem.]*

TIAGO LACERDA: Ela não tem porque se defender.

MARCELO CASTRO: Por que?

TIAGO LACERDA: Ela não entra em nada, porque ela não entra em nada.

ALINNE MORAIS: Moço, como é que eu vou ser associada ao tráfico se eu nem sei de nada moço, nunca fiz nada, meu deus!

TIAGO LACERDA: Isso não existe isso aí.

MARCELO CASTRO: Ela confessou aos policiais que guardava a droga do senhor Sr. Tiago?

ALINNE MORAIS: Primeira vez que ele chegou!

MARCELO CASTRO: Foi o que?

ALINNE MORAIS: Foi a primeira vez que ele chegou lá assim velho.

MARCELO CASTRO: E a senhora guardou a droga?

ALINNE MORAIS: Pelo amor de deus!

TIAGO LACERDA: Deixa ai...

MARCELO CASTRO: É o que?

TIAGO LACERDA: Eu vou voltar daqui a pouco e vou, e vou ...não foi nada de..

MARCELO CASTRO: Isso ai o senhor vende e uma tarde não é? Mais ou menos assim, três quatro horas vende tudo.

CÂMERA: *[A filmagem mostra a voltar a imagem da mesa com os dolões de maconha, organizado de uma forma que é possível extrair a mensagem: 3 D.T.]*

TIAGO LACERDA: É uma tapa, acabou encerrou, já foi.

MARCELO CASTRO: Depois tem outra remessa.

TIAGO LACERDA: Depois vou lá de manhã cedo, cedinho, compro mais um quilo, é né, lá.

ALINNE MORAIS: Choro de Alinne.

MARCELO CASTRO:É o que Alinne? A senhora confessou ao policial que guardo as drogas!

ALINNE MORAIS: Choro de Alinne.

MARCELO CASTRO: Quer falar? Ela confessou né comando? Vale salientar que o importante é isso né?

ALINNE MORAIS: Choro de Alinne.

CÂMERA: *[A câmera volta a mostra as gravações que foram feitas do rosto de Alinne, no momento anterior a reportagem e aparentemente sem a sua autorização.]*

DESCRICAÇÃO DA IMAGEM: Uma mulher branca de cabelo preso chorando com as mãos cruzadas como se estivesse rezando.

Horário da Reportagem:6'53''

VOZ OFF:É, porque no entendimento dela de leigo, ela tá achando que o fato de ela não vender, então, isenta ela, mas o código é bem claro, você guardar, esconder e foi o que ela disse, inclusive ela sabe até qual é o valor de cada dolão de maconha.

MARCELO CASTRO: Ela disse.

VOZ OFF:50 (cinquenta) reais.

ALINNE MORAIS: Choro de Alinne, e ruído como se ela tivesse dito algo.

MARCELO CASTRO: É o que Alinne?

ALINNE MORAIS: Qualquer pessoa conhece isso aí velho

MARCELO CASTRO: Tem certeza?

ALINNE MORAIS: Lógico.

MARCELO CASTRO: Agora a história já começa a mudar. O senhor sabe que ela guardava as drogas? Ninguém aqui é menino aqui, né. O senhor sabe que ela guardava as drogas

ALINNE MORAIS: Tá tentando fazer isso. Incriminar uma pessoa que não faz, não é possível isso vei, choro de Alinne.

MARCELO CASTRO: A senhora ganhava dinheiro para isso?

ALINNE MORAIS: Nunca ganhei um centavo, pelo amor de deus.

TIAGO LACERDA: Falo algo, tenta intervir.

MARCELO CASTRO: E porque guardava as drogas?

ALINNE MORAIS: Foi a primeira vez que ele deixou isso lá, foi a primeira vez.

TIAGO LACERDA: Tiago fala algo.

MARCEL CASTRO: É o que Tiago?

TIAGO LACERDA: Isso não é verdade rapaz, e eu vou cumprir, cumprir.

ALINNE MORAIS: Ruído da voz de Alinne, como se ela quisesse falar algo.

MARCELO CASTRO: É o que?

ALINNE MORAIS: Eu tenho minha família, vivo feliz com a minha família, por favor, eu associada ao tráfico pelo amor de deus! Choro de Alinne. Isso não está acontecendo na minha vida, choro de Alinne, ó a boca que você me meteu Tiago.

CÂMERA: *[A câmera novamente mostra as gravações do rosto de Alinne, em que a mesma encontra-se chorando e com as mãos cruzadas como se estivesse orando e em seguida foca em Alinne que está de costas para filmagem aparentemente chorando]*

MARCELO CASTRO: Tiago, iai?

TIAGO LACERDA: Eu não entendo isso

MARCELO CASTRO: Você meteu ela nessa situação? Ela que tá dizendo aí.

TIAGO LACERDA: Ela tá falando.

MARCELO CASTRO: Comando quem quiser passar informações o telefone de contato aqui do SI?

CÂMERA: *[A câmera foca em Alinne que continua de costas para a câmera e chorando]*

VOZ OFF: 31176514 o telefone do SI ou 31176510 da delegada titular doutora Heleneci.

MARCELO CASTRO: Olha só a coroa, a Alinne tem 56(cinquenta e seis) anos o outro aqui Tiago meia três, meia três né? meia três. Daqui a pouco já vai entrar no ônibus sem pagar passagem.

TIAGO LACERDA: Não, já não pago.

MARCELO CASTRO: Já não paga? Por que?

TIAGO LACERDA: Não, carteira.

MARCELO CASTRO: Carteira?

TIAGO LACERDA: Depois de sessenta não paga mais.

MARCELO CASTRO: Depois de 60(sessenta) né?

TIAGO LACERDA: Quer ver uma coisa daqui a dois anos meia cinco eu to aposentado.

MARCELO CASTRO: Tá aposentado?

TIAGO LACERDA: Tá tranquilidade, então tá na hora de parar, pensei ai não faço esporte, não faço... (o reporter interrompe).

ALINNE MORAIS: Choro de Alinne.

MARCELO CASTRO: Olhe para aí como ela está, ela está chorando.

TIAGO LACERDA: Tiago questiona o repórter sobre o tratamento dado a Alinne.

MARCELO CASTRO: Eu não estou apertando não. Eu estou falando com o senhor. O que foi Alinne?

ALINNE MORAIS: Eu quero ir para minha casa gente, eu quero ir para minha casa, choro de Alinne.

MARCELO CASTRO: A senhora fuma maconha.

CÂMERA: *[A câmera insiste em mostrar a gravação que mostra o rosto de Alinne]*

ALINNE: Eu fumo moço, eu fumo.

CÂMERA: *[Nesse momento Alinne aparece de costas para a gravação e o repórter coloca o microfone na boca de Alinne]*

MARCELO CASTRO: Há quanto tempo fuma?

ALINNE MORAIS: Eu fumo moço.

MARCELO CASTRO: É certo fumar maconha? É certo usar droga.

ALINNE MORAIS: Mas eu fumo, choro de Alinne.

MARCELO CASTRO: Lá é ponto de drogas é, de tráfico, de uso?

TIAGO LACERDA: Não.

VOZ OFF: Ele tá dizendo aqui que o pessoal vai para lá usar, ele tá dizendo aqui que o filho dela ...

MARCELO CASTRO: O filho falou o que comando?

VOZ OFF: Segundo o filho dela aqui ele leva os usuários lá para casa dela para fumar lá também.

Horário da reportagem: 9'52''

MARCELO CASTRO: O filho entra em alguma coisa?

VOZ OFF: Não, ele até agora no momento, inclusive eu já chequei aqui o sistema e não consta nada, agora ela é que chegou aqui, ela assumiu que sabia que era droga, guardou sabendo e sabe do valor.

CÂMERA: *[A câmera continua filmando Tiago e Alinne que continua de costas e em seguida mostra a gravação da mesa com as drogas onde é possível extrair-se a mensagem: 3 D. T.]*

MARCELO CASTRO: É o que Alinne?

ALINNE MORAIS: Choro de Alinne.

MARCELO CASTRO: A senhora então reconhece que fuma, agora pouco confessou aos policiais que guardou as drogas, agora perante aqui a imprensa não quer falar.

ALINNE MORAIS: Não moço, eu vou dizer que... ele chegou na minha casa o negócio tava lá, como é que eu vou dizer que não estava, mas eu não faço isso, não tráfico, não tenho associação nenhuma a tráfico, a meu deus não ganho dinheiro nenhum com isso, nenhum.

MARCELO CASTRO: Trabalho aqui dos Policiais Civis, temos que valorizar o trabalho desses guerreiros da terceira delegacia, tá aqui o casal preso acusado aí de tráfico e associação ao tráfico de drogas, vão seguir para o núcleo de prisão em flagrante da secretaria de segurança pública, tá aqui o flagrante na terceira delegacia no Bonfim.

Final da Reportagem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confesso as/aos senhoras/es que a trajetória de desenvolvimento deste trabalho foi extremamente tortuosa, para um homem negro, de santo, pai, militante e trabalhador, concluir o ciclo da pesquisa trilhando os caminhos necessários para encerrar esse processo e apresentar o melhor que possa oferecer intelectualmente não está sendo fácil, na real é extremamente difícil. A esta altura do campeonato as outras demandas da vida me pressionam de uma forma que construir a possibilidade de me concentrar no processo de escrita exige um esforço descomunal.

Dito isto, vamos ao que mais interessa, a discussão central deste trabalho. Demonstrei exaustivamente que o alvo principal dos programas policiaiscos, especialmente o “Se Liga Bocão”, é o jovem negro. Como também demonstrei que as representações sociais da corporalidade negra expressas nestes programas reproduzem e produzem significados extremamente negativos, estereótipos e se comunicam, ou melhor, se articulam com o contexto racial municipal, estadual, nacional e internacional em que o programa está imerso.

Além disso, ao decupar os dados quantitativos produzidos por mim da fonte primária que são as reportagens, percebi a relação íntima constituída entre os veículos de comunicação através destes programas e as forças policiais, a denominação de programas policiaiscos é certa. Não somente por ter um foco em casos policiais, mas principalmente por servir como correia de transmissão da narrativa ideológica das forças policiais, tendo inclusive por diversas vezes funcionado como palanque para as pretensões políticas de membros das corporações.

Ademais, a reprodução da ideologia racial, a objetificação do corpo negro, o qual é utilizado para promover os suplícios diários do fantástico show de horrores veiculados por tais programas, também servindo como vetor de políticas assistencialistas de caridade para construir uma ideia de benevolência das/os âncoras e como tática de aproximação do público negro/a, pobre e morador de periferia que representa a maior fatia da audiência.

Logo, os programas policiaiscos se articulam com o poder legislativo sendo palco privilegiado para consubstanciar aspirações políticas de apresentadoras/es e membros das forças políticas, além de interferir na elaboração e rumos de políticas públicas. Também se articulam com os poderes executivos, garantindo a continuidade dos programas sem questionamentos, vide a presença corriqueira de chefes de Estado e funcionários do primeiro

escalão de governo para serem entrevistados, bem como com o poder judiciário cumprindo o papel de agência executiva de controle penal como categorizou a professora Ana Flauzina.

Estes elementos em conjunção que me tencionam a construir a categoria da trama racial, os programas policialescos não funcionam isoladamente, como já trouxe anteriormente⁶⁷, eles têm papel fundamental na engenhosidade do Estado neocolonial. O apagamento e destruição da memória de pessoas negras que são expostas nas reportagens ou executadas pela instituição policial, a amplificação de narrativas que justifiquem a letalidade, o punitivismo e o superencarceramento da população negra, a reprodução de representações sociais estereotipadas de pessoas negras, o *In Dubio pro Hell*⁶⁸ (*na dúvida vá para o inferno*), ou seja, a presunção de culpa, antecipação da condenação e o culto a morte expressos em retóricas do tipo “bandido bom é bandido morto”. Digo isto porque o julgamento e a condenação das pessoas negras expostas são feitos ao vivo no programa e estão a serviço do projeto de limpeza étnica da supremacia branca desde os tempos coloniais. Quero dizer com isso que os programas policialescos cumprem papel decisivo no locus da guerra racial interna empreendida contra povos negros e originários a contar de quando os brancos assaltaram e invadiram essas terras.

Nesta perspectiva, o supremacismo branco tece várias teias na sua *trama racial* de destruição e controle da população negra e indígena, por dentro e por fora do Estado. Exemplo disso foram as políticas internacionais adotadas nas primeiras décadas da República. A partir de 1930, o país passou por um processo de industrialização, de modo que o Estado brasileiro potencializou a política de imigração para atrair brancos/os de toda parte do mundo, italianas/os, iberas/os, alemãs/ães, japonesas/es, em especial os povos da Europa, com o intuito de que estes ocupassem o espaço da mão de obra assalariada. Além de também dar continuidade ao processo de eugenia inspirado nas teorias científicas que propunham erradicar o negro por meio da miscigenação. Para Nascimento (1978, p. 85), “a orientação predominante racista da política imigratória foi outro instrumento básico nesse processo de embranquecer o país”. O processo de eugenia por meio da imigração e mestiçagem esteve presente nas políticas do Estado e na narrativa de diversos intelectuais representantes da elite nacional ou que a influenciavam naquele período. Isto posto, para fins desta pesquisa é de nosso interesse passear de forma dialógica entre os conceitos de genocídio do negro brasileiro

⁶⁷ Ver página 68-69.

⁶⁸ *In dubio pro reo* é um instituto principiológico do direito que afirma “na dúvida, a favor do réu”, também conhecido como princípio da presunção da inocência. Neste caso parafraseio o título do livro de Alexandre Moraes da Rosa “*In dubio pro Hell*”: profanando o sistema penal, para afirmar a existência de uma presunção de culpa fundamentada pela ideia do criminoso nato. Para o Estado Neocolonial não existe dúvida, existe um projeto funcionando a pleno vapor de mandar as pessoas negras e indígenas para o “inferno”.

(NASCIMENTO, 1978), necropolítica (MBEMBE, 2016) e “dispositivo racial” (CARNEIRO, 2005), por compreender que a partir desse diálogo se fará possível mergulhar em partes nas complexidades do racismo, da relação do Estado com a população negra no Brasil e algumas das suas consequências. Carneiro (2005) instrumentaliza o conceito de dispositivo de Foucault, para compreender a realidade das relações raciais no mundo e no Brasil. Sob sua ótica dispositivo em Foucault (2002, p.38)., “é sempre um dispositivo de poder, que opera em um determinado campo e se desvela pela articulação que engendra de uma multiplicidade de elementos, pela relação de poder que entre eles se estabelece”.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995

BARCELLOS, Alice. **Enquadramento noticioso: as juventudes nos telejornais da grande vitória**. 2020, 185f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades), Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. **Lei nº 13.869, de 5 de Setembro de 2019. Dispõe sobre os crimes de abuso de autoridade; altera a Lei nº 7.960, de 21 de dezembro de 1989, a Lei nº 9.296, de 24 de julho de 1996, a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, e a Lei nº 8.906, de 4 de julho de 1994; e revoga a Lei nº 4.898, de 9 de dezembro de 1965, e dispositivos do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal)**. Brasília, 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese de Doutorado.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da violência 2019**. 2019.

CONCEIÇÃO, Fernando. **Nossa Escravolândia - Sociedade, Cultura e Violência: do Pitoresco ao Perverso**. São Paulo. Terceira Margem, 2015.

DA SILVA FERREIRA, Poliana; CAPPI, Riccardo. **Contando as mortes de jovens negros: narrativas de um real insustentável**. Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades, n. 238, p. 543-567, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

CALAZANS, Márcia Estevesde [et al.] **A espacialização da morte e padrões mórbidos de governança espacial: homicídios de jovens em Salvador 2010-2015**. Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades, n. 238, p. 568-594, 2016.

CALAZANS, Márcia Esteves de [et al.]. **Criminologia crítica e questão racial**. Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades, n. 238, p. 450-463, 2016.

DUARTE, Evandro Charles Piza. **Criminologia e Racismo: introdução ao processo de recepção das teorias criminológicas no Brasil**. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

DUARTE, Evandro Piza. **Criminologia e Racismo**. Curitiba: Juruá, p. 82, 2002.

FERREIRA, Giovandro Marcus et al. **A construção da violência na televisão baiana: um estudo dos programas Se Liga Bocão e Na Mira**, Salvador, UFBA, p.109, 2011.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro**. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel; GALVÃO, Maria Ermantina. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. 1999.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5 ed., São Paulo: Edições Loyola, 1999b.
- GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Editora 34, 2001.
- GOES, Emanuelle Freitas. **Racismo, aborto e atenção à saúde: uma perspectiva interseccional**. 2018.
- GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura Brasileira**. ANPOCS. Brasília, 1984.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (Org.). Belo Horizonte: editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos pagu, n. 5, p. 7-41, 1995.
- INFOPEN. **Levantamento nacional de informações penitenciárias: atualização-junho de 2016**. 2017.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. Arte & Ensaios. Revista do ppgav/eba/ufrrj, n. 32, 2016.
- MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF–Dossiê: Literatura, língua e identidade, v. 34, p. 287-324, 2008.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. - 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Paz e Terra, 1978.
- OLIVEIRA, Jesiel. **O sexo da “raça”: identidade, escravidão e patriarcalismo em A gloriosa família**, de Pepetela. IPOTESI–REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS, v. 14, n. 2, p. 143-157, 2010.
- OLIVEIRA, Tamiz. **Mãe que é mãe no parto sente dor?: reflexões acerca da construção da maternidade da mulher negra, da gestação ao puerpério**, 2019.
- PINHO, Osmundo de Araújo. **O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação**. Cadernos pagu, n. 23, p. 89-119, 2004.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do saber, eurocentrismo e América Latina**. A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais, Buenos Aires: Clacso Livros, 2005.
- RODRIGUES, Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, Rua dos Ouriveis, 95, 1894.
- SANTOS, Hamilton Borges. **Teoria geral do fracasso**. Salvador: Quilombo Xis/ Reaja. 2017.

SEMOG, Ele; NASCIMENTO, Abdias. **Abdias Nascimento**: o griot e as muralhas. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2006

SILVA, Rodrigo Barbosa. **Criminalidade na Televisão Baiana**: o telejornal policial Se Liga Bocão e os relatos dos sujeitos privados de liberdade. 201. 281f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) em Antropologia Social e Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ZITO, Joel. **A negação do Brasil**: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Senac, 2000.